

CMP2.31.5

ACADEMIA CAMPINENSE DE LETRAS

1956 - 1968

Primeiras providências para a instalação da Academia Campinense de Letras

Funcionará como entidade autônoma, devendo desen volver marcante influência no panorama cultural de cidade

A idéia de fundação da Academia Campinense de Letras, lançada pela Secretaria de Cultura e Higiene da Prefeitura, encontrou, como era de se esperar, a melhor acolhida nos círculos intelectuais da cidade, unânimes em proclamar o alto alcance e os benefícios resultantes da iniciativa. A reunião ontem realizada numa das dependências daquela Secretaria, no Teatro Municipal, reuniu uma pleiade de expressivas figuras das letras do magistério, que num ambiente de entusiasmo debateu o assunto nos seus diversos aspectos, estabelecendo as bases da fundação da Academia.

Achavam-se presentes o prof. Francisco Ribeiro Sampaio, Secretário de Cultura e Higiene, jornalista Luso Ventura, dr. Mangabeira Albernaz, dr. Teodoro de Souza Campos Junior, prof. Armando dos Santos, poeta Heladio de Brito, dr. Herculano Gouveia Netto, prof.

Stenio Pupo Nogueira, dr. Carlos F. de Paula, prof. Mario Giannini e dr. Waldemar Cesar da Silveira, apresentando excusas pelo não comparecimento, motivado por força maior, o prof. Benedito Sampaio, mons. Emilio José Salim, dr. Carlos Foot Guimarães, dr. Antonio Leite Carvalhaes, prof. Amaral Lapa, dr. Antonio Costa Neves Junior, dr. Roberto Pinto de Moura, sendo que todos esses elementos foram considerados integrantes do núcleo inicial da Academia, que pode, portanto, ser considerada uma iniciativa plenamente vitoriosa.

Na próxima reunião, a realizar-se às 17 horas, no mesmo local, serão escolhidos em escrutínio secreto, os demais elementos que integrarão a Academia Campinense de Letras, perfazendo o total de 40 membros, a exemplo das demais Academias existentes em outros grandes centros.

O dr. Herculano Gouveia Ne-

to, presidente do Centro de Ciências, Letras e Artes, num gesto bastante expressivo e que mereceu louvores, colocou as dependências da sede dessa entidade para a realização das reuniões dos acadêmicos, bem como conferências e recepções. A Academia Campinense de Letras, conforme ficou bem claro, funcionará todavia, como entidade autônoma e terá, sem duvida nenhuma, uma influência marcante no panorama cultural de nossa cidade.

Dentre as sugestões ventiladas ficou estabelecido que cada um dos acadêmicos terá um patrono, de preferência um grande vulto do passado de Campinas: Quirino dos Santos, Julio de Mesquita, Benedito Otavio, Cesar Bierrembach e tantos outros.

O sr. Luso Ventura prontificou-se a obter, em S. Paulo, uma copia dos estatutos da Academia Paulista de Letras, que servirá de modelo para a enti-

dade ora fundada em Campinas.

Com a escolha dos 40 acadêmicos e após outras providências preliminares, tais como a elaboração e registro dos Estatutos, dar-se-á a instalação solene da Academia Campinense de Letras, idéia, em boa hora, levantada pelo prof. Francisco Ribeiro Sampaio, Secretário de Cultura e Higiene da Prefeitura e que mereceu uma acolhida verdadeiramente entusiástica por parte da literatura, historia e filosofia desta cidade. Ribeirão Preto já possui a sua Academia, que acaba de receber o dr. Zeferino Vaz, grande figura da classe medica.

Campinas, sede de uma Universidade, com uma vida intelectual intensa, terá também a sua Academia, que dignificará suas belas tradições e constituirá, ao mesmo tempo, um novo fator no engrandecimento cultural de nossa cidade.

INICIATIVA VITORIOSA

Estruturada a Academia Campinense de Letras

Realizada quinta-feira uma nova reunião dos membros fundadores do importante cenáculo — Aprovada uma proposta de Monsenhor Emílio José Salim sobre a eleição dos novos membros — Escolha de patronos para as cadeiras

Realizou-se quinta-feira às 17 horas mais uma reunião dos membros efetivos — o núcleo fundador desta novel agremiação literária de Campinas. Compareceram: Prof. Benedito Sampaio, Dr. Carlos Foot Guimarães, Monsenhor Dr. Emílio José Salim, Sr. Luso Ventura, Dr. Mangabeira Albernaz, Prof. Armando dos Santos, Prof. Stênio Pupo Nogueira, Prof. Francisco Ribeiro Sampaio, Heládio Brito, Dr. Herculano Gouveia Neto, Dr. Antônio Leite Carvalhais, Dr. Carlos Francisco de Paula, Dr. Waldemar César da Silveira.

Abrendo a sessão, o Prof. Francisco Ribeiro Sampaio fez, em breve palavras, uma saudação aos acadêmicos presentes, salientando a realização de tão boa, útil e alevantada iniciativa dos intelectuais da cidade frisando que do critério seguro com que forem eleitos os outros membros da Academia é que vai depender a sua própria sobrevivência dela. Mas traduziu tam-

bém, em palavras de entusiasmo e de confiança, a certeza de que todos saberão pôr bem alto os ideais da Academia escolhendo com isenção os nomes dos futuros acadêmicos, que deverão, para integrar-se no sodalício como seus membros efetivos, contar com o sufrágio de pelo menos dois terços do total dos acadêmicos fundadores.

Em seguida, foi lida a ata da sessão anterior, que foi aprovada.

O Sr. Presidente deu conta à casa de uma carta do Prof. Mário Giannini, que por força maior, conforme nela explica, não pôde comparecer.

Pedindo a palavra, Monsenhor Dr. Emílio José Salim propõe se protele por mais algum tempo a eleição dos novos membros da Academia; propõe que seja a eleição deles por escrutínio secreto; e que seja condição para ser admitido como membro efetivo da Academia o sufrágio de pelo menos dois terços do total dos sócios fundadores.

As propostas de Mons. Dr. Emílio José Salim foram aceitas e aprovadas.

Em seguida o Sr. Luso Ventura fala acêrca dos estatutos da Academia Paulista de Letras, que devem servir de modelo para os nossos, e vão ser trazidos de São Paulo na próxima semana.

O Dr. Paulo Mangabeira Albernaz fala em seguida, e diz que já se pode, a seu ver, nesta mesma sessão, tratar-se da escolha dos patronos da Academia, o que é aprovado, passando os acadêmicos a escolher cada um o patrono de sua cadeira.

Monsenhor Dr. Emílio José Salim escolheu para a sua carreira o nome de D. João Batista Correia Neri; Benedito Sampaio, o de Carlos de Laet; Dr. Waldemar César da Silveira, o de Afrânio Peixoto; Dr. Carlos Francisco de Paula, o de João Lourenço Rodrigues; Dr. Herculano Gouveia Neto, o de César Bierrembach; o Prof. Armando dos Santos, Euclides da Cunha;

os demais deixaram a escolha do patrono para a próxima reunião.

Foi pelo presidente, Prof. Francisco Ribeiro Sampaio, nomeada a Comissão para a elaboração dos estatutos da Academia Campinense de Letras: Sr. Luso Ventura, Dr. Waldemar César da Silveira, Dr. Herculano Gouveia Neto, Dr. Antonio Leite Carvalhais e Dr. Carlos Foot Guimarães.

Ficou marcada nova reunião para 4.ª feira próxima, dia 30 de Maio, às 17 horas. Cada acadêmico se incumbirá de indicar novos nomes de candidatos a membros efetivos da Academia, justificando a sua indicação. Antes de encerrada a sessão, ainda ficou deliberado por indicação do Dr. Herculano Gouveia Neto que, após a escolha de novos acadêmicos, caso não sejam preenchidas as 40 poltronas, — devem os lugares ser pleiteados pelos próprios candidatos às vagas ainda remanescente.

A idéia é minha !

Pode considerar-se fundada a Academia Campinense de Letras. Está de parabéns o senhor Secretário de Cultura e Higiene da Prefeitura, que em tão boa hora realizou a sua idéia, reunindo ao redor de si as figuras mais eminentemente representativas das letras em nosso meio intelectual. E' claro que nem todos os homens cultos de Campinas, — que não são poucos, — foram participantes das primeiras tertúllas, que são de ensaio e prelúdio para a realização dos votos dos lustras congregados. Eles virão a seu tempo. Mais claro é ainda que me vou excetuando da honrosa companhia dos eminentemente representativos, pois não fallo de mim, e nem seria preciso declará-lo, se espíritos não houvesse, que em tudo vêem razão de crítica acerba, condimentada de muita ironia malevolenta, e per-versa má vontade.

Está fundada a Academia Campinense de Letras. E como acontece com tôdas as grandes realizações, também este cometimento de projeção social provocou reparos e opiniões agradáveis e desagradáveis. Outra coisa ainda penso eu que merece corrigida e censurada: é a mania ou doença de enaltecer cada um a si mesmo. Sim, senhores! Há uma cócega do eu sou o tal! uma badalada do me olhe, gente! uma volúpia de primazia, que cega às vezes até homens esclarecidos. E vem logo o berro altissonante: A idéia foi minha! o pensamento foi meu! Sempre o meu e o minha a escurecerem o entendimento e a razão. As idéias! As idéias andam por aí, aos bandos, em tôdas as cabeças. Eu mesmo, que não sou dos mais imaginosos, estou sentindo esvoaçar cá dentro do cérebro uma idéia luminosa e linda, que merece as honras desta crônica sensaborona. Estão curiosos? Pois oiçam: estou pensando agora em debruçar a lua cheia com tiras de seda verde, e prender no debrum lunar umas franjas de ouro e prata! Imaginem só se esta idéia, — a minha idéia! — não vale palmas e loas, por isso que faz da simpleza pálida de dona lua uma formosa lua enfeitada de chales vistoso, para enlévo e carícia de nossos olhos mortais! Mas... pergunto: posso lá eu realizar esta fantasia de lunático? Pois bem: Idéia perdida vale a pena não ser pensada...

E outra coisa: não sabem os leitores meus a veia história dos inocentes ratos perseguidos e do gato maroto? A história diz assim:

Não tenho sossego os ratos por causa da crueldade de um gato assassino, reuniram-se em assembléia para resolver o angustioso caso; um deles teve esta soberba idéia, gritando logo, já se vê, — a idéia é mi-

nha! Teve esta idéia entre tôdas singular, e fêz o seu discursinho assim: — Façamos isto, irmãozinhos: amarramos um guizo barulhento no pescoço do senhor gato, e pronto! resolvido o nosso cruel caso! Se anda o gato, o guizo canta, se canta o guizo, foge o rato!

Ah, foi uma festa rumorosa de palmas, saudando o orador! o muito bem cai de tôdas as bôcas! os apoiados encheram tôdas as bochechas! quantos apertos de mão! quantos abraços! Por fim serenaram-se os ânimos. E o senhor presidente, que era o mais velho dos ratos, e o mais prudente, antes de encerrar a sessão, perguntou manhosamente:

— E quem de vós irá prender o pescoço do gato no guizo?...

Silêncio. Houve longo silêncio, e a sessão encerrou-se jururu...Parabéns ao ratinho da idéia maravilhosa? Porque?

Quem não pôde realizar a sua idéia, não teve senão uma idéia perdida, e uma idéia perdida não vale a pena ser pensada...

E agora passemos do terreno leve da imaginação e da fantasia para o domínio substancioso da História.

Diz Epifânio Dias na Introdução de "Os Lusíadas" comentados por êle mesmo: — "O descobrimento do caminho marítimo para a Índia pelo cabo de Boa Esperança, seguido da fundação do império português do Oriente, foi tão estrondoso feito, que desde logo, pela voz de poetas e prosadores, começou a ser manifestado o vivo desejo de que surgisse quem pudesse celebrá-lo condignamente em um poema heróico".

E aí estão os votos, o desejo vivo, o projeto, a idéia. E continue Epifânio: "Tomando sobre si satisfazer a êstes votos, Luiz de Camões concebeu plano bem mais vasto: propôs-se cantar não só o feito que assegurou aos Portuguezes lugar preeminente na História Universal, senão também as glórias bélicas e marítimas de que se aureolavam". E aí está o realizador, — Luiz de Camões; e aí a sua obra imortal e perene como o bronze, Os Lusíadas, o seu poema heróico...

E nenhum, que eu saiba, nenhum escritor, poeta ou prosador, veio berrar aos quatro ventos: "A idéia é minha!" Nenhum. E' que bem sabem que não foram êles que puseram o chale verde na orla branca da lua cheia, nem tiveram a desabrida coragem de dependurar o guizo no pescoço do gato...

Ora, com franqueza, idéia perdida vale a pena não ser pensada.

ESCOLHA DE PATRONOS E ELEIÇÃO DE NOVOS ACADEMICOS

Resultado da terceira reunião realizada pelo núcleo inicial do cenáculo literario de Campinas

A terceira reunião do núcleo inicial da Academia Campinense de Letras, realizada quarta-feira ultima, na sede da Secretaria de Cultura e Higiene, revestiu-se de grande importancia, despertando muito interesse em nossos círculos literários. Foi presidida pelo prof. Francisco Ribeiro Sampaio e com a presença do mons. dr. Emilio José Salim, dr. Valdemar Cesar da Silveira, dr. Carlos F. de Paula, dr. Antonio Leite Carvalhais, prof. Mario Giannini, dr. Carlos Foot Guimarães, dr. Herculanio Gouveia Netto, prof. Stenio Pupo Nogueira, sr. Heládio Brito, prof. Benedito Sampaio, dr. Theodoro de Souza Campos Junior e dr. Paulo Mangabeira Albernaz.

ESCOLHA DE PATRONOS

Lida e aprovada a ata da sessão anterior, passaram os academicos presentes a discutir, num ambiente de entusiasmo e de cordialidade, varios assuntos ligados à Academia, sendo escolhidos os nomes dos patronos. Conforme as escolhas feitas nas duas ultimas reuniões, os patronos são os seguintes: mons. Emilio José Salim, d. João Batista Correia Nery; prof. Benedito Sampaio, Carlos de Laet, dr. Valdemar Cesar da Silveira, Afranio Peixoto, dr. Carlos Francisco de Paula, prof. João Lourenço Rodrigues, dr. Herculanio Gouveia Neto, Cesar Bierrenbach, prof. Armando dos Santos, Euclides da Cunha, Luso Ventura, Martins Fontes, dr. Antonio Leite Carvalhais, Monteiro Lobato, prof. Mario Giannini, padre Leonel Franca; dr. Carlos Foot Guimarães, Julio de Mesquita, prof. Stenio Pupo Nogueira, Francisco Moraes Junior, Heládio Brito, Castro Alves, dr. Teodoro de Souza Campos Junior, Benedito Otavio, dr. Paulo Mangabeira Albernaz, Rui Barbosa e prof. Francisco Ribeiro Sampaio, Jackson de Figueiredo.

ELEIÇÃO DE NOVOS ACADEMICOS

Observando o critério adotado na penultima reunião, foram eleitos para integrarem a Academia, depois de prévia consulta e em escrutínio secreto, os seguintes nomes, todos eles de real merecimento e indiscutível prestigio nos meios literários, científicos e culturais da cidade: dr. Francisco José Monteiro Sales e dr. José Emanuel Teixeira de

Camargo, medicos e literatos, autores de magnificos trabalhos; Plínio do Amaral e Edmundo Barreto, jornalistas que se projetaram na imprensa campineira, pelo estilo, correção de linguagem e profundos conhecimentos de historia literaria e dos problemas sociais e economicos do País; José de Castro Mendes, abalizado historiador campineiro, autor de interessantes trabalhos; dr. Paulo Pupo Nogueira, jurista de nomeada, autor de um trabalho sobre falencias, escrito juntamente com o saudoso prof. Ernesto Kuhlmann; dr. Milton Duarte Segurado, crítico de arte e literato; prof. Francisco Galvão de Castro, poliglota, sociólogo, conferencista e intelectual; sr. Celso Maria de Melo Pupo, historiador dos mais conceituados e tte.-cel. Valdomiro Ferreira, intelectual que se impoz como escritor e poeta.

A escolha desses nomes demonstra a preocupação dos membros da Academia os nomes merecedores da honrosa investidura e que representam, indiscutivelmente, o que a cidade possui de melhor e de mais expressivo nos seus meios culturais. A Academia Campinense de Letras conta, atualmente, com 27 elementos. Na proxima reunião haverá eleição para a escolha de novos membros, obedecendo ao critério adotado.

ESTATUTOS

A Comissão encarregada de elaborar os estatutos da Academia já se encontra em atividade, devendo apresentar o seu trabalho numa das proximas reuniões. É constituída pelos srs. Luso Ventura e drs. Antonio Leite Carvalhais, Herculanio Gouveia Neto, Carlos Foot Guimarães e Valdemar Cesar da Silveira.

A proxima reunião está marcada para quinta-feira, dia 7, às 17 horas, na sede da Secretaria de Cultura e Higiene, devendo contar, inclusive, com a presença dos 10 membros recém eleitos. Serão eleitos mais tres membros, perfazendo o total de 30. Daqui a três meses, conforme ficou decidido na ultima reunião, serão eleitos os 10 restantes, perfazendo o numero de 40 academicos.

ACADEMIA CAMPINENSE DE LETRAS

Escolha de patronos por parte dos novos membros desse cenaculo — Eleições de novos academicos — Resoluções tomadas da ultima reunião

A Academia Campinense de Letras realizou ante-ontem uma das suas magnificas reuniões, com a presença de 22 academicos, prof. Francisco Ribeiro Sampaio, dr. Waldemar Cesar da Silveira, dr. Carlos Foot Guimarães, dr. Carlos Francisco de Paula, dr. Antonio Leite Carvalhaes, prof. Mario Giannini, dr. Herculano Gouvêa Neto, prof. Stênio Pupo Nogueira, Heladio Brito prof. Benedito Sampaio, dr. Theodoro de Souza Campos Junior, Luso Ventura, dr. Francisco José Monteiro Sales, dr. Edmundo Barreto, dr. José Emanuel Teixeira de Camargo, dr. Plinio do Amaral, José de Castro Mendes, dr. Paulo Pupo Nogueira, dr. Milton Duarte Segurado, prof. Francisco Galvão de Castro, ten. cel. Waldomiro Ferreira e Celso Maria de Melo Pupo.

Não puderam comparecer, justificando a ausência, o Mons. Emilio José Salim, dr. Paulo Mangabeira Albernaz, dr. Antonio Costa Neves Junior, prof. José Roberto Amaral Lapa e prof. Armando dos Santos.

CONGRATULAÇÕES AOS NOVOS ACADEMICOS

Ao abrir a sessão, o prof. Francisco Ribeiro Sampaio saudou os novos membros da Academia, salientando o alto espirito de justiça que presidiu a escolha. Terminou, sua magnifica oração, desejando boas vindas aos novos academicos.

ESCOLHA DE PATRONOS

Procedeu-se a escolha dos patronos por parte dos novos membros, a saber: dr. Francisco Monteiro Sales, Thomaz Alves; dr. Edmundo Barreto, Leopoldo do Amaral; dr. José

E. Teixeira de Camargo, dr. Arnaldo Vieira de Carvalho; dr. Plinio do Amaral, Amadeu Amaral; José de Castro Mendes, dr. Francisco Quirino dos Santos; dr. Milton Duarte Segurado, prof. Artur Segurado; prof. Francisco Galvão de Castro, Oliveira Viana; e ten. cel. Waldomiro Ferreira, Artur de Oliveira.

ELEIÇÃO DE NOVOS ACADEMICOS

Procedeu-se em seguida, em escrutinio secreto, a eleição dos três novos membros da Academia Campinense de Letras, dentre os candidatos apresentados. A eleição verificou-se após a apresentação do "curriculum vitae", sendo eleitos o dr. Licurgo de Castro Santos Filho, sr. Rafael de Andrade Duarte e dr. Camilo Geraldo de Souza Coelho.

ELOGIO DOS PATRONOS

Ficou estabelecido que, nas próximas reuniões, cada membro da Academia fará por escrito, o elogio do patrono de sua cadeira, e o lerá durante a sessão. Por sugestão unanimemente aprovada, cada acadêmico doará à Academia um retrato de dimensão de 18 x 24, do patrono da sua cadeira.

POSSE SOLENE

Após a elaboração e aprovação dos estatutos — trabalho já em andamento — haverá a cerimonia de posse solene da diretoria e membros da Academia, quando falará o dr. Waldemar Cesar da Silveira.

Ficou ainda estabelecido que os academicos darão entrevistas aos jornais, esclarecendo os verdadeiros objetivos da Academia Campinense de Letras e o que ela representará na vida cultural de nossa cidade.

Terça-feira, 26 de Junho de 1956

ACADEMIA CAMPINENSE DE LETRAS

— F. R. Sampaio —

Mais uma sessão, louvado Deus, realiza a nossa Academia

E já agora concretizada a idéia dela nesta Parceria ilustre, onde se encontram os mais altos representantes do pensamento e das letras na cidade, vamos, srs. Acadêmicos, dar início aos trabalhos de estruturação deste sodalício, discutindo e aprovando os Estatutos que devem regê-lo.

A Comissão encarregada de elaborá-los, composta do dr. Waldemar César da Silveira, dr. Herculano Gouvêa Neto, sr. Lúcio Ventura, dr. Carlos Foot Guimarães e dr. Antônio Leite Carvalhos, cumpriu galbardadamente a tarefa que lhe cometemos e temos o prazer de oferecer em mãos, a cada um dos srs. Acadêmicos, dactilografada, uma cópia do projeto desses Estatutos.

Vamos discutí-lo e aprová-lo com as alterações, supressões, acréscimos e correções que por ventura entenda a Casa não devam ser feitos.

Parece-nos, entretanto, que não haverá quase nada a modificar ou a enxertar no trabalho dos confrades componentes da Comissão. Fizeram obra limpa, fruto de cuidado circunspeto e não lhes escreveu a seus olhos de lince, nenhuma circunstância, nenhuma pormenor a fim de que a Academia Campinense de Letras, como sociedade civil, ficasse amparada na lei.

Não quero terminar esta faia sem uma saudação muito cordial aos Acadêmicos eleitos no último consesso, os quais aqui se acham a honrar-nos com a sua presença, a sua boa e proveitosa conversação.

O sr. Rafael Duarte é nome que de si esmalta e soareira a história literária e artística de Campinas nestes últimos cinquenta anos. Não há iniciativa nestes departamentos da vida espiritual campineira que não conte, entre os seus fautores e realizadores, com o nome do nosso venerando ex-prefeito, o realizador do nosso Teatro Municipal.

Escritor elegante, cronista, dramaturgo, historiador — o sr. Rafael Duarte se assenta hoje em uma das poltronas acadêmicas e é, como foi, em meio a figuras que se nomeavam Coelho Neto, Basílio de Magalhães, João Lourenço Rodrigues, Alberto Faria, — uma varão de Plutarco que, apesar da modéstia, ou por isso mesmo, sobressaça todo e qualquer encômio. Todos nós nos honramos de dar-lhe mostras de acatamento e, às inveias, procuramos conversá-lo para aprender e para edificarmos-nos, revendo-nos no espelho da sua vida proba e retilínea.

O Dr. Licurgo de Castro Santos é nome sobejamente conhecido. Não só em Campinas e no Brasil, senão também fora dos indes pátrios.

Sua "História da Medicina no Brasil" é já hoje obra clássica,

de consulta obrigatória para os que desejarem rastrear, desde o início, o desenvolvimento da cultura médica brasileira. Para nos servimos de uma frase do elegantíssimo Dom Francisco Manuel de Melo, diremos que a obra do dr. Licurgo de Castro Santos é, para os medicos e para os veros historiadores, livro de cabeceira e de sovaco.

E já se está anunciando, pela Companhia Editora Nacional, novo e erudito trabalho do nosso indefesso confrade: "A história de uma comunidade rural do Brasil antigo".

Saudamos também, com efusão de alma, a entrada em nosso convívio do dr. Camilo Geraldo de Sousa Coelho. Legista dos mais preeminentes, catedrático em nossa Faculdade de Direito, cultor assim da ciência do Direito como das letras, é o Dr. Camilo Geraldo de Sousa Coelho, sem nenhuma favor, nome com que nossa Academia se enriquece e engrossa de prestígio assalhand-o numa das suas poltronas.

A todos os nossos votos de boas vindas. E antes de cerrarmos, queremos dizer da nossa alegria e satisfação incontida por estarmos vendo o alto e superior critério com que se vem pautando a indicação, escolha e eleição dos seus membros, a Academia Campinense de Letras.

A preocupação com os dotes intelectuais dos propostos tem andado de par, e é bem que assim seja, com o exame e o apreço das qualidades morais exornantes deles. Isto é muito significativo da direiteza dos propósitos com que se há criado esta Academia.

O ofício das letras não pode ser como o efeito acústico que se dá o nome de eco: O tom é lá em baixo, mas responde a ele, no alto, nas fragas das montanhas, o eco: — Assim, os imorais, os de vida irregular, os que não prestam, têm o tom ou a pancada na sua mísera condição, no seu exemplo escandaloso de vida ou de atitude, no seu mesquinho interesse ou vaidade — mas às vezes, nas letras impressas, o eco (a condição deste é não dizer nada de seu, repetindo como bulha o que ouve a outrem) paira alto em doutrinações morais incadas de hipocrisia.

Não é assim que entendemos as boas letras. Temos para nós que literatura não é palavras brotadas da boca ou pingadas da pena só para fazer bonito, para agradar aos outros ou para seguir a moda ou a escola do momento... ou para fazer cartaz.

Antes de tudo, literatura é sinceridade e honestidade, conformidade absoluta entre pensamento e palavra, entre o interior e o exterior. Só assim se pode fazer da pena escopo a cujos talhos se dá de criar a estátua imortal da beleza sem mescla.

SESSÃO DE CANDIDATOS À ACADEMIA

em julho de 1956.

Herculano Gouveia Neto	((Carlos Francisco de Paula
Edmundo Barreto	(
Celso Maria de Mello Pupo	((Waldomiro de Vasconcelos Ferreira
Mário Gianini	(
Milton Duarte Segurado	((Benedito Sampaio
Luso da Rocha Ventura	((Waldemar César da Silveira
Carlos Foot Guimarães	(
José de Castro Mendes	((Paulo de Castro Pupo Nogueira
Stênio Pupo Nogueira	(
Teodoro de Sousa Campos Jr	((Francisco Ribeiro Sampaio
José Emanuel Teixeira de Camargo	(
Francisco José Monteiro Sales	((A Secretária da sessão.
Heládio Brito	(
Plínio do Amaral	(



Numa esplendida reunião:

ELEITA ONTEM A DIRETORIA DA ACADEMIA CAMPINENSE DE LETRAS

O Prof. Francisco Ribeiro Sampaio na presidência — Recepção aos novos academicos — Eleito ontem o sr. Rui de Almeida Barbosa

Para recepcionar os seus novos membros e eleger a sua primeira diretoria, a Academia Campinense de Letras realizou ontem, ás 20 horas, no recinto da Biblioteca Publica Municipal, uma de suas esplendidas reuniões, que contou com a presença de quasi todos os académicos.

Inicialmente, usou da palavra

o prof. Armando dos Santos, que num improvisado que valeu por uma bonita pagina literária, saudou os academicos recentemente eleitos, jornalistas Sebastião Alvarenga, Mario Erbolato, dr. Paulo da Silva Pinheiro prof. Norberto de Souza Pinto, prof. Acalberto Prado e Silva, dr. Guilherme Leanza, dr. Nelson Noronha Gustavo Filho e dr. Francisco Luiz Iglesias, tendo este respondido, em agradecimento. Tambem fez uso da palavra o dr. Guilherme Leanza.

ELEITA A DIRETORIA

Foi em seguida procedida a eleição da primeira diretoria da Academia Campinense de Letras, que ficou assim constituída: presidente, prof. Francisco Ribeiro Sampaio; secretario geral, dr. Theodoro de Souza Campos Junior; 1º. secretario, dr. Milton Duarte Segurado; 2º. secretario, José de Castro Mendes; 1º. tesoureiro, dr. Carlos F. de Paula; 2º., dr. Francisco Monteiro Sales.

ELEITO UM NOVO MEMBRO
Na reunião de ontem foi eleito membro da Academia Campinense de Letras o deputado Rui de Almeida Barbosa.

Concurso infantil de Desenho

O "Diário do Povo" morando o primeiro rio de sua página "Nosso Cantinho" um concurso de regulamento, d anças, é o seg Artigo 1.º correr as quantam e mários, o e a prim ginasia Artigo tes p sua aq or

*Diário do Povo
10-8-956*

10/8/1956

Academia Campinense de Letras

Os novos membros escolheram os seus patronos

Consoante noticiamos, reuniu-se ante ontem a Academia Campinense de Letras para eleição da diretoria e recepção aos novos membros, os quais foram saudados pelo prof. Armando dos Santos.

Os novos membros da Academia escolheram seus patronos: dr. Guilherme Leanza, Joaquim Nabuco; dr. Paulo da Silva Pinheiro, Carlos William Stevenson; sr. Celso Maria de Melo Pupo, Paulo Alvares Lobo; dr. Francisco de Assis Iglesias, Vital Brasil; dr.

Sebastião Alvarenga, Humberto de Campos; prof. José Roberto Amaral Lapa, Benedito Otavio e Prof. Norberto de Souza Pinto, Sud Minucci.

Deliberou-se que o Prefeito Municipal é presidente honorario, nato, da Academia. Uma Comissão de Academicos será nomeada para levar a S. Excia. o convite oficial do soladifício.

Foi eleito socio efetivo o sr. dr. Rui de Almeida Barbosa, Presidente da Assembléa Legislativa do Estado.

11/8/1956

"Correio Popular" dirigido por Luso Ventura, brigado com a Academia, nada publicava.

No próximo dia 22:

Diário do Povo - 6-XI-1956

A instalação da Academia Campinense de Letras

Falará o dr. Waldemar Cesar da Silveira

No próximo dia 22, no Centro de Ciências, Letras e Artes será instalada a Academia Campinense de Letras, cuja sessão solene se dará às 20 horas.

A Diretoria da referida Academia já está dando providências, no sentido de ser marcado o dia e serem feitos os convites para aquela instalação. Na sessão inaugural, que será presidida pelo Professor Francisco Ribeiro Sampaio, presidente da mesma, será proferido o discurso de instalação pelo Professor Dr. Waldemar Cesar da Silveira. Nesse discurso, segundo nos foi comunicado, o orador tratará como conteúdo os seguintes temas:

a) saudação a Campinas e aos Acadêmicos; b) fim social da linguagem; c) exaltação à língua portuguesa; d) Academia Campinense de Letras e justificação filológica desse nome; e) como se criaram as Academias: as primeiras Academias existentes, na Inglaterra e na Europa; f) história das Academias brasileiras: dos "Esquecidos"; dos "Fellzes"; dos "Seletos"; dos "Renascidos"; "Academia Científica do Rio de Janeiro"; "Sociedade Literária do Rio de Janeiro"; "Academia Brasileira de Letras"; "Academia Paulista de Letras" e outras Academias Imperiais brasileiras; g) Conceito filosófico da palavra: palavra e razão; h) a linguagem e a literatura; i) literatura em "quadrinhos": inversão do progresso da intelectualidade; j) a palavra e sua ressonância psicológica e social; l) dialeto brasileiro e sua utopia: os dialetos através da globologia; m) o poder da linguagem e o drama da expressão (exemplificações em prosa e verso); n) sobre a natureza do homem literário; o) fascínio dos gênios literários; p) panorama geral do pensamento literário brasileiro: era colonial; era nacional; advento do naturalismo; parnasianismo; simbolismo, e

seus epígonos; r) literatura moderna; s) literatura e moralidade; os bons sentimentos e a má literatura; t) profilia literária; u) "cógito ergo sum": a dignidade do Pensamento; v) "Escritor, ocupa o teu posto"!

São os seguintes os 38 acadêmicos que deverão comparecer a fim de tomar posse de suas cadeiras: Prof. Francisco Ribeiro Sampaio, Mons. Dr. Emilio José Salim, Prof. Benedito Sampaio, Dr. Waldemar Cesar da Silveira, Dr. Carlos Francisco de Paula, Dr. Herculano Gouveia Neto, Prof. Armando dos Santos, sr. Luso Ventura, Dr. Antonio Leite Carvalhaes, Prof. Mario Giannini, Dr. Carlos Foot Guimarães, Prof. Stenio Pupo Nogueira, sr. Heladio Brito, Dr. Teodoro Souza Campos

Junior, Dr. Paulo Mangabeira Albernaz, Dr. Francisco Monteiro Sales, Dr. Edmundo Barreto, Dr. Joé Emanuel Teixeira de Camargo, Dr. Plinio Amaral, sr. José de Castro Mendes, Dr. Milton Duarte Segurado, Prof. Francisco Galvão de Castro, Tte. Cel. Waldomiro Ferreira, Prof. José Roberto do Amaral Lapa, Dr. Paulo Pupo Nogueira, Dr. Ladislau de Castro Santos Filho, sr. Rafael Duarte, Dr. Camilo Geraldo de Souza Coelho, sr. Celso Maria de Melo Pupo, sr. Sebastião Alvarenga, sr. Mario Erbolato, Dr. Francisco de Assis Iglesias, Prof. Norberto de Souza Pinto, Prof. Adalberto Prado e Silva, Dr. Nelson Noronha Gustavo Filho, Dr. Paulo da Silva Pinheiro, Dr. Guilherme Leanza e Dr. Rui de Almeida Barbosa.

MÓVEIS

DORMITÓRIOS DESDE 18 MIL CRUZ
COM GRANDE FACILIDADE

FLORIANO P. DE

AV. BARÃO DE ITAPURA, 797
FONE 31

CLINICA

Dr. Ataliba de
Dr. Lauro

Especi

CO

C

- ACADEMIA CAMPINENSE DE LETRAS -

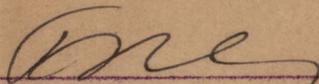
Exmo. Sr.

Celso Maria de Melo e Silva

Comunico-vos que deveis comparecer, no dia 22 de Novembro de 1956, às 20 horas, no salão nobre do Centro de Ciências, Letras e Artes, para a sessão solene de instalação da Academia Campinense de Letras. Será orador oficial o acadêmico Sr. Dr. Waldemar César da Silveira.

Outrossim cumpre ressaltar que o comparecimento dos Srs. Acadêmicos a esta sessão é de suma importância, pois constitui só por si ato de posse, imprescindível para os efeitos legais do registro da Academia.

Atenciosamente,



Presidente.

Campinas, 7 de Novembro de 1956.

Rococó**MARÇAL****NESTA TERRA CAMPINENSE**

Fizeram uma praça, grande, nela colocaram bancos de madeira e de mármore, construíram um lago, um coreto, rodearam-na de palmeiras imperiais. Lá, pela manhã, há aves que cantam nas árvores e outras aves, em forma de gente, em uniformes azuis, de livros nas mãos, espalhadas pelos seus caminhos ou pelos seus bancos. Nasceu um homem, sentia arder dentro de si a chama da música, sua condição de humilde não o impediu de realizar seu ideal, quebrou protocolos, cruzou o oceano e foi mostrar, em terras estranhas o canto indígena da terra brasileira.

Num mercado velho, abandonado, paredes gastas pelo tempo, um templo foi erguido de meigas aves, sem canto divino mas de graça nos ares, que no nascer do dia ou no por do sol, vinha em bandos procurar o pouso ou partir em bandos para outros galhos de outras árvores, fazendo os olhos humanos procurarem suas asas. Surgiam os vultos heróis, os defensores da legalidade, as inteligências grandiosas de uma época morta, que fizeram viver em tempos de império, uma força maior que a da espada, que deram nomes à praças, que denominaram ruas, que ficaram guardados nos livros que os mestres ensinam quando contam a história de nossa terra. Tudo isto aconteceu, e muita coisa mais nesta terra campinense.

E então, na época atual, quando o progresso se levanta, engolindo tradições, sem manchar, de leve que seja, as outras tradições que fazem do orgulho uma qualidade, um grupo de homens se reúne, forma uma entidade e faz surgir, para que a cultura de nossa língua não pereça e não se misture às velhas paredes que caem, a Academia Campinense de Letras. Tratam, discutem, organizam e, finalmente, na solenidade magnífica de seu início, rubricam um livro de posse, considerando, oficialmente existente o sonho dos que cultuam na inteligência um dos «mais honrosos e úteis serviços», à Pátria e à Humanidade: «trabalhar pela extensão das idéias humanas». Registra-se a Academia Campinense de Letras naquela casa de saber que é o Centro de Ciências, Letras e Artes, quando ainda ecoam pelas suas paredes as palavras brilhantes de uma inteligência brilhante que dignifica o dr. Valdemar Cezar da Silveira. E, campinense ou não, mas sentindo ser campinense, o reporter rejubila-se e saúda os vultos que representam, de fato, o que Campinas possui de mais expressivo em sua cultura: Francisco Ribeiro Sampaio, Mons. Emilio José Salim, Benedito Sampaio, Valdemar Cezar da Silveira, Carlos Francisco de Paula, Herculano Gouvea Netto, Armando dos Santos, Luzo Ventura, Antonio Leite Carvalhaes, Mario Giannini, Carlos Foot Guimarães, Stenio Pupo Nogueira, Heladio Brito, Teodoro Souza Campos Junior, Paulo Mangabeira Albernaz, Francisco Monteiro Sales, Edmundo Barreto, José Emanuel Teixeira de Carmargo, Plinio do Amaral, José de Castro Mendes, Milton Duarte Segurado, José Roberto do Amaral Lapa, Francisco Galvão de Sá, Valdomiro Ferreira, Paulo Pupo Nogueira, Licurgo de Castro Santos Filho, Rafael Duarte, Camilo Geraldo de Souza Coelho, Celso Maria de Mello Pupo, Sebastião Alvarenga, Mário L. Erbolato, Francisco de Assis Iglesias, Norberto de Souza Pinto, Adalberto Prado e Silva, Nelson Noronha Gustavo Filho, Paulo da Silva Pinheiro, Guilherme Leanza, Ruy de Almeida Barbosa.



POSSE DOS MEMBROS DA ACADEMIA DE LETRAS DESTA CIDADE — Realizou-se ante-ontem à noite, no salão nobre do Centro de Ciências, Letras e Artes, a cerimônia solene de posse dos membros da Academia Campinense de Letras, fundada há pouco entre nós. Contou o ato com a presença da quase totalidade dos membros da entidade, tendo permanecido na presidência da mesa o sr. Francisco R. Sampaio. Na ocasião, o dr. Waldemar Cesar da Silveira, Juiz de Direito da 2.ª Vara e membro do sodalício, pronunciou expressiva palestra abordando principalmente as finalidades das Academias Literárias e o papel que desempenham os intelectuais. O dr. Milton Duarte Segurado, secretário, procedeu à leitura dos nomes de todos os integrantes da Academia. Encerrou a sessão o presidente, sr. Francisco R. Sampaio. Na foto, o dr. Waldemar Cesar da Silveira quando pronunciava a sua oração.

"CORREIO POPULAR" - 24/11/1956

(Jornal dirigido por Luso Ventura, apenas fez esta notícia).

Numa expressiva solenidade:

Instalada a Academia Campinense de Letras

A reunião de quinta feira última, no Centro de Ciências, Letras e Artes
Magnífica conferência do Dr. Waldemar Cesar da Silveira
Telegama do deputado Rui de Almeida Barbosa



O dr. Waldemar Cesar da Silveira quando pronunciava sua conferencia e a mesa que presidiu os trabalhos

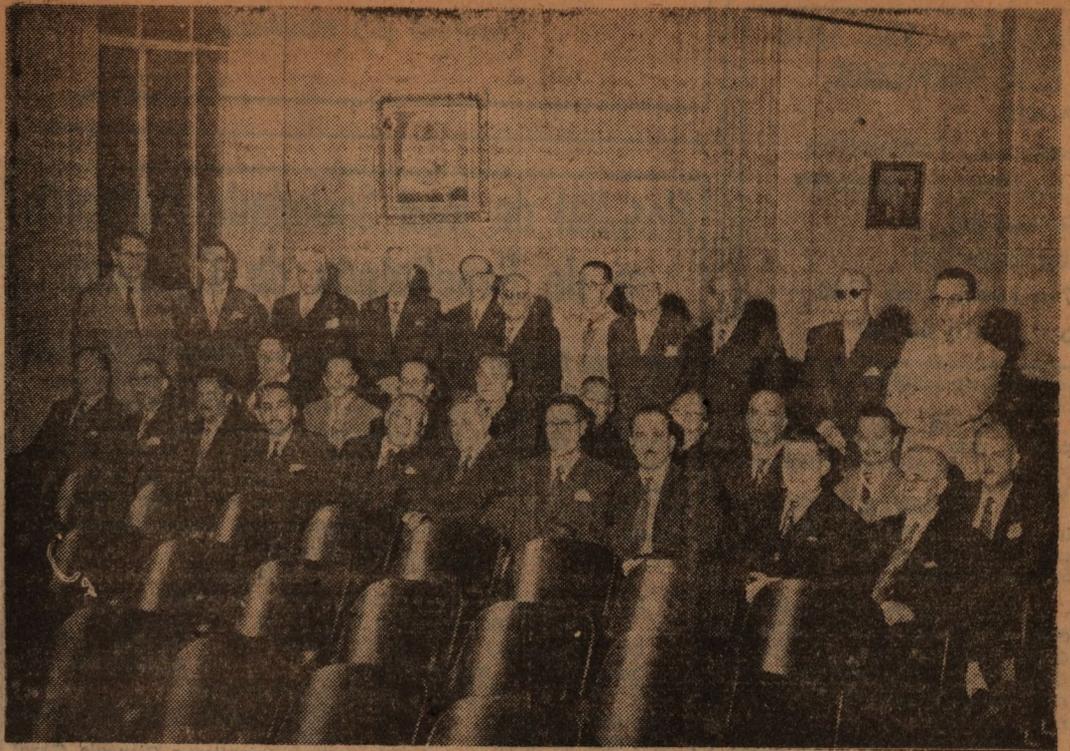
A cerimonia de instalação da Academia Campinense de Letras e posse solene dos seus ilustres confrades, realizada na noite de quinta feira ultima, no salão do Centro de Ciências, Letras e Artes, constituiu, como era de se esperar, um acontecimento de singular expressão na vida cultural da cidade. Achavam-se presentes, além da quasi totalidade dos integrantes do já prestigioso sodalicio, figuras representativas dentre as quais o dr. José Leite Carvalhais, secretário de Cultura e Higiene, senhoras e senhorinhas e elementos dos nossos meios literarios.

O dr. Rui de Almeida Barbosa, presidente da Assembléja Legislativa do Estado, não podendo comparecer em virtude de compromissos inaciáveis na capital, pediu ao prof. Francisco Ribeiro Sampaio que o representasse, enviando um telegrama, com expressivo dizeres, saudando os academicos.

Inicialmente, o prof. Francisco Ribeiro Sampaio, como presidente da Academia, abriu os trabalhos, pronunciando um discurso, publicado anteontem pelo "Diário do Povo". Nesse discurso, ressaltou o interesse e a repercussão que a Academia Campinense de Letras vem tendo nos meios mais cultos do País, através de significativas demonstrações de simpatia. Em seguida passou a palavra ao dr. Waldemar Cesar da Silveira, um dos mais conspicuos membros da Academia, que, mais uma vez, deu provas sobejas de sua profunda cultura literari e extraordinarios conhecimentos da lingua portuguesa, com a sua conferencia — peça oratoria que a todos impressionou — pela elegancia da linguagem, imagens bellissimas, profundidade dos conceitos. Foi, sem duvida, uma conferencia perfeitamente à altura do ato de instalação da Academia Campinense de Letras. O orador abordou assuntos ligados ao idioma, ressaltando a necessidade do culto acendrado à lingua portuguesa.

Finalizando a reunião, o prof. Francisco Ribeiro Sampaio felicitou o dr. Waldemar Cesar da Silveira, pelo valor da conferencia e agradeceu as autoridades e pessoas presentes.

Diário de Pare. 28. XII. 1956



Na solenidade de instalação oficial da Academia Campinense de Letras, que se efetivou no salão nobre do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas, o fotógrafo João Balan apanhou uma feliz "pôse" de trinta dos imortais que fazem parte do ilustre sodalício de nossa cidade. Nessa fotografia, que publicamos acima, vêem-se, da esquerda para a direita, os seguintes acadêmicos: (sentados na primeira fila) Dr. Carlos Foot Guimarães, Prof. Mário Gianini, sr.

Heládio Brito, dr. Antônio Leite Carvalhais, dr. Edmundo Barreto, dr. Nelson Noronha Gustavo Filho, dr. Camilo Geraldo de Souza Coelho, dr. Herculano Gouvêa Neto e prof. Francisco Galvão de Castro. Na segunda fila (sentados): dr. Paulo da Silva Pinheiro, Prof. Stênio Pupo Nogueira, historiador José de Castro Mendes, dr. Theodoro de Souza Campos Júnior, Monsenhor Dr. Emílio José Salim, Prof. Armando dos Santos, Dr. Waldemar César da Silveira, Prof. José

Roberto do Amaral Lapa e Dr. Monteiro Sales. Em pé, também da esquerda para a direita: Dr. Plínio do Ambaral, dr. José Emanuel Teixeira de Camargo, Prof. Francisco Ribeiro Sampaio — Presidente da Academia, Prof. Norberto de Sousa Pinto, dr. Sebastião Alvarenga, Prof. Benedito Sampaio, historiador Celso Maria de Melo Pupo, Coronel Waldemar Ferreira e prof. dr. Guilherme Leanza.

Retificação da lista de nomes:

sentados, 1ª fila,

- Carlos Foot Guimarães
- Mário Gianini
- Heládio Brito
- Antônio Leite Carvalhais
- Edmundo Barreto +
- Nelson Noronha Gustavo F.
- Camilo Geraldo de Souza Coelho
- Herculano Gouvêa Neto
- Milton Duarte Segurado
- Francisco Galvão de Castro;

- Armando dos Santos
- Waldemar César da Silveira
- José Roberto do Amaral Lapa
- Francisco José Monteiro Sales;
- em pé;
- Plínio do Ambaral
- José Emanuel Teixeira de Camargo
- Francisco Ribeiro Sampaio
- Carlos Francisco de Paula
- Paulo de Castro Pupo Nogueira

sentados, 2ª fila,

- Paulo da Silva Pinheiro
- Stênio Pupo Nogueira
- José de Castro Mendes
- Theodoro de Souza Campos J.
- Mons^{sr.} Emílio José Salim

- Norberto de Sousa Pinto
- Sebastião Alvarenga
- Benedito Sampaio
- Celso Maria de Melo Pupo
- Waldomiro Ferreira
- Guilherme Leanza.

**O sr. Jolumá Brito:
NÃO CONCORDA COM O MOVIMENTO EM TORNO DA IN-
DICAÇÃO DO SEU NOME PARA A ACADEMIA CAMPINENSE
DE LETRAS**

**Carta endereçada ao redator-responsável do
"Diário do Povo"**

O redator responsável do "Diário do Povo", jornalista Mario L. Erbolato, recebeu do sr. João Batista de Sá (Jolumá Brito), a seguinte carta:

"Meu caro amigo e companheiro Mario L. Erbolato. Saudações.

Acabo de lêr, entre surpreso e ao mesmo tempo pesaroso, que se processa entre alguns colegas de imprensa movimento tendente a me conduzir até à Academia Campinense de Letras.

Digo surpreso porque, é sabido que, em carta publicada pelo "Correio Paulistano" e, também, pelo "Correio Popular" afirmei há tempos, peremptoriamente, que não aceitaria, ainda que eleito, qualquer cadeira que se me pudesse oferecer por eleição nesse cenáculo das inteligências da cidade, o que reafirmo agora, da maneira mais cabal.

Procuro compreender a generalidade desse gesto de meus amigos da imprensa e encontro explicação, apenas, não no valor de meus trabalhos culturais, mas na magnitude com que todos me acolhem no seio do jornalismo e do radialismo local, pelo meu temperamento de eterno amigo por todos aqueles que militam em suas fileiras.

E, si escrevi pesaroso, é porque não queria deixar que gesto de tamanha bondade ficasse perdido pela minha relutância em não quebrar minha palavra, o que para mim seria sumamente deshonroso.

Prefiro ficar com a minha dignidade embora este meu gesto possa feri-los, mas, sei que com isso não perco meus ami-

gos, e, também, não perco minha altivez e meu orgulho.

Quero que compreendam, portanto, quanto grato sou à todos aqueles que assim pensaram, mas a minha Academia está no coração de cada um de vocês e desta, sim, jamais quero me afastar.

a) Jolumá Brito.

**Não seriam autênticos:
OS QUADROS DE GOYA NO
MUSEU DE BELAS ARTES DE
SÃO PAULO**

RIO, 24 (Asa press) — O crítico de arte Mario Pedrosa escreveu um artigo, publicado por um matutino desta Capital no qual levantou a hipótese de que não sejam originais, mas simples réplicas, os dois quadros de Goya («Retrato de J. A. Llorente» e «Retrato do cardeal Dom Luis Maria Borbon y Villabriga»), adquiridos para o Museu de Arte de São Paulo e atualmente expostos nesta Capital, no Museu Nacional de Belas Artes.

**DR.
J. L. SALLES GOMES**

Médico — Veterinário
Campinas

Fone — Souza's 142

Qualquer hora

(355-2412)

SIM

(Continua submetidos ao Conselho de Verificação dos técnicos, nomeadamente a "FECH")

Esta prova foi realizada. A comissão de registo Civil, fazê-lo legalmente, dos os asserções à "m Terezinha, desse o seu tras formali

Em razão das atas acima gerais ficou ferença de t inúmeros co Vale registr German Per ma pessoa o grande prest mente, as 1 das; resulta sua posição ravam ajudé transe".

Os comen ao delegado Preto, sr. no, que se tente com o nou se apur te as respon ço de Verific Cartório do

Dai, surgiu apontou a d ceira do "vi seguros de v nestes último do complet montante de cruzeiros.

A desconfi rou a polici o exame da res, até sent proceder à e exame no ce sentado ent

Academia Campinense de Letras:

O PROF. CARLOS F. DE PAULA DISCORREU SOBRE A PERSONALIDADE DO PROF. JOÃO LOURENÇO RODRIGUES

Viveu o salão nobre do Centro de Ciências uma noite de intensa espiritualidade, com a reunião da Academia Campinense de Letras dedicada à memória do saudoso educador, professor João Lourenço Rodrigues, patrono do magistério paulista, autor de numerosas obras didáticas e historiador de reconhecidos méritos.

A reunião, presidida pelo prof. Francisco Ribeiro Sampaio, revestiu-se de grande brilho, pois o orador da noite, prof. Carlos F. de Paula, com a sua reconhecida cultura, apresentou um trabalho de alto valor sobre a personalidade do prof. João Lourenço Rodrigues, cuja vida modelar e

cuja atuação extraordinária no ensino primário de São Paulo, foram ressaltadas em seus principais aspectos. Ao finalizar, o prof. Carlos F. de Paula foi cumprimentado pelos seus colegas da Academia e pelas pessoas presentes, recebendo o seu trabalho unânimes elogios, pois constituiu, de fato, uma peça literária e histórica extraordinária.

Vem assim, a Academia Campinense de Letras, através das suas reuniões, se firmando cada vez mais no conceito e na admiração das pessoas que a acompanham, com interesse, no desenvolvimento cultural de nossa cidade.

DIÁRIO DO POVO, 12/4/1957

Ontem, no Centro de Ciências, Letras e Artes:

Alcançou grande brilho a reunião da Academia Campinense de Letras

Falou o dr. Paulo da Silva Pinheiro sobre a personalidade do patrono de sua cadeira

A Academia Campinense de Letras está se impondo cada vez mais a admiração e simpatia dos campineiros. A sua reunião de ontem, no salão do Centro de Ciências, Letras e Artes, que contou com a presença do secretário da Educação e Cultura, prof. Mario Gianini, inúmeras pessoas representativas, alcançou pleno êxito. Presidiu a reunião o prof. Francisco Ribeiro Sampaio que fez a apresentação do orador da noite, o dr. Paulo da Silva Pinheiro, o qual, com grande brilhantismo, discorreu sobre a personalidade e a obra do patrono da sua cadeira na Academia, o saudoso engenheiro e admirável poeta, Carlos William Stivenson. Foi uma palestra erudita, de alto nível literá-

rio, realçando os dois aspectos marcantes da personalidade do dr. Stivenson, a sua capacidade como engenheiro respeitado e admirado em todo o país pela suas realizações no setor de sua profissão e como intelectual de fina e apurada sensibilidade, voltado pelas coisas sublimes do espírito.

O próximo orador da Academia, no mês de junho, será o dr. Milton Segurado, que focalizará a figura do patrono de sua cadeira. Em julho, a Academia comemorará condignamente o centenário do nascimento de Cesar Bierrenbach, cuja figura será lembrada numa conferência pelo dr. Herculano Gouveia Netto.

DIÁRIO DO POVO, 9/5/1957

(Correio Popular dirigido por Luso Ventura, nada publicou)

As comemorações do 9 de julho:

Ibrahim Nobre fará uma conferência sôbre a grande data

Receberá o título de sócio honorário da Academia Campinense de Letras
— Cooperação valiosa da Secretaria de Educação e Cultura —
Recepção ao Ilustre tribuno paulista — Outras notas.

Continua trabalhando ativamente a comissão promotora das próximas festividades do 9 de julho, que marca a passagem das bodas de prata dessa gratíssima efemerida para o coração de todos os paulista e em geral para todos os brasileiros, a fim de que as mesmas, embora singelas, se revistam da máxima solenidade como bem o merece ser comemorada.

Por intermédio do sr Alcides de Oliveira Maia, continuador dos trabalhos de seu saudoso pai sr. Adalberto de Oliveira Maia, que tanto trabalhou pelo levantamento daquele magnífico monumento que se erigiu ao lado do cemiterio da Saudade tem sido obtidas valiosas adesões de nosso comércio que tem contribuído

para o desenvolvimento dessas festividades.

COMISSÃO DE SRAS.

D^a. Sílvia Simões Magro, que sempre foi ao lado de antigas companheiras um dos baluartes dessas realizações, no setor feminino, também vem cooperando para que a parte das senhoras residentes em nossa cidade tenha um desenvolvimento condigno com o brilhantismo daquela data. Assim, nesse setor, d. Sílvia vem organizando bom programa para ser cumprido nos próximos dias. Qualquer adesões de sras. residentes em nossa cidade poderão ser dadas às ex-mas. sras. d. Virginia Palmieri, tel. 3614; Sílvia Simões Magro tel. 2406; Noêmia Tibirica, tel. 2821 ou d. Carmelita Pupo Nogueira, tel. 2063.

CONTRIBUIÇÃO DO SR. MIGUEL VICENTE CURY

O distinto industrial sr. Miguel Vicente Cury, que todos os anos, tradicionalmente, vem auxiliando a coms. promotora das festividades, já enviando um numero grande de auxiliares de sua fabrica ás festas civicas, já mandando enfeitar o monumento tumulo do soldado constitucionalista, este ano cooperará de maneira mais decisiva fazendo com que se ornamente inteiramente com flores naturais, trabalho de que se encarregará o sr. Ferdinando Tili da Floricultura Campineira.

APELO AO POVO

A Comissão apela ao povo campineiro para que compareça ás solenidades que serão realizadas ao pé do monumento tumulo no cemiterio do Fundão, bem como leve o quanto possivel de flores naturais a fim de ali serem depositadas, numa homenagem da mulher campineira aos valorosos soldados que deram suas vidas pela causa da reconstitucionalização do Brasil.

Em reunião ontem realizada na sede provisoria da Academia Campinense de Letras, sob a presidencia do prof. Francisco beiro Sampaio e com a presença de varios academicos e do prof. Mario Gianni, secretario de Educação e Cultura, da Prefeitura foram tomadas as providencias iniciais para o maior brilho dos festejos de 9 de julho em Campinas, cujo ponto alto será a conferencia do sr. Ibrahim Nobre na mencionada data, no Teatro Municipal.

Na reunião em apreço, o prof. Mario Gianini, na qualidade de secretario de Educação e Cultura, hipotecou todo o apoio á iniciativa, destinada a alcançar um exito marcante, assinalando um acontecimento de grande expressão civica e cultural.

JONVITES A'S AUTORIDADES

Varias providencias foram tomadas na reunião de ontem, no que se relaciona com a expedição de convites ás autoridades, bem como as associações culturais, colegios, Universidade de Campinas, Rotary Club, Lions Club, Sociedades Reunidas, Centro de Ciencias, Letras e Artes, Associação Campineira de Imprensa, gremios estudantinos, ex-combatentes, a fim de que a reunião marcada para 9 de julho registre um acontecimento de raro esplendor.

SAUDAÇÃO A IBRAHIM NOBRE

Falará na ocasião, saudando o conferencista, em nome da Academia Campinense de Letras e da Secretaria de Educação e Cultura, o academico Carlos Foot Guimarães diretor da Faculdade de Direito da Universidade de Campinas.

Condigna recepção está sendo preparada a Ibrahim Nobre, considerado o maior tribuno de S. Paulo e que foi um dos grandes vultos da epopéia gloriosa de 32

Na sua conferencia, no Municipal, Ibrahim preterá uma homenagem a memoria dos campineiros que tomaram na jornada constitucionalista de 1932.

As comemorações do 9 de Julho em Campinas

Senhoras da sociedade colaborem nas solenidades — Contribuição do comércio — Apelo ao povo — Realização de uma conferência a cargo de Ibrahim Nobre

Continua trabalhando ativamente a comissão promotora das próximas festividades do 9 de Julho, que marca a passagem das bodas de prata dessa gratíssima efeméride para coroação de todos os paulistanos e em geral para todos os brasileiros, a fim de que as mesmas, embora singelas, se revistam da máxima solenidade como bem o merece ser comemorada.

Por intermédio do sr. Alcides de Oliveira Maia, continuador dos trabalhos de seu saudoso pai sr. Adalberto de Oliveira Maia, que tanto trabalhou pelo levantamento daquele magnífico monumento que se erigiu ao lado do cemitério da Saudade, têm sido obtidas valiosas adesões de nosso comércio, que tem contribuído para o desenvolvimento dessas festividades.

COMISSÃO DE SRAS.

D. Olivia Simões Magro, que sempre foi ao lado de antigos campineiros um dos baluartes dessas realizações, no setor feminino, também vem cooperando para que a parte das senhoras residente em Campinas tenham um desenvolvimento condigno com o brilhantismo daquela data. Assim, nesse setor, d. Silvia vem organizando bom programa para ser cumprido nos próximos dias. Quaisquer adesões de sras. residente em nossa cidade poderão ser dadas às exmas. sras. d. Virginia Palmieri, tel. 3614; Silvia Simões Magro, te. 2406; Noemia Tibiriçá, tel. 2821 ou d. Carmelita Pupo Nogueira, tel. 2063.

CONTRIBUIÇÃO DO SR. MIGUEL VICENTE CURY

O industrial sr. Miguel Vicente Cury, que todos os anos, tradicionalmente, vem auxiliando a comissão promotora das festividades, já enviando um número grande de auxiliares de sua fábrica às festas cívicas, já mandando enfeitar o monumento-tumulo do soldado constitucionalista, este ano cooperará de maneira mais decisiva fazendo com que se ornamente inteiramente com

flores naturais trabalho de que se encarregará o sr. Ferdinando Tili, da Floricultura Campineira.

A comissão apela ao povo campineiro para que compareça às solenidades que serão realizadas ao pé do monumento-tumulo, no cemitério do Fundão, bem como leve o quanto possível de flores naturais a fim de ali serem depositadas numa homenagem da mulher campineira aos valorosos soldados que deram sua vida pela causa da reconstitucionalização do Brasil.

CONFERENCIA DE IBRAHIM NOBRE

Em reunião ontem realizada na sede provisória da Academia desta cidade sob a presidência do sr. Francisco Ribeiro Sampaio e com a presença de vários acadêmicos e do prof. Mario Gianini, secretário de Educação e Cultura, da Prefeitura, foram tomadas as providências iniciais para o maior brilho dos festejos do 9 de julho em Campinas, cujo ato será a conferência do sr. Ibrahim Nobre, na mencionada data, no Teatro Municipal.

Na reunião em apreço, o prof. Mario Gianini, na qualidade de Secretário de Educação e Cultura, hipotecou todo o paço á iniciativa, destinada a alcançar um êxito marcante, assinalando um acontecimento de grande expressão cívica e cultural.

CONVITE ÀS AUTORIDADES

Várias providências foram tomadas na reunião de ontem, no que se relaciona com a expedição de convites às autoridades, bem como às associações culturais, colegios, Universidade de Campinas, Rotary Club, Lions Club, Sociedades Reunidas, Centro de Ciências, Letras e Artes Associação Campineira de Imprensa, gremios estudantinos, ex-combatentes, a fim de que a reunião marcada para o dia 9 registre um acontecimento de raro esplendor.

SAUDAÇÃO A IBRAHIM NOBRE

Falará na ocasião, saudando o conferencista, em nome da Aca-

demia e da Secretaria de Educação e Cultura, o acadêmico Carlos Foot Guimarães, diretor da Faculdade de Direito da Universidade de Campinas.

Condigna recepção está sendo preparada a Ibrahim Nobre, considerando o maior tribuno de S. Paulo e que foi um dos grandes vultos da epopéia gloriosa de 32.

Na sua conferência, no Municipal, Ibrahim prestará uma homenagem á memória dos campineiros que tombaram na jornada constitucionalista de 32.

Em Campinas

Homenagem à memória do jornalista Paulo Lobo

Campinas, 17 (Da Sucursal de A GAZETA) — Em sessão pública e solene da Academia Campinense de Letras, a realizar-se na noite de 26 do corrente, nos salões do Centro de Ciências, será feito o elogio jornalístico de Paulo Lobo, patrono da cadeira 29 da referida Academia, o que estará a cargo do acadêmico Celso Maria de Mello Pupo, elemento dos mais abalizados no campo da história.

Realmente, durante muitos anos de jornalismo em nossa cidade, uma das mais brilhantes penas foi a de Paulo Lobo, escritor elegantíssimo e purista da língua. Em mais de uma década dirigiu jornal em Campinas, depois de intenso trabalho na imprensa paulistana, na qual se iniciou ainda estudante de direito. Mesmo enquanto se dedicava à tarefa espinhosa da advocacia e depois que passou a ocupar o cargo de diretor da Recebedoria de Rendas Estaduais desta cidade, não deixou Paulo Lobo o jornalismo até os últimos tempos de sua vida.

A Gazeta - 17/7/1957

Dia 26

ELOGIO À PERSONALIDADE DE PAULO LOBO NA ACADEMIA DE LETRAS DESTA CIDADE

A palestra estará a cargo do acadêmico Celso Maria de Mello Pupo

Durante muitos anos de jornalismo em Campinas, uma das mais brilhantes penas foi a de Paulo Lobo, escritor elegantíssimo e purista da língua. Em mais de uma década, dirigiu jornal nesta cidade, depois de intenso trabalho na imprensa paulistana na qual se iniciou ainda estudante de direito. Mesmo enquanto se dedicava à afamada advocacia e depois que passou a ocupar o cargo de diretor da Recebedoria de Rendas Estaduais,

não deixou ele o jornalismo até os últimos tempos de sua vida.

Em sessão pública e solene da Academia Campinense de Letras a realizar-se na noite de 26 do corrente mes nos salões do Centro de Ciências, será feito o elogio jornalístico de Paulo Lobo, patrono da cadeira n.º 29 daquela Academia, o que estará a cargo do acadêmico Celso Maria de Mello Pupo, dedicado a assuntos históricos de Campinas.

Correio Popular - 17/7/1957

Elogio jornalístico de Paulo Lobo:

SESSÃO PÚBLICA SOLENE, NO CENTRO DE CIÊNCIAS, POR INICIATIVA DA ACADEMIA CAMPINENSE DE LETRAS

Paulo Lobo, escritor elegantíssimo e purista da língua, fulgurou, durante muito anos, no jornalismo campineiro, como uma das mais brilhantes penas. Em mais de uma década dirigiu jornal em Campinas, depois de intenso trabalho na imprensa paulistana, na qual se iniciou quando ainda estudante de direito. Mesmo exercendo a advocacia e depois quando passou a ocupar cargo de Diretor da Recebedoria de Rendas Estaduais, não se a-

fastou do jornalismo, a ele se dedicando até os últimos dias de sua vida.

No próximo dia 26, em sessão pública solene, a Academia Campinense de Letras levará a efeito, às 20 horas, no salão nobre do Centro de Ciências, Letras e Artes, o elogio jornalístico de Paulo Lobo patrono da cadeira n.º 29 daquela entidade, a cargo do acadêmico Celso Maria de Mello Pupo, dedicado a assuntos históricos de Campinas.

Diário do Povo - 17/7/1957

Campinas, 23/7/1957

**Academia Campinense
de Letras:**

**BIOGRAFIA LITERARIA DE PAULO
LOBO, NO PROXIMO DIA 26**

Desde o início do ano corrente, está a Academia Campinense de Letras promovendo palestras em homenagem a seus patronos, palestras que constarão dos seus anais a par de outras publicações literárias.

Este mês foi destinado a Paulo Lobo, jornalista, fino literato e advogado por mais de trinta anos em Campinas, cuja pena privilegiada distribuiu valiosas produções pelos jornais da cidade e da capital do Estado.

Em reunião pública e solene na noite de 26 do corrente e nos salões do Centro de Ciências, será feito o seu elogio, conforme já noticiamos, pelo sr. Celso de Mello Pupo, membro daquela Academia.

DIÁRIO DO POVO

**BIOGRAFIA LITERARIA
DE PAULO LOBO**

Desde o início do ano corrente, está a Academia Campineira de Letras promovendo palestras em homenagem a seus patronos, palestras que constarão dos seus anais a par de outras publicações literárias.

Este mês foi destinado a Paulo Lobo, jornalista, fino literato e advogado por mais de trinta anos em Campinas, cuja pena privilegiada distribuiu valiosas produções pelos jornais da cidade e da capital do Estado.

Em reunião pública e solene, na noite de 26 do corrente e nos salões do Centro de Ciências, será feito o seu elogio, conforme já noticiamos, pelo Sr. Celso de Mello Pupo, membro daquela Academia.

CORREIO POPULAR

A Academia Campinense de Letras tem o prazer de convidar V. Excia. e a Exma. Família para assistirem à sessão solene do dia 26 de julho de 1957, às 20 horas, no Centro de Ciências, Letras e Artes, quando o acadêmico Celso Maria de Mello Pupo fará o elogio do seu patrono

PAULO ÁLVARES LOBO.

**REUNIÃO DA ACADEMIA
CAMPINENSE DE LETRAS**

(De Cataldo Bove) — Amanhã, sexta-feira, às 20 horas, no Centro de Ciências, Letras e Artes, a Academia Campinense de Letras promoverá mais uma de suas habituais reuniões. Na ocasião, falará o senhor Celso Maria de Melo Pupo, **membro**

da Academia, tendo como patrono o advogado, orador e jornalista Paulo Alves Lobo, campineiro de estirpe.

Personalidade de Paulo Lobo

O orador da noite, o sr. Celso Maria de Melo Pupo, jornalista e diretor da Recebedoria de Rendas desta cidade, tem-se dedicado intensamente às atividades intelectuais, através de artigos publicados e palestras pronunciadas.

Falará, assim de Paulo Alves Lobo, patrono da cadeira n.º 29 da Academia Campinense de Letras, que será homenageado em sessão pública e solene nos salões do Centro de Ciências, Letras e Artes.

Paulo Alves Lobo nasceu em Itú em 1871. Foi aluno do Colégio "São Luiz", no qual aos doze anos de idade pertencia à Arcadia Gregoriana, entidade que congregava os mais talentosos alunos. Coursou a Faculdade de Direito de São Paulo na qual se bacharelou em 1896.

Indole de jornalista, em 1893, entrou para o "Diário Popular", nele escrevendo até 1897 para pertencer, depois, à redação de "A Platéia", com Araujo Guerra e "A Nação", com Herculano de Freitas de quem foi grande amigo por toda sua vida.

Pertenceu ao velho Partido Republicano Paulista, juntando-se ao grupo de Francisco Glicerio a quem acompanhou sempre, quer nos períodos de prestígio, quer nos tempos do seu ostracismo.

Logo depois de formado instalou sua banca de advogado em Campinas em conjunto com os seus irmãos Antonjo e José Lobo, entrando para o corpo redatorial de "A Cidade de Campinas" em cujas colunas escreveu por cerca de quinze anos, a maior parte deles como redator-chefe.

Escritor primoroso, tinham seus artigos singular repercussão, não só os literários como os que tratavam da política federal, do Estado e do Município.

De rara pugnacidade, sustentou, sempre vantajosamente, vivas polémicas, em puro estilo e linguagem elevada como sempre conservou mesmo nos mais acirrados debates.

Foi um turfman apaixonado devendo-lhe o Jockey Club Campineiro a sua existência; reedificou o hipódromo de Campinas e incentivou a criação de puros sangue e o gosto pelo nobre esporte.

Como advogado brilhou na tribuna jurídica com trabalhos de valor e como orador fluente e de grandes dotes de espírito e de cultura, sempre se manteve entre os melhores de Campinas.

Na última década de sua vida ocupou o cargo de diretor da Recebedoria de Rendas Estaduais, foi católico convicto e de grandes conhecimentos doutrinários. Faleceu em 26 de junho de 1932.

Tem sido homenageado com a perpetuação do seu nome e da sua efigie, pela Associação Campineira de Imprensa e pelo Clube dos Advogados.

Campinas, 28 de julho de 1957.

ACADEMIA CAMPINENSE DE LETRAS

Magnífica sessão dedicada à memória de Paulo Lobo
— Sôbre a personalidade do ilustre campineiro discorreu o sr. Celso Maria de Melo Pupo

Conforme foi amplamente noticiado, realizou-se dia 26 do corrente no salão nobre do Centro de Ciências, Letras e Artes, mais uma sessão solene da Academia Campinense de Letras.

Com o comparecimento de avultado numero de academicos, convidados e membros da familia do homenageado, o professor Francisco Ribeiro Sampaio, presidente do sodalicio, abrindo os trabalhos deu a palavra ao academico Celso Maria de Melo Pupo afim de pronunciar ele sua conferencia de elogio ao patrono de sua cadeira dr. Paulo Alvares

Lobo.

Assumindo a tribuna o academico Mello Pupo discorreu com brilho e conhecimento sobre a personalidade do homenageado, referindo-se longamente a fatos marcantes da vida do ilustre jornalista, caudico e turfman, que durante toda a sua existencia viveu e dedicou-se à nossa Campinas, amando-a verdadeiramente.

Ao terminar o seu bellissimo trabalho literário e biografico, o conferencista academico Mello Pupo, que falou cerca de uma hora, foi calorosamente aplaudido e cumprimentado pela assistencia.

"DIÁRIO DO POVO"

REALIZOU A ACADEMIA CAMPINENSE DE LETRAS MAIS UMA SESSÃO SOLENE

Conforme foi amplamente noticiado, realizou-se dia 26 do corrente no salão nobre do Centro de Ciências, Letras e Artes, mais uma sessão solene da Academia Campinense de Letras.

Com o comparecimento de avultado numero de academicos, convidados e membros da familia do homenageado, o Professor Francisco Ribeiro Sampaio, presidente do sodalicio, abrindo os trabalhos deu a palavra ao academico Celso Maria de Melo Pupo afim de pronunciar ele sua conferencia de elogio ao patrono de sua cadeira Dr. Paulo Alvares Lobo.

Assumindo a tribuna o academico Mello Pupo discorreu com brilho e conhecimento sobre a personalidade do homenageado, referindo-se longamente a fatos marcantes da vida do ilustre jornalista, caudico e turfman, que durante toda a sua existencia viveu e dedicou-se à nossa Campinas, amando-a verdadeiramente.

Ao terminar o seu bellissimo trabalho literário e biografico, o conferencista academico Mello Pupo, que falou cerca de uma hora, foi calorosamente aplaudido e cumprimentado pela assistencia.

"CORREIO POPULAR"

, Acadêmicos que compareceram à conferência sôbre

PAULO ALVARES LÔBO, em 26/7/1957,

por Celso Maria de Mello Pupo

1. Benedito Sampaio,
2. Waldemar Cesar da Silveira,
3. Herculano Gouvea Neto,
4. Antônio Leite Carvalhaes,
5. Carlos Foot Guimarães,
6. Stênio Pupo Nogueira e senhora,
7. Theodoro de Souza Campos Junior,
8. Francisco Ribeiro Sampaio,
9. Waldomiro de Vasconcelos Ferreira,
10. Francisco José Monteiro Sales,
11. Milton Duarte Segurado,
12. Camilo Geraldo de Sousa Coelho,
13. Lycurgo de Castro Santos Filho,
14. Carlos Francisco de Paula,
15. Sebastião Alavarenga, e
16. Paulo da Silva Pinheiro.

Acadêmicos que deixaram de comparecer:

1. Monsr. Emílio José Salim,
2. Armando dos Santos,
3. Luso da Rocha Ventura,
4. Mário Gianini,
5. Heládio Brito,
6. Paulo Mangabeira Albernaz,
7. Edmundo Barreto, justificou,
8. José Emanuel Teixeira de Camargo,
9. Francisco Galvão de Castro,
10. Rafael de Andrade Duarte,
11. José Roberto do Amaral Lapa,
12. Plínio do Amaral,
13. Mário Erbolato,
14. Norberto de Sousa Pinto,
15. Adalberto Prado e Silva,
16. Francisco de Assis Iglésias,
17. Nelson Noronha Gustavo Filho,
18. Guilherme Leanza,
19. Paulo de Castro Pupo Nogueira, justificou,
20. Ruy de Almeida Barbosa, e
21. José de Castro Mendes.

Campinas, 4 de junho de 1.959.

Meu caro Nelson

Ha tempos, com o Prof. Francisco Ribeiro Sampaio, fizemos a voce um pedido em favor da Academia Campinense de Letras.

Ela necessitava, na ocasião, de uma verba de dois milhões de cruzeiros para construir a sede em terreno doado pela Prefeitura.

Falamos com voce, em palestra, e agora o Sampaio me pede que o interpele sobre essa possibilidade, o que ora faço.

Estive aí no Rio em maio e, numa quinta feira, o esperei no Escritório do Governo de São Paulo, antes do início da reunião dos parlamentres, sem ter o prazer de encontra-lo.

Combinei com o Aristides que mandaria a ele umas reivindicações da Santa Casa e ele as apresentaria aos deputados.

Um abraço do amigo, com o pedido de recomendar-me a sua Exma. Senhora.

seu amigo
Celso

Celso Maria de Mello Pupo

Para a Academia

Não respondeu.

Na Academia Campinense de Letras

É novo Acadêmico o Ten. Cel. Luiz Felipe da Silva Wiedemann

Preenchida a vaga do dr. Paulo de Castro Pupo Nogueira — "Curriculum Vitae"

Acaba de ser justissimamente escolhido para a Academia Campinense de Letras, na vaga do saudoso dr. Paulo de Castro Pupo Nogueira, o ten.-cel Luiz Felipe da Silva Wiedemann, ilustre oficial do Exército Brasileiro que, em Campinas, não só é sub-comandante do 5.º Grupo de Canhões 90 Anti-Aéreos, mas também credor de geral apreço pelas destacadas qualidades de intelecto e pelos serviços já prestados às instituições culturais da cidade.

O novo acadêmico ocupará, como dissemos, a cadeira vaga com o falecimento do dr. Paulo de Castro Pupo Nogueira, a qual tem por patrono João Batista Pupo de Moraes.

"CURRICULUM VITAE" DO NOVO ACADEMICO

Dono de muitos títulos, autor de muitos trabalhos não só em sua especialidade, mas em Sociologia, em História e em Literatura, o ten. cel. Luiz Felipe da Silva Wiedemann, natural de Bagé, no Rio Grande do Sul, filho do general Jorge França Wiedemann e de d. Universina Silva Wiedemann, pode apresentar o seguinte e ilustre "curriculum vitae":

Fez seu Curso Secundário no Ginásio Julio de Castilhos, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul e Externato Pedro II, no Distrito Federal;

Curso Superior na Escola Militar do Realengo, atual Academia Militar das Agulhas Negras.

Cursos Militares Pós-Graduação:

De Defesa Anti-Aérea, na Escola de Defesa Anti-Aérea, 1940;
De Aperfeiçoamento de Oficiais do Exército, na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, em 1948;

De Tática Aérea do Ministério da Aeronáutica, na atual Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais da Aeronáutica, na Base de Cumbica, S. Paulo, em 1951;



Ten.-Cel. Luiz Felipe da Silva Wiedemann.

De Técnica de Ensino do Exército, na Diretoria Geral de Ensino do Exército, em 1954.

Cursos Civis:

De Pesquisas Sociais e Econômicas da Universidade Rural do Rio de Janeiro, em 1954, com o Prof. John Kolb, da Universidade de Wisconsin, Estados Unidos da América do Norte;

De Jornalismo, em 1952;

De Conferências sobre Administração, realizado sob os auspícios do Instituto Brasileiro de Administração, em 1953;

De Extensão Universitária sobre Tendências de Evolução do Brasil Contemporâneo, da Universidade de S. Paulo, em 1956

De Orientação Social, na Comissão Especial do Serviço Social do Exército, em 1951;

De Problemas de Administração, ministrado pelo I.D.O.R.T., em 1956.

Membro das seguintes

Instituições:

Cruz Vermelha Brasileira;
Sociedade Brasileira de Sociologia (São Paulo);

Centro Studi e Scambi Internazionali (Union des Associations Internationales);

Associação Latino Americana de Sociologia (ALAS);

Section Nationale de l'Institut International des Sciences Ad-

ministratives (Bruxelas, Residence Belliard);

Instituto de Colonização Nacional;

Associação dos Ex-Combatentes;

Associação Brasileira de Municípios (AGM);

Do Conselho do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas;

Do Conselho da Associação Campineira de Turismo;

Do Conselho da ACATA (Campinas);

Sócio Perpétuo do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe;

Sócio do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo;

Sócio da Associação Campineira de Imprensa;

Sócio da Associação Brasileira de Imprensa (ABI);

Da Sociedade Amigos da Cidade de Campinas;

Irmão Benfeitor da Santa Casa de Misericórdia de Campinas.

Exerceu as seguintes funções:

Professor de Sociologia Educacional do Curso de Técnica de Ensino do Exército;

Instrutor-Chefe de Operações Terrestres e Defesa de Aeródromos da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais da Aeronáutica, Cumbica, São Paulo;

Professor de Geografia do DASP;

Membro da Comissão de Estudos das Propriedades Rurais da União, a cargo do Exército;

Membro da Comissão Especial do Serviço Social do Exército;

Presidente do Departamento de História do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas;

Oficial de Ligação do Ministério da Guerra com o Instituto Nacional de Imigração e Colonização (INIC);

E' Professor de Sociologia.

Tomou partes nos seguintes Congressos:

1953 — Latino Americano de Sociologia, representando a Cruz Vermelha Brasileira e por si;
1954 — I Congresso Brasileiro de Nutrição, representando a Comissão Especial do Serviço Social do Exército;
1954 — I Congresso de Sociologia do Paraná, representando a Cruz Vermelha e por si;
1954 — Congresso Brasileiro de Sociologia, em São Paulo;
1955 — Convidado Especial da ABM na reunião do Conselho Deliberativo, realizado em Guarujá;
1955 — Convidado Especial do Congresso Latino Americano de Sociologia realizado em Quito, Equador;
1957 — Convidado Especial do XVII Congresso Internacional de Sociologia realizado em Beirute, Líbano;
1957 — Convidado Especial do IV Congresso Histórico Municipal Interamericano, realizado em Madri;
1957 — Convidado Especial da ABM, no Congresso Municipal do Rio de Janeiro;
1957 — Convidado Especial da APM, no VI Congresso Paulista de Municípios, realizado, em Franca, São Paulo;
1958 — Convidado Especial do XVIII Congresso Internacional de Sociologia realizado em Nuremberg, Alemanha;
1959 — Convidado a tomar parte no V Congresso de Municípios realizado em Recife, em Dezembro;
1960 — Convidado Especial do XIX Congresso Internacional de Sociologia realizado no México.

Colaborador das revistas e jornais:

Defesa Nacional;
Cruz Vermelha Brasileira;
Seleções Agrícolas;
Correio da Manhã;
Correio Popular (Campinas);
Diário do Povo (Campinas);
Diário da Tarde (Franca);
Militia (Orgão do Clube dos Oficiais da Força Pública do Estado de S. Paulo);
Revista da Universidade Católica de Campinas;
Revista "Sociologia" da Escola de Sociologia e Política de S. Paulo;

Artigos publicados no Brasil e Brasil e no estrangeiro (alguns):

"Exército e Agricultura",

tem
dade
de cultivo
mem a bon
do fará para qu
toriosos. Aliás,
mas não falta".

transcrito na Revista Militar de Portugal;

Tese "Sociologia Rural", apresentada no Congresso Internacional de Sociologia realizado em Beirute, Líbano e publicado no Vol 1 das "Actes du XVI Congrès International de Sociologie";

Tese "La politique de Défense de l'Etat dans la Paix dans la Guerre", incluída nos anais do XVIII Congresso Internacional de Sociologia, realizado em Nuremberg, Alemanha;

"Aspectos sócio-defensivos de uma comunidade";

"Alimentação no Binômio Município — Unidade Agrícola" apresentado a 23 de Abril de 1955, na reunião do Conselho Deliberativo da ABM, em Guarujá;

"Termos Técnicos de Serviço Social e Especiais do Serviço Social do Exército";

"Aracaju 1855-1955", 1.º prêmio sobre o Centenário de Aracaju;

"Organização do Ensino no Exército";

"Organização das Unidades Agrícolas";

"Estratégia como ciência política e ciência militar";

"O Exódo Rural e o Exército";

"Osório e Tuiuti";

"Maria Quitéria";

"Quatro qualidades marcantes do Duque de Caxias";

"A sedutora personalidade do General Osório";

Entrevista ao Diário do Povo, 19-6-57 sobre o 87.º aniversário de nascimento de Calógeras;

"Caxias e sua personalidade";

"Conde de Porto Alegre";

Sob sua presidência no Departamento de História do Centro de Ciências, Letras e Artes foi erguido, a 25 de agosto de 1956, na Fazenda de Santa Genebra, em Campinas, S. Paulo, o Monumento da Venda Grande.

Possui cerca de 17 condecorações entre Nacionais e Estrangeiras.

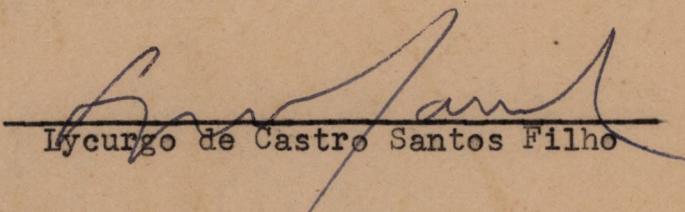
ACADEMIA CAMPINENSE DE LETRAS

Séde provisória: Rua Bernardino de Campos, 1078, 2º andar, sala 3

Exmo.Snr. Celso Maria de Melo Pupo

Comunicando ao prezado confrade a instalação da séde provisória da Academia, no enderêço supra, tenho o prazer de convidá-lo para a reunião mensal que se realizará na primeira segunda-feira de cada mês, às 20,30 horas, na mesma séde.

Contando com a sua presença, aproveito a oportunidade para enviar cordiais saudações.


Lycurgo de Castro Santos Filho

Campinas, 18 de maio de 1961

Academia Campinense de Letras

Sob a presidência de Lycurgo de Castro Santos Filho realizou-se no dia 7 do corrente mês mais uma sessão da Academia Campinense de Letras, com a presença dos acadêmicos Carlos José Monteiro Sales, Teodoro de Souza Campos Junior, Milton Duarte Segurado, Celso Maria de Melo Pupo, Carlos Francisco de Paula, Francisco Ribeiro Sampaio e Francisco Isolino de Siqueira. Depois de lida e aprovada a ata da sessão anterior, tratou-se da correspondência recebida e expedida. Ficou assentada a data de vinte e cinco de agosto para o jantar que os acadêmicos oferecerão ao novo sócio correspondente, dr. José Pedro Leite Cordeiro, presidente do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, o qual na ocasião dissertará sobre "Afonso de Taunay e as Bandeiras". Pelo acadêmico Francisco Sampaio foi lida uma bela composição literária de sua lavra. Finalizando distribuiu-se o

número 13 das publicações da Academia, magnífico trabalho do acadêmico Paulo Mangabeira Albernaz, que se intitula "Discurso de Recepção do acadêmico honorário D. Paulo de Tarso Campos". Esse discurso foi pronunciado na sessão solene de treze de julho de 1960, no salão do Palácio Arquiepiscopal de Campinas.

(faltou o nome de Carlos Penteado Stevenson)

ACADEMIA CAMPINENSE DE LETRAS

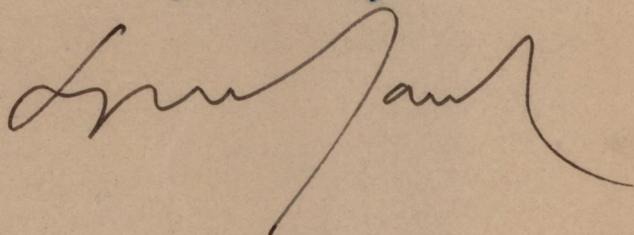
Prezado Acadêmico.

Convidado pela Academia Campinense de Letras, o dr. José Pedro Leite Cordeiro, presidente do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e membro da Academia Paulista de Letras, virá a Campinas para um jantar que lhe será oferecido, pelos acadêmicos, no dia 25 do corrente mês de agosto, sexta feira, às 20 horas, no Jockey Club Campineiro (cidade). Na ocasião, o visitante discorrerá sobre "Afonso de Taunay e as Bandeiras".

A Academia solicita com empenho a presença do prezado confrade e de sua senhora, para mais apropriada recepção da senhora do homenageado e conagração da família acadêmica.

Certo do comparecimento, aproveita para enviar atenciosas saudações,

o presidente,



Em tempo: a próxima mensalidade será acrescida da quantia de R\$ 500,00 como contribuição a homenagem ao dr. Leite Cordeiro.

Agosto 1961

Penido Burnier eleito para a cadeira n.º 4

Sob a presidência do sr. Lycurgo de Castro Santos Filho, reuniu-se a Academia Campinense de Letras, no dia 2 do corrente, presentes os acadêmicos Francisco de Assis Iglésias, Celso Maria de Melo Pupo, Waldomiro Ferreira, Theodoro de Sousa Campos Júnior, Francisco Ribeiro Sampaio, Carlos Penteado Stevenson e Alexandre Chiarini. Em nome de João Amendola, Francisco Sampaio ofertou à biblioteca do sodalício o "Dicionário Italiano Português" que o veterano livreiro e autor publicou ultimamente pela Editora Fulgor e cuja aceitação vem se processando com geral interesse. O mesmo acadêmico também entregou os livros "Polêmica alegre da gramática", de B. Sampaio, "Cante a três vozes", de B. Sampaio, Elisa Sampaio Serrano e Mauro Ribeiro Sampaio, e "Inspiração estranha", de Mauro Sampaio. O acadêmico Sousa Campos Júnior ofertou à biblioteca opúsculos sobre a história da irmandade do Santíssimo de S. Paulo e sobre d. Rolim Loureiro.

Procedeu-se, em seguida, à eleição de João Penido Burnier para a cadeira n.º 4, vaga pelo falecimento de Waldomiro Cesar da Silveira. Um dos maiores valores culturais desta cidade, um expoente da medicina brasileira, com o seu nome projetado internacionalmente gra-

ças à bibliografia que possui e ao instituto que fundou, João Penido Burnier vem crescer o renome da Academia Campinense de Letras.

Em continuação, houve um verdadeiro torneio de poesia, quando Francisco Sampaio leu os versos bem inspirados "Imigrante" e "Meu Filho", de Elisa Serrano, o "Pinheiro do Monte", de B. Sampaio, que bem pode penetrar no fabulário nacional, e "Meu nome", com divagações sobre o próprio nome, de Mauro Sampaio. Após Francisco Iglésias, com sua boa memória, recitou dois madrigais de sua mocidade, enquanto Alexandre Chiarini, um dos bons poetas clássicos, declamou "Solilóquio", a feliz visão do caminheiro que percorre a estrada da vida e da morte, e "Ontem, hoje e amanhã", poesia já vertida para o francês, de louvor ao amor materno. Carlos Stevenson leu "Esperança", belos versos do anseio fugidio, e "Galileu Galilei", ou a teimosia do que tem a verdade e a proclama contra o obscurantismo. Terminando, Waldomiro Ferreira apresentou em prosa escorreita, "Pontos de vista", um debate polêmico sobre o presente e o futuro da humanidade, com seus problemas sociais, políticos e religiosos. Difícil tema, muito bem versado, que encerrou a noite de bela e elevada literatura.

Correio Popular - 4-10-961

PENIDO BURNIER NA ACADEMIA

Presidida por Lycurgo de Castro Santos Filho reuniu-se a Academia Campinense de Letras no dia 2 do corrente, presentes os acadêmicos Francisco de Assis Iglésias, Celso Maria de Melo Pupo, Waldomiro Ferreira, Theodoro de Sousa Campos Júnior, Francisco Ribeiro Sampaio, Carlos Penteado Stevenson e Alexandre Chiarini. Em nome de João Amendola, Francisco Sampaio ofertou à biblioteca do sodalício o "Dicionário Italiano Português", que o veterano livreiro e autor publicou ultimamente pela Editora Fulgor e cuja aceitação vem se processando com geral interesse. O mesmo acadêmico também entregou os livros "Polêmica alegre da gramática", de B. Sampaio, "Canto a três vozes", de B. Sampaio, Elisa Sampaio Serrano e Mauro Ribeiro Sampaio, e "Inspiração estranha", de Mauro Sampaio. O acadêmico Sousa Campos Júnior ofertou à biblioteca opusculos sobre a história da irmandade do Santíssimo de S. Paulo e sobre d. Rolim Loureiro.

Procedeu-se, em seguida, à eleição de João Penido Burnier para a cadeira n.º 4, vaga pelo falecimento de Waldemar Cesar da Silveira. Um dos maiores valores cul-

turais desta cidade, um expoente da medicina brasileira, com o seu nome projetado internacionalmente graças à bibliografia que possui e ao instituto que fundou, João Penido Burnier vem crescer o renome da Academia Campinense de Letras.

Em continuação, houve um verdadeiro torneio de poesia, quando Francisco Sampaio leu os versos bem inspirados "Imigrante" e "Meu filho", de Elisa Serrano, o "Pinheiro do Monte", de B. Sampaio, que bem pode penetrar no fabulário nacional, e "Meu nome", com divagações sobre o próprio nome, de Mauro Sampaio. Após Francisco Iglésias, com sua boa memória, recitou dois madrigais de sua mocidade, enquanto Alexandre Chiarini, um dos bons poetas clássicos, declarou "Solilóquio", a feliz visão do caminheiro que percorre a estrada da vida e da morte, e "Ontem, hoje e amanhã" poesia já vertida para o francês, de louvor ao amor materno. Carlos Stevenson leu "Esperança", belos versos do anseio fugido, e "Galileu Galilei", ou a teimosia do que tem a verdade e a proclama contra o obscurantismo. Terminando, Waldomiro Ferreira apresentou em prosa escorreita, "Pontos de vista", um debate polêmico sobre o presente e o futuro da humanidade, com seus problemas sociais, políticos e religiosos. Difícil tema, muito bem versado, que encerrou a noite de bela e elevada literatura.

ACADEMIA CAMPINENSE DE LETRAS

Campinas, novembro de 1.961.

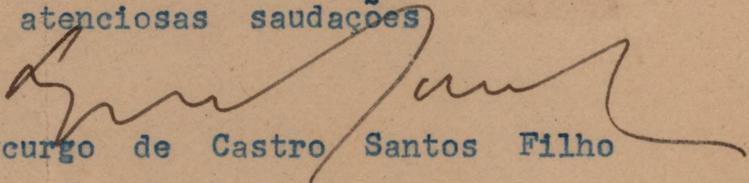
Prezado confrade

Na reunião mensal deste mês ficou resolvida a elevação da mensalidade devida ao nosso sodalício para Cr.-200,00. Assim sendo, em dezembro serão cobrados os meses em -atrazo e a partir de janeiro de 1962 vigorará o aumento. Aos que preferirem pagar a anuidade, dar-se-á o abono de uma mensalidade.

Contigência do exagerado custo de vida, o aumento permitirá à Academia realizar mais do que tem realizado.

Aproveito a oportunidade para apresentar ao ilustre acadêmico

atenciosas saudações


Lycurgo de Castro Santos Filho

Presidente

Prof. Hilton Federici eleito para a cadeira 17 da Academia Campinense de Letras

Presidida pelo sr. Lycurgo de Castro Santos Filho e com a presença dos srs. Carlos Penteado Stevenson, Waldomiro Ferreira, Celso Maria de Melo Pupo, Francisco José Monteiro Sales, Teodoro de Sousa Campos Junior e Alexandre Chiarini, esteve reunida a Academia Campinense de Letras. Inicialmente foi procedida a leitura da ata da sessão anterior, aprovando-se um voto de louvor a Carlos Stevenson pela série de atas que vem redigindo, um seguro repositório da vida acadêmica. O presidente comunicou o comparecimento a sessões comemorativas do sexagésimo aniversário do Centro de Ciências, Letras e Artes, cujo programa, sob a responsabilidade do dr. Marino Ziggiatti, tem sido cumprido com singular regularidade. Para a cadeira vaga, número 17, foi eleito o professor Hilton Federici, culto

catedrático do Colégio Estadual, geógrafo e historiador, um acatado intelectual que honrará a Academia. Recebeu-se comunicação do confrade Rui de Almeida Barbosa, que reservou trinta mil cruzeiros da dotação orçamentária da Assembléia Legislativa para o patrimônio do sodalício. Resolveu-se que a próxima publicação da Academia será uma coletânea de trabalhos inéditos de alguns acadêmicos. Em seguida, foram comentados novos livros recentemente editados, havendo Alexandre Chiarini recitado uns antigos e bem arquitetados versos de sua lavra, secundando-o Carlos Penteado Stevenson com a leitura de alguns sonetos que refletem aquele tom quase amargo que ressuma de sua poesia quando analisa confrontos, encara as contradições, verbera o obscurantismo e canta a insatisfação e o amor.

Diário do Povo - 10-XI-961-

Nova Publicação da Academia

Realizou-se no dia 4 do corrente a última reunião do ano de 1961 da Academia Campinense de Letras. Presidida por Lycurgo de Castro Santos Filho, compareceram os acadêmicos Carlos Penteado Stevenson, Celso Maria de Melo Pupo, Luis F. da Silva Wiedmann, Francisco de Assis Iglésias, Waldomiro Ferreira, Theodoro de Sousa Campos Junior, Armando dos Santos e Alexandre Chiarini. Depois da leitura e aprovação da ata da sessão anterior, passou-se ao expediente, quando foram recebidos o último número da Revista da Academia Paulista de Letras, o livro "Fogo de Outono" de Marina de Campos Lomba Bertoni, e um exemplar de luxo da "Constitución de la Nación Argentina", mais o opusculo "Ultima Aula (oração de Paraninfo)", estes últimos oferecidos pelo acadêmico Alexandre Chiarini.

O presidente comunicou que compareceu, em nome da Academia, à missa mandada celebrar pelo coronel comandante da guarnição militar de Campinas, em intenção das vítimas da intentona comunista de 1935. Disse, ainda, que o centenário do nascimento do homem público que foi Orosimbo Maia, será comemorado conjuntamente pela Academia e pelo Centro de Ciências, Letras e Artes, no próximo dia 13. Pelo sodalicio falará o acadêmico Camilo Geraldo de Sousa Coelho, estudando a personalidade de Orosimbo Maia como político.

O presidente congratulou-se com os seus pares pela nova publicação da Academia, a plaqueta intitulada "Campinas que vi em 1932", da autoria do eminente historiador Aureliano Leite. Por um imperdoável lapso, figura a mesma como sendo a de número 14, quando na verdade é o 15, pois já saiu na serie, como número 14, o valioso estudo "uma apreciação sobre os fundamentos da teoria econômica do marxismo", do acadêmico Stenio Pupo Nogueira.

Foram lançados em ata vozes de pezar pelo passamento de duas venerandas figuras femininas da velha Campinas, as senhoras Líbia Ferreira de Queiroz Telles e Etelvina Sales Alves esta viúva do médico Tomás Alves.

Na ordem do dia, o acadêmico Francisco de Assis Iglésias comentou a reprodução, sem citação da fonte, por Aquilino Ribeiro em seu afamado "Quando os lobos uivam", de uma canção folclórica brasileira com variação de Iglésias e por este inserta no livro de sua autoria, o também afamado "Caatingas e chapadões". O acadêmico Waldomiro Ferreira leu o poema "Procela tropical", uma imaginária tempestade em alto mar, com as ondas se abatendo sobre um fragil esquife que voga desarvorado na tormenta e acaba estraçalhado. Sob os aplausos dos presentes, Waldomiro Ferreira encerrou a reunião com mais um de seus estudos sobre temperamentos, "Rebelde" é o monólogo de uma mulher neuropata, saciada e insaciável, que ameja e depois repele, que deseja o amor e afasta o homem que a ama.

A próxima sessão da Academia será efetuada na primeira segunda-feira de fevereiro de 1962.

Campinas, 14 de maio de 1962.

Meu caro Licurgo.

Pelo telefone o procurei mais de uma vez, para dizer-lhe que estive em Baurú acertando a vinda do Bevilacqua.

Dia 6 êle falará, às 20 horas, na Universidade, sobre "Aspectos Globaes da Astronáutica". É necessário previnir a exibição do filme que êle vae trazer.

Parto para São Vicente em busca de repouso. Estarei de volta até o dia 26.

Aluísio de

Clay.

Celso Maria de Mello Pupo

Academia Campinense de Letras

Reiniciando suas atividades culturais em 1962, a Academia Campinense de Letras reuniu-se no dia 5 do corrente sob a presidência de Lycurgo de Castro Filho, com a presença dos acadêmicos Carlos Penteado Stevenson, Francisco de Assis Iglésias, Francisco Ribeiro Sampaio, Alexandre Chiarini, Theodoro de Sousa Campos Júnior, Celso Maria de Melo Pupo, Luis Felipe da Silva Wiedmann e Hilton Federici. Após a leitura e aprovação da magnífica ata elaborada por Carlos Stevenson, passou-se ao expediente, que constou de diversos assuntos de natureza administrativa, sendo eleito sócio correspondente do sodalício o ilustre professor Sebastião Pagano, possuidor de escolhida bibliografia. Carlos Stevenson doou a biblioteca da Academia os livros de sua autoria "Glaucoma e seu tratamento" e "Subsídios para o plano de remodelação da cidade de Campinas". Luis Felipe Wiedmann propoz com a aprovação geral, que os patronos das cadeiras acadêmicas permaneçam sempre os já escolhidos, que são nomes eminentes da antiga Campinas. Para uma das vagas ainda existentes, o presidente lembrou o nome do cultor das belas letras e poeta com livros publicados, Manoel Ribeiro Sampaio, devendo a indicação ser apreciada na próxima sessão.

Na ordem do dia, Francisco Iglésias aludiu à visita que o famoso poeta nicaraguense Rubem Dario,

precursor do Modernismo e autor dos "Cantos de Vida y Esperanza", efetuou há anos ao Instituto Butantã, de São Paulo. Francisco Sampaio, a propósito do aniversário do dr. Amadeu Mendes, que dirigiu por muito tempo o ginásio "Culto à Ciência", pediu à Academia que oficiasse ao ilustre educador, para dizer-lhe que fôra por ela homenageado, sendo secunado por Melo Pupo, Sousa Campos Júnior e Chiarini, que evocaram traços da vida de Amadeu Mendes. Carlos Stevenson requereu um voto de pesar pelo falecimento de Luis Edmundo, e o necrológio do cronista e historiador da cidade do Rio de Janeiro, foi proferido por Francisco Iglésias, seu amigo de muitos anos. Francisco Sampaio aludiu ao recente lançamento do livro "A cidade colonial", do comrade Nelson Omegna, dizendo do agrado que lhe causara a leitura, propondo que a Academia felicitasse o autor. Theodoro de Sousa Campos Júnior, cultuando a memória de vultos do passado da cidade, pediu que constasse em ata um voto de pesar pelo recente passamento da senhora Vitalina Ferreira Penteado, viúva de Joaquim Penteado e dama que se mostrou digna descendente dos homens que ajudaram a fazer Campinas. Era neta do barão de Itatiba, doador da "Escola Ferreira Penteado" e proprietário do edifício onde se situa a Prefeitura Municipal.

Encerrando a sessão, o presidente lamentou que muitos acadêmicos primem pela ausência às agradáveis tertúlias, e marcou a próxima reunião para o dia 12 de março, quando Carlos Stevenson falará sobre a fundação de São Paulo.

SEDE PRÓPRIA PARA A ACADEMIA

Sob a presidência de Lycurgo de Castro Santos Filho reuniu-se a Academia Campinense de Letras no dia 3 do corrente mês, presentes os acadêmicos David Antunes, Carlos Penteado Steevnson, Benedito Sampaio, Norberto Sousa Pinto, Francisco de Assis Iglesias, José Emanuel Teixeira de Camargo, Mauro Ribeiro Sampaio, Carlos Francisco de Paula, Monsenhor Luís Fernandes de Abreu, Hilton Federici, Teodoro de Sousa Campos Júnior, Francisco Ribeiro Sampaio, Celso Maria de Melo Pupo, Alexandre Chiarini, fazendo-se ainda, representar, os acadêmicos Waldomiro Ferreira, Francisco Isolino de Siqueira e Luís Felipe da Silva Wiedmann.

Depois da leitura da ata elaborada por Carlos Stevenson, e da leitura do expediente, passou-se ao principal assunto da reunião, a aquisição de sede própria para o sodalício. Celso Melo Pupo informou sobre os passos que efetuou para encontrar um negócio realizável, e após debates em que se empenharam quase todos os presentes, foi votada e aprovada a

proposta do referido acadêmico, qual seja a compra de um conjunto localizado em moderno edifício da Avenida Francisco Glicério. Com recursos próprios, contando com a boa vontade e com o auxílio dos associados, serão adquiridas as salas necessárias ao perfeito funcionamento da sociedade. Assim sendo, autorizada pelos consócios, irá a diretoria ultimar a operação comercial que dotará a Academia de uma sede de sua propriedade.

Movimento CULTURAL

CONFERÊNCIA PELO CORONEL WIEDMANN NA ACADEMIA

Realizou-se a primeira do corrente a sessão mensal da Academia Campinense de Letras, sob a presidência de Lycurgo de Castro Santos Filho, com a presença dos acadêmicos Monsenhor Luís de Abreu, Carlos Penteado, Stevenson, Mauro Ribeiro Sampaio, Luis Felipe da Silva Wiedmann, Hilton Federici e David Antunes. Depois de lida a ata elaborada por Carlos Stevenson, passou-se à leitura da correspondência recebida e expedida. Na ordem do dia, Monsenhor Luís de Abreu e Hilton Federici expuseram aos seus pares as providências tomadas quanto à compra da sede própria, que já foi efetuada. Nesse sentido, e por intermédio do acadêmico Francisco Sampaio, o industrial Mário Rubens Costa colaborou com um apreciável donativo.

O acadêmico Luis Felipe da Silva Wiedmann leu para os presentes a conferência que pronunciou em Tietê sobre Cornélio Pires. Recordando o rio Tietê e a velha cidade do mesmo nome, ressaltou a grande contribuição do folclorista para o conhecimento do caipira. Com as suas "estória", os seus "causos", Cornélio retratou o caráter e o temperamento, as habilidades artísticas, os hábitos e costumes do caboclo, o seu apêgo ao fumo, à pinga e ao café. Filósofo da sabedoria popular estudioso que pesquisou "in loco", nas suas andanças pelo sertão, Cornélio Pires deixou uma bibliografia que merece reedição comentada, tal o valor da

sua contribuição para a cultura sociológica nacional, para o estudo do caipira, um lídimo representante de um tipo regional brasileiro. Se Catulo da Paixão Cearense, como acentuou Wiedmann, encarna, nos seus cantos, a inspiração. Cornélio Pires documentou o Brasil caboclo. Seus versos "Casa Rústica" e "Dia de Eleição", recitados pelo acadêmico, apontam, respectivamente, o interior da casa sertaneja, e os aspectos marcantes das eleições. Ao final, Wiedmann foi cumprimentado pelos confrades, pela magnífica e bem elaborada conferência.

Correio Popular
4/10/1962

ACADEMIA CAMPINENSE DE LETRAS 9.

Sob a presidência de Lycurgo de Castro Santos Filho realizou-se no dia 5 do corrente a reunião mensal da Academia Campinense de Letras, havendo comparecido os acadêmicos Carlos Penteado Stevenson, Benedito Sampaio, Alexandre Chiarini, Waldomiro Ferreira, Francisco de Assis Iglésias, Hilton Federici, Carlos Francisco de Paula, Mauro Sampaio e Celso Maria de Melo Pupo. A ata foi lida por Carlos Stevenson, e a propósito da mesma, Francisco Iglésias teceu considerações sobre o seu conhecimento de Cornélio Pires. O acadêmico Carlos de Paula, apresentou o balancete das quantias arrecadadas para a aquisição da sede própria, tarefa que vem sendo executada pelo acadêmico Hilton Federici.

Recebeu-se um exemplar do livro "Questões de Linguagem médica. Segunda série", uma coletânea de eruditos estudos do acadêmico Paulo Mangabeira Albernaz, que é indiscutível autoridade no campo da terminologia médica. Vários assuntos foram depois debatidos, mormente o problema da publicação dos trabalhos dos confrades, sendo nesse sentido apresentada uma proposta pelo acadêmico Mauro Sampaio. Finalizando, Francisco Iglésias pediu, e aprovou-se por unanimidade, que se lançasse em ata um voto de pesar pelo anunciado desaparecimento da revista paulistana "Anhembí", e que se oficiasse ao seu diretor hipotecando-lhe simpatia e dizendo da tristeza pelo término da afamada revista cultural.

Correio Popular
9/11/1962



ACADEMIA CAMPINENSE DE LETRAS

AV. FRANCISCO GLICÉRIO, 964 - 2.º andar - conjunto 206

CAMPINAS (SP)

Ilmo. Sr.

Acadêmico Celso Maria de Mello Pupo

N E S T A.

Levo ao seu conhecimento que o acadêmico Francisco Isolino de Siqueira, presidente do Departamento de Literatura do Centro de Ciências, Letras e Artes, convidou a Academia a juntar-se ao mesmo Departamento para a realização de um curso de literatura brasileira e portuguesa em preleções sobre aspectos da formação, evolução e estado contemporâneo. Peço, então, ao prezado confrade que me comunique uma possível aceitação de sua parte para proferir umas lições sobre tema de sua escolha, dentro do programa, e em época a ser determinada.

Aproveito a ocasião para comunicar que a Academia já está instalada em sede própria, à Avenida Francisco Glicério, 964, segundo andar, conjunto 206, sede que foi adquirida e paga totalmente graças, principalmente, à contribuição monetária sua e dos demais acadêmicos. Congratulo-me consigo pelo auspicioso evento e apresento

atenciosas saudações

Lycurgo de Castro Santos Filho

Presidente.

Campinas, 16 de agosto de 1.963.

Academia Campinense de Letras

FUNDADA EM 1956

QUADRO DE MEMBROS EM OUTUBRO DE 1963

TITULARES E PATRONOS

Cadeira	Fundador	Atual Titular	Patrono
1	Francisco Ribeiro Sampaio	o fundador	Leopoldo Amaral
2	Mons. Emilio José Salim	o fundador	D. João B. Correia Nery
3	Benedito Sampaio	o fundador	Carlos de Laet
4	Waldemar Cesar da Silveira	João Penido Burnier	Afrânio Peixoto
5	Carlos Francisco de Paula	Vaga	João Lourenço Rodrigues
6	Herculano Gouveia Neto	o fundador	Cesar Bierrembach
7	Armando dos Santos	o fundador	Euclides da Cunha
8	Francisco Isolino de Siqueira	o fundador	Monteiro Lobato
9	Antônio Leite Carvalhaes	o fundador	Hildebrando Siqueira
10	Mário Gianini	o fundador	Padre Leonel da Franca
11	Carlos Foot Guimarães	o fundador	Júlio de Mesquita
12	Stênio Pupo Nogueira	o fundador	Francisco Moraes Junior
13	Heládio Brito	o fundador	Castro Alves
14	Theodoro de Sousa Campos Júnior	o fundador	Bernardo Sousa Campos
15	Paulo Mangabeira Albenaz	o fundador	Ruy Barbosa
16	Francisco José Monteiro Sales	o fundador	Tomás Alves
17	Edmundo Barreto	Milton Federici	Afonso de Taunay
18	José Emanuel Teixeira Camargo	o fundador	Arnaldo Vieira Carvalho
19	Plínio do Amaral	o fundador	Amadeu Amaral
20	José de Castro Mendes	Alexandre Chiarini	Rodrigues de Abreu
21	Milton Duarte Segurado	o fundador	Artur Vitor A. Segurado
22	Francisco Galvão de Castro	o fundador	Oliveira Viana
23	Waldomiro Vasconcelos Ferreira	o fundador	Alberto de Oliveira
24	José Roberto Amaral Lapa	o fundador	Benedito Otávio
25	Paulo Pupo Nogueira	Luis F. Silva Wiedmann	João B. Pupo de Moraes
26	Lycurgo Castro Santos Filho	o fundador	Ricardo Gumbleton Daunt
27	Rafael de Andrade Duarte	Mauro Ribeiro Sampaio	Custódio Manuel Alves
28	Camilo Geraldo Sousa Coelho	o fundador	Pelágio Álvares Lobo
29	Celso Maria de Melo Pupo	o fundador	Paulo Álvares Lobo
30	Sebastião Alvarenga	o fundador	Humberto de Campos
31	Mário Erbolato	David Antunes	Plínio Barreto
32	Francisco de Assis Iglésias	o fundador	Vital Brasil
33	Norberto de Sousa Pinto	o fundador	Sud Menucci
34	Adalberto Prado e Silva	o fundador	José de Sá Nunes
35	Nelson Noronha Gustavo Filho	o fundador	D. Francisco Aquino Correia
36	Paulo da Silva Pinheiro	o fundador	Carlos William Stevenson
37	Guilherme Leanza	Marino Falcão Lopes	Francisco Quirino Santos
38	Ruy de Almeida Barbosa	o fundador	Campos Sales
39	Mons. Luis Fernandes Abreu	o fundador	Padre José de Anchieta
40	Carlos Penteado Stevenson	o fundador	Antônio Álvares Lobo

Sócios Honorários:

Ibrahim Nobre (S. Paulo), D. Paulo de Tarso Campos (Campinas), Ernesto de Sousa Campos (S. Paulo), Aureliano Leite (S. Paulo), Roberto dos Santos Moreira (S. Paulo).

Sócios Correspondentes:

José Pedro Leite Cordeiro (S. Paulo), Guilherme de Figueiredo (Rio de Janeiro), Sebastião Pagano (S. Paulo), José Carlos de Ataliba Nogueira (S. Paulo), Nelson Omega (Brasília), Vasco Joaquim Smith de Vasconcelos (Rio de Janeiro), Paulo Braga de Menezes (Rio de Janeiro).

"Correio Popular", Campinense, 5. 11. 1963
Com os cumprimentos de
Eugênio Paulino

Academia Campinense de Letras: Um culto à literatura pátria

A história da cidade de Campinas está, toda ela, entremeadada de acontecimentos e de iniciativas, que marcam profundamente o seu rastro dentro do cenário cultural da nossa terra. Através dos anos, grandes vultos aqui deixaram seus nomes consagrados em todos os campos da cultura: na música, nas ciências jurídicas e sociais, na literatura... Na literatura, é expressiva a contribuição do campineiro, e é sobre a cultura, que aqui se faz, a essa arte tão rica e tão nobre, que discorreremos nesta oportunidade, focalizando para isso, uma das grandes iniciativas de nossa cidade: A Academia Campinense de Letras.

Antes, porém, é de bom mister, que se diga algo sobre as finalidades de uma Academia de Letras. Sua principal função, é de cultivar a língua portuguesa e o incentivo aos estudos históricos, literários e biográficos. Ai se reúnem, periodicamente, os acadêmicos e então são ventilados assuntos de ordem administrativa e literária. São, invariavelmente, recordadas as vidas e a obra de homens de letra nacionais e estrangeiros, e ouve-se a leitura de produções literárias, históricas e sociológicas dos próprios membros.

A PALAVRA DE UM DOS ACADÊMICOS

Para explicar o que significa e o que faz a Academia Campinense de Letras, a reportagem procurou ouvir um dos acadêmicos, o Dr. Lycurgo de Castro Santos Filho, que principiou suas palavras dizendo:

"Fundada em 1956, e o seu idealizador foi o professor Francisco Ribeiro Sampaio, a Academia Campinense de Letras vem cumprindo os propósitos, as finalidades inscritas em seus estatutos.

O quadro associativo compõe-se de quarenta membros efetivos e perpétuos, escolhidos e eleitos por maioria absoluta, havendo ainda sócios honorários e sócios correspondentes. A diretoria, cujo mandato é bienal, é atualmente presidida por mim, tendo como secretário geral o professor Francisco Ribeiro Sampaio, como primeiro secretário o dr. Alexandre Chiarini, como segundo secretário o dr. Carlos Penteado Stevenson, aqui presente, autor de atas vasadas em excelente estilo literário e que são o repositório veraz dos trabalhos e da vida da Academia. Completam a diretoria o escritor David Antunes como primeiro tesoureiro, o professor Hilton Federici, segundo tesoureiro, e o escritor coronel Waldomiro Ferreira, bibliotecário. Trabalham todos em harmonia comigo, e de tal forma que a trajetória da sociedade vem sendo um contínuo sucesso.

Por certo que a Academia poderia efetuar muito mais, publicando, por exemplo, uma revista cultural, divulgando docu-

mentos antigos da história de Campinas, incentivando os jovens valores ou novos escritores com a distribuição de prêmios, ou ainda promovendo, como louvavelmente vem fazendo o Centro de Ciências, Letras e Artes, cursos de literatura e história. Mas... para tanto falta o essencial, que é justamente a moeda, o dinheiro. Sociedade fechada, de limitado número de membros, e o intelectual geralmente não é rico, desamparada de qualquer auxílio governamental, a Academia não possui recursos financeiros para realizar o que desejaria. Faz, então, o que pode, e já não é pouco, tendo-se em conta o desapeço votado às coisas do espírito, às lides culturais e artísticas. Talvez um dia, quem sabe?, algum mecenas desta terra resolva aquinhoar a instituição, dotando-a de meios que possibilitem, por exemplo, a edição de obras antigas de autores que escreveram sobre Campinas, como Leopoldo Amaral, Rafael Duarte, e tantos outros! Acredite, porém, que eu não acredito nessa ilusão..."

INSTALAÇÕES DA ACADEMIA

Acham-se os acadêmicos instalados em sede própria, condigna, adquirida e já totalmente paga com recursos fornecidos pelos próprios acadêmicos. O primeiro presidente, professor Francisco Ribeiro Sampaio, obteve do antigo prefeito municipal Ruy Novais a doação de um terreno, o qual, por autorização do atual prefeito, Miguel Vicente Cury de acordo com lei

votada pela Câmara Municipal, foi permutado por este conjunto localizado na avenida Francisco Glicério, em pleno centro da cidade. E a Academia é grata aos dois mandatários, bem como ao vereador dr. Ademir Nascimento de Lemos, autor do projeto de permuta. Como o conjunto vale muito mais que o terreno, foi graças à contribuição dos acadêmicos que se conseguiu a aquisição de sede própria.

O QUE ESTA FAZENDO A ACADEMIA ATUALMENTE

Uma das realizações em que atualmente se lançam os acadêmicos, é a organização da Bi-

blioteca, que embora modesta, já está sendo de grande utilidade a todos os que dela necessitam. A Academia Campinense de Letras recebe contribuições de diversos acadêmicos, dos quais, entre eles, cita-se os nomes do Coronel Waldomiro Ferreira e do Dr. Milton Duarte Segurado, sendo este último, conforme as palavras do pró-

prio entrevistado, um dos mais entusiasmados acadêmicos, dedicando à Academia muitas horas do seu tempo, no esforço de que esta continue cada vez mais ativa, no cumprimento de seus objetivos. Outro grande doador



O emblema da Academia Campinense de Letras, em que se vê uma fênix renascida, figura que também é representada no brasão da cidade de Campinas

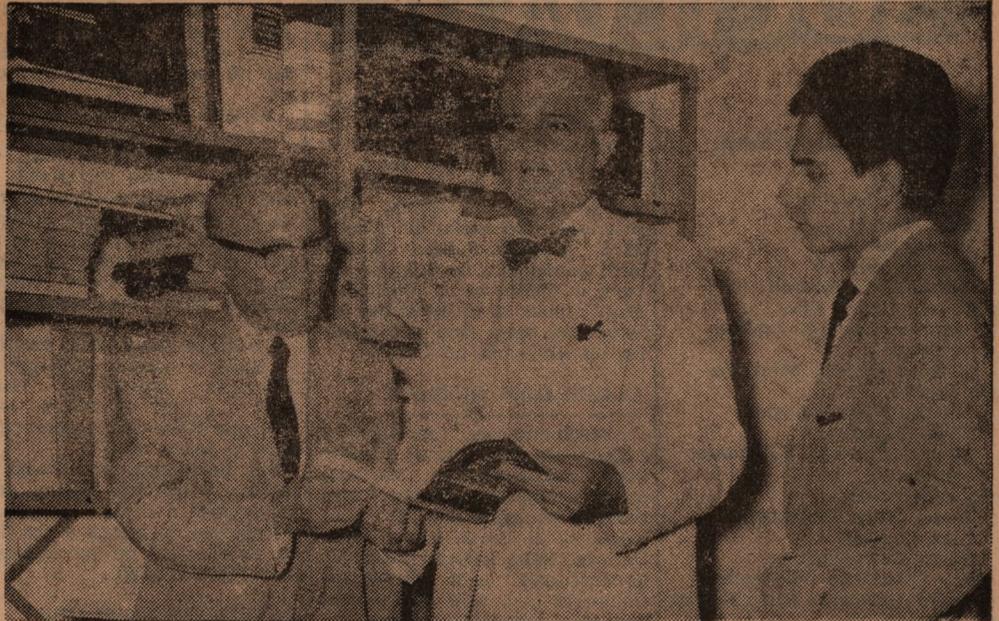
de livro à biblioteca, é o Instituto Nacional de Livro.

Continuando suas declarações, disse o Dr. Lycurgo que "no setor cultural já se obteve ótimos frutos. Foram lançados e distribuídos quinze opusculos da série "Publicações da Academia Campinense de Letras", que versam sobre história, teatro, biografia e literatura em geral. Inspirados poetas e contistas de nossa cidade pertencem ao sodalício e brindam os seus pares com primorosas composições. Além do mais tem a Academia promovido a comemoração solene e homenageado a memória de vultos de destaque na política, nas letras e na administração municipal. Comparecem às reuniões geralmente de dez a quinze confrades, e eu lamento a ausência dos demais. Como estes, os que frequentam as sessões também são homens ocupadíssimos, presos a obrigações e deveres os mais diversos e importantes. Mas conseguem algum tempo e o dedicam à Academia, a exemplo do venerando professor Benedito Sampaio, um dos eminentes fundadores e um dos apreciadores das agradáveis tertulias mensais".

OS ACADEMICOS E SEUS PATRONOS

O quadro associativo é composto de quarenta cadeiras, das quais estão lotadas 39, pois a cadeira numero cinco está vaga, desde a morte do saudoso educador Dr. Carlos Francisco

continua.



Na foto, o Dr. Lycurgo de Castro Santos Filho, atual presidente da Academia Campinense de Letras, acompanhado do Dr. Carlos Penteado Stevenson, segundo secretário, no momento que mostravam à reportagem do "Correio Popular", algumas obras escritas e outras doadas pelos acadêmicos à Associação

de Paula, fundador e tesoureiro. São os seguintes os acadêmicos: Francisco Ribeiro Sampaio, monsenhor Emilio José Salim, Benedito Sampaio, João Penido Burnier, Herculano Gouvêa Neto, Armando dos Santos, Francisco Isolino de Siqueira, Antonio Leite Carvalhaes, Mário Gianini, Carlos Foot Guimarães, Stenio Pupo Nogueira, Heládio Brito, Theodoro de Sousa Campos Junior, Paulo Mangabeira Albernaz, Francisco José Monteiro Sales, Hilton Federici, José Emanuel Teixeira de Camargo, Plínio do

Amaral, Alexandre Chiarini, Milton Duarte Segurado, Francisco Galvão de Castro, Waldomiro Vasconcelos Ferreira, José Roberto do Amaral Lapa, Luís Felipe da Silva Wiedmann, Lycurgo de Castro Santos Filho, Mauro Ribeiro Sampaio, Camilo Geraldo de Sousa Coelho, Celso Maria de Melo Pupo, Sebastião Alvarenga, David Antunes, Francisco de Assis Iglésias, Norberto de Sousa Pinto, Adalberto Prado e Silva, Nelson Noronha Gustavo Filho, Paulo da Silva Pinheiro, Marino Falcão Lopes, Ruy de Almeida Barbosa, monsenhor Luís Fernandes de Abreu e Carlos Penteado Stevenson.

São todos homens realizados, e saiba que o papel das academias é justamente o de galardoar, o de premiar aqueles que já produziram, aqueles que já se realizaram em suas atividades intelectuais.

Pertencem a Academia como sócios honorários, o Arcebispo de Campinas, D. Paulo de Tarso Campos, e os seguintes confrades da Academia Paulista de Letras, Ibrahim Nobre, Ernesto de Sousa Campos, Aureliano Leite e Roberto Moreira. E formam no quadro de sócios correspondentes as personalidades a seguir relacionadas, residentes em São Paulo e no Rio de Janeiro: José Pedro Leite Cordeiro, Guilherme de Figueiredo, Sebastião Pagano, José Carlos de Ataliba Nogueira, Nelson Omegna, Vasco Joaquim Smith

de Vasconcelos e Paulo Braga de Menezes.

Cada uma das cadeiras possui um patrono, que são os seguintes: Leopoldo Amaral, D. João Batista Correia Nery, Carlos de Laet, Afranio Peixoto, João Lourenço Rodrigues, Cesar Bierrenbach, Euclides da Cunha, Hildebrando Siqueira, Monteiro Lobato, Padre Leonel da Franca, Julio de Mesquita, Francisco Morais Junior, Castro Alves, Bernardo Sousa Campos, Ruy Barbosa, Tomás Alves, Afonso de Taunay, Arnaldo Vieira de Carvalho, Amadeu Amaral, Rodrigues de Abreu, Artur Vitor Segurado, Oliveira Viana, Alberto de Oliveira, Benedito Otávio, João B. Pupo de Moraes, Ricardo Gumbleton Daunt, Custódio Manuel Alves, Pelágio Alvares Lobo, Paulo Alvares Lobo, Humberto de Campos, Plínio Barreto, Vital Brasil, Sud Menucci, José de Sá Nunes, D. Francisco de Aquino Correia, Carlos William Stevenson, Francisco Quirino

dos Santos, Manuel Ferrás de Campos Sales, Padre José de Anchieta e Antonio Alvares Lobo.

Concluindo suas palavras, o nosso entrevistado, o Dr. Lycurgo de Castro Santos Filho, disse que os estatutos da Academia Campinense de Letras, serviram em grande parte à fundação de uma sociedade congênere em Santo André, que reúne os homens de letras do chamado A. B. C. Paulista.

Academia: Reinício de atividades

Realizou-se na primeira segunda-feira do mês a reunião mensal da Academia Campinense de Letras, tendo comparecido os acadêmicos Milton Duarte Segurado, Waldomiro de Vasconcelos Ferreira, Carlos Penteado Stevenson, Armando dos Santos, Celso Maria de Melo Pupo, Theodoro de Souza Campos Júnior, Mauro Ribeiro Sampaio, Hilton Federici e Lycurgo de Castro Santos Filho, que presidiu a sessão. A aprovação da ata da reunião anterior, elaborada por Carlos Stevenson, foi feita sob salva de palmas. Comemorou-se a passagem do centenário do nascimento de Coelho Neto, que

residindo em Campinas em princípios do século, projetou o nome da cidade através de sua produção literária. A Academia também rendeu homenagem à memória dos distintos médicos de Campinas, recentemente falecidos, Roldão de Toledo, Benedito da Cunha Campos e José Pagano Brundo. A biblioteca do sodalício foi enriquecida com a oferta de novas e valiosas obras, por parte dos acadêmicos Theodoro de Sousa Campos Júnior, Milton Duarte Segurado e Waldomiro Ferreira. O presidente anunciou o próximo lançamento de mais um opúsculo da série de publicações da Academia, de

autoria do confrade desembargador Vasco Joaquim Smith de Vasconcelos.

Hilton Federici discorreu sobre o seu livro, a aparecer dentro em breve e que tratará do tema "Guarani", uma dissertação cultural sobre o título de um dos clubes de esporte da cidade. Ainda com a palavra, Hilton Federici leu trovas e quadras dos poetas cruzeirenses Gentil Fernando de Castro e Vasco de Castro Lima, publicadas pelo Grupo Cruzeirense de Cultura, prestigiosa associação literária da cidade paulista de Cruzeiro. Os acadêmicos apreciaram e aplaudiram os versos de Gentil de Castro de Castro Lima, e também as poesias declamadas por Mauro Sampaio, todas de sua lavra, em estilo modernista.

Correio Popular 11/3/1964

ACADEMIA: HOMENAGEM À MEMÓRIA DE AZAEL LÔBO

Realizou-se mais uma sessão ordinária da Academia Campinense de Letras, comparecendo os acadêmicos monsenhor Luís Fernandes de Abreu, Waldomiro de Vasconcelos Ferreira, Carlos Penteado Stevenson, Theodoro de Souza Campos Júnior, Hilton Federici, Mauro Ribeiro Sampaio, Francisco de Assis Iglésias, Celso Maria de Melo Pupo, Alexandre Chiarini, Marino Falcão Lopes e Lycurgo de Castro Santos Filho, que presidiu a reunião. Após a leitura da ata por Carlos Stevenson, foram aprovados votos de pesar pelo falecimento de dois eminentes médicos da cidade, Mário Gatti e Azael Lôbo, discorrendo sobre os mesmos, Lycurgo Santos Filho e Carlos Stevenson, havendo este lido uma composição sobre a presidente da Sociedade Amigos da Cidade, o infatigável e pranteado Azael Lôbo. A morte do escritor Afonso Schmidt foi deplorada por Marino Falcão, que exaltou a figura do «Intellectual do Ano», de 1963. Propostos por Mauro Sampaio e Souza Campos Júnior, foram igualmente aprovados votos de pesar pelo falecimento dos distintos cidadãos Vitorino de Castro e Messias Teixeira de Camargo, este pai do acadêmico José Emanuel Teixeira de Camargo.

Apreciou-se a seguir a transformação operada no país em poucos dias, salientando-se os acadêmicos o reencontro do Brasil com as suas melhores tradições democráticas, além da reafirmação do patriotismo das Forças Armadas, as quais em boa hora apontaram à Nação o rumo a ser seguido.

Depois de oferecer à casa um autógrafo de Olavo Bilac, a poesia «Abyssus», Marino Falcão Lopes leu de sua lavra, o poema «Tragédia no mar», escrito há 20 anos passados, quando navios mercantes bra-

sileiros foram afundados por submarinos nazistas. Os belos versos de Marino Falcão, que mereceram aplausos, cantaram a nostalgia que provoca a noite no mar, o assustador fragor do torpedeamento, os horrores do naufrágio e a trágica beleza e grandeza da bandeira brasileira ondulando ao socorrer com o navio.

Doando à biblioteca do sodalício o volume «Dispersos recolhidos», de autoria de Antão de Moraes, o acadêmico Theodoro de Souza Campos Júnior leu o discurso proferido pelo autor por ocasião da Revolução de 1932, e que é uma exortação ao espírito de Ruy Barbosa, à liberdade e a soberania do direito. A seguir, por indicação de Celso Melo Pupo, o ilustre filho de Campinas, atualmente residindo em São Paulo desembargador Antão de Souza Moraes, foi eleito membro honorário da Academia Campinense de Letras.

ACADEMIA CAMPINENSE DE LETRAS

Com um atraente programa em prosa e verso, realizou a Academia Campinense de Letras a sua sessão mensal, havendo comparecido os acadêmicos Benedito Sampaio, Luís Felino da Silva Wiedmann, Waldomiro de Vasconcelos Ferreira, Mauro Ribeiro Sampaio, Carlos Penteado Stevenson, Milton Duarte Segurado, Alexandre Chiarini, Theodoro de Souza Campos Junior, Francisco Ribeiro Sampaio e Lycurgo de Castro Santos Filho, que presidiu a reunião. Foi lida e aprovada a ata dos trabalhos anteriores, elaborada pelo secretário Carlos Stevenson. Em carta à Academia o desembargador Antão de Moraes agradeceu a sua eleição para membro honorário, dizendo que a recebeu como honrosa homenagem de sua terra natal. Lycurgo Santos Filho teceu considerações sobre o opusculo "A razão do nome Guarani", de autoria do acadêmico Hilton Federici. E uma excelente exposição sobre José de Alencar, Carlos Gomes e o romance "Guarani".

merecendo o seu autor os maiores encômios. Ainda Lycurgo Santos Filho apreciou o livro "Historia do Positivismo no Brasil", de Ivan Lins, membro da Academia Brasileira de Letras, o qual, citando positivistas paulistas, alinhou diversos antigos lentes do Colégio Culto à Ciência, de Campinas.

Waldomiro Ferreira prendeu a atenção dos acadêmicos com a leitura de "Pecado de Artista", trabalho já publicado em Porto Alegre no seu livro "Verdades Amargas". É um estudo de emoções, em linguagem escorreita e vivida, com imagens literárias de grande efeito. Muito aplaudido, leu também Waldomiro Ferreira os seus versos "Trova do meu Brasil" e "Bandeira do Brasil", uma homenagem à nova situação política do país.

Milton Segurado encerrou a reunião recitando, com geral agrado, um curioso "Credo", no seu bem conhecido estilo, meio sério, meio chistoso.

10/5/1964

ACADEMIA CAMPINENSE DE LETRAS

Em sua sede reuniu-se a Academia Campinense de Letras comparecendo os acadêmicos José Roberto do Amaral Lapa, Carlos Penteado Stevenson, Armando dos Santos, Francisco de Assis Júnior, Waldomiro de Vasconcelos Ferreira e Francisco Ribeiro Sampaio, que presidiu a sessão, na ausência do presidente. Mereceu elogiosas referências a ata elaborada por Carlos Stevenson, com uma excelente síntese da conferência proferida pelo prof. José Alexandre dos Santos Ribeiro.

O acadêmico Amaral Lapa comunicou as impressões de sua viagem de estudos a Portugal, onde efetuou pesquisas históricas, encontrando no Arquivo Ultramarino boa documentação sobre a cidade de Campinas. Viu também dados interessantes sobre a Inquisição no Brasil no século XVIII, além de papéis sobre católicos irlandeses que da Irlanda vieram fugindo à perseguição religiosa. Amaral Lapa ouviu em Portugal palestras sobre o rei D. Diniz, havendo visitado o seu túmulo.

O acadêmico Francisco de Assis Iglésias, como velho sertanista, estranhou a linguagem empregada por Guimarães Rosa em sua obra "Grande Sertão Veredas". Foi aparteado por Francisco Sampaio, que reconhece ao escritor mineiro certas liberdades no expressar-se. Iglésias recitou uns versos de sua juventude, intitulado "Depois de um sonho". Foi secundado por Waldomiro Ferreira com o poema de uma época, versando sobre a primeira guerra mundial. Finalizando a reunião, Francisco Sampaio leu versos de seu pai, o acadêmico B. Sampaio, denominados "Pequenino cosmos", "Comunguei" e "Herança triste".

De acôrdo com o estabelecido as sessões da Academia realizam-se em todas as primeiras segunda-feiras e são franqueadas aos interessados.

21/7/1964

ACADEMIA CAMPINENSE DE LETRAS

Realizou-se mais uma reunião mensal da Academia Campinense de Letras, havendo comparecido os acadêmicos Waldomiro de Vasconcelos Ferreira, Celso Maria de Melo Pupo, Hilton Federici, Theodoro de Souza Campos Júnior, Francisco de Assis Iglésias, Francisco Ribeiro Sampaio, Alexandre Chiarini, Milton Duarte Segurado, Mauro Ribeiro Sampaio, Carlos Penteado Stevenson, Marino Falcão Lopes e Lycurgo de Castro Santos Filho, que presidiu a sessão.

Após a leitura da ata, por Carlos Stevenson, aprovou-se um voto de pesar pelo falecimento do venerando educador, professor Carlos Cristóvão Zink.

Numerosos volumes foram doados à biblioteca do sodalício. O Serviço norte-americano de Informações enviou 6 livros. A Faculdade de Filosofia de Marília mandou exemplares de suas publicações. Waldomiro Ferreira ofertou fascículos da revista bibliográfica "Autores e Livros", dirigida por Múcio Leão, Souza Campos Júnior de publicações do Arquivo Público paulista.

Francisco de Assis Iglésias dissertou sobre a poesia de Maria Adail Philidory de Faria, cujos versos lembram os de Tagore; a exemplo de "Secreto Anseio". Em nome da autora, Iglésias entregou à Academia nove volumes de excelente literatura. A seguir, Milton Duarte Segurado leu uma carta de Coelho Neto, dirigida ao falecido acadêmico Rafael Duarte. Depois de considerações sobre o Príncipe dos Prosadores, Milton Segurado entregou à guarda do sodalício não somente essa carta, como mais outras de Campos Sales, Ramos de Azevedo, Francisco Glicério, Martin Damy, Prudente de Moraes, Manoel de Moraes Barros, Washington Luis e S. Ramalho Ortigão, todas endereçadas a Rafael Duarte. Encarecendo o valor da doação de Milton Segurado, falaram diversos acadêmicos. Finalizando a reunião, Hilton Federici propoz a organização de um programa literário destinado à comemoração do décimo aniversário da Academia, em 1966.

Por recair no dia sete de setembro, feriado nacional, a primeira segunda-feira do mês vindouro, a reunião da Academia ficou marcada para quinta-feira, dia três de setembro.

7/8/1964

Academia Campinense de Letras

Recaído a primeira segunda-feira do mês no feriado nacional da Independência, a Academia Campinense de Letras antecipou a sua reunião para o dia 3, tendo comparecido os acadêmicos Milton Duarte Segurado, Alexandre Chiarini, Mauro Ribeiro Sampaio, Carlos Penteado Stevenson, Theodoro de Sousa Campos Junior, senhor Luis Fernandes de Abreu e Licurgo de Castro Santos Filho.

Lida a ata da sessão anterior por Carlos Stevenson, recebeu o sodalício a doação de volumes para a biblioteca, sendo os doadores os acadêmicos Ernesto de Souza Campos (de São Paulo) e Milton Duarte Segurado. Aprovou-se, a seguir, um voto de pesar pelo falecimento de três ilustres personalidades ligadas à cidade de Campinas, o consócio Roberto Moreira, o saudoso médico Clovis Peixoto, e o desembargador Nelson de Noronha Gustavo, que por muitos anos aqui exerceu a judicatura.

O presidente comunicou que já estava emoldurada e exposta numa das paredes da sala da biblioteca a carta endereçada por Coelho Neto à Rafael de Andrade Duarte. Por proposta de Theodoro de Sousa Campos Junior foi homenageado o acadêmico honorário D. Paulo de Tarso Campos, por motivo de seu aniversário natalício. Pelo voto unânime dos presentes aprovou-se a indicação de Mauro Sampaio, pela qual os futuros candidatos às cadeiras da Academia deverão possuir como bagagem literária um livro, pelo menos, publicado, e artigos na imprensa diária, se forem jornalistas.

Em prosseguimento, o poeta Carlos Stevenson leu, de sua autoria, os versos "Águas passadas", "Paz" e "Viver é lutar". Secundou-o o vate romântico, o cantor da renúncia, que é Mauro Sampaio, com as poesias "É muito tarde", "Encontrar-te" e "Não te darei palavras".

ACADEMIA CAMPINENSE DE LETRAS

Na primeira segunda-feira de outubro realizou-se a costuma reunião mensal da Academia Campinense de Letras, com a presença dos acadêmicos David Antunes, Milton Duarte Segurado, Mauro Ribeiro Sampaio, Waldomiro de Vasconcelos Ferreira, Theodoro de Sousa Campos Junior, Celso Maria de Melo Pupo, Carlos Penteado Stevenson, Francisco Ribeiro Sampaio, Hilton Federici, Marino Falcão Lopes e Licurgo de Castro Santos Filho, que dirigiu a sessão.

A ata elaborada por Carlos Stevenson e por ele lida, foi aprovada com encômios. Marino Falcão e Stevenson falaram sobre a personalidade de Alvaro Moreyra, recentemente falecido e um dos adeptos do modernismo. Celso Melo Pupo lembra que o consócio correspondente Guilherme de Figueiredo foi nomeado adido cultural brasileiro em Paris. Hilton Federici leu uma notícia histórica sobre a coincidência na fundação e evolução das academias. Para dissertar sobre Gonçalves Dias, na celebração do centenário de sua morte, o presidente designou o acadêmico Federici. Waldomiro Ferreira doou um volume sobre Leonardo da Vinci e números de revista literária, sendo seguido por Milton Duarte Segurado, que ofertou dois volumes postumos do tribuno Cesar Bierrenbach, mais uma história do Chile e um raro dicionário da língua portuguesa, de J. Azevedo. O presidente anunciou a aquisição de mais uma estante de metal para a biblioteca da Academia. Novos volumes foram doados pelo Serviço de Informações do consulado norte-americano.

Milton Segurado abriu a parte literária da sessão lendo uma poesia que escrevera para uma conferência que pronunciara no Circulo Militar de Campinas. Em décimas condoreiras, o acadêmico exaltou o feito do corneteiro Luis Lopes, em Pirajá, na Bahia, quando das lutas pela Independência. Depois Carlos Stevenson declamou varias poesias modernistas de sua lavra, feitas com excesso de rimas, agradando todas, notadamente a intitulada "Mas". Finalizando, Marino Falcão leu uma composição poética do tempo de sua juventude, denominada "A lição do sol", onde se nota a influência parnasiana de que estava imbuído.

"Briguela"

Leonardo ARROYO

Cassiano Nunes, que há dois anos ministra curso de Literatura Brasileira na Universidade de Nova York, referiu-se numa de suas aulas ao romance "Briguela", do escritor paulista Davi Antunes, residente atualmente em Campinas. Um dos seus ouvintes, o crítico



Davi Antunes

William Myron Davis, tendo lido o livro, divulgou na imprensa norte-americana entusiástico artigo. Lamentou que o romance, aparecido em 1945, não tenha obtido a repercussão merecida e que escrito numa mescla de português clássico e linguagem paulista e paulistana popular e chula, pelos seus personagens, faziam lembrar os quadros da escola japonesa de pintura conhecida como "Yamato-e". Após varias outras considerações, William Myron Davis acentua que "no seu genero o volume é unico na literatura brasileira contemporanea e merece não só uma nova edição no Brasil mas varias edições em lingua portuguesa e o seu reconhecimento como classico moderno de alto valor literario e universal, inclusive nos manuais e historias da literatura luso-brasileira". E conclui o crítico norte-americano: "finalmente, merece a tradução em idiomas estrangeiros, porque se inclui no que o Brasil tem de melhor em valores artisticos e espirituais para oferecer ao mundo".

VIEIRA E O LIVRO — Do padre Antonio Vieira, recentemente recordado num dos ultimos boletins do Gremio dos Editores e Livreiros de Portugal, são estes conceitos sobre o livro: o livro é um mudo que fala, um surdo que responde, um cego que guia, um morto que vive».

O LIVRO NACIONAL — O deputado Cunha Bueno focalizou na Camara Federal o que considera, e com razão, «os problemas que se estão criando com o estabelecimento de dificuldades de toda a ordem às editoras nacionais». Lembrou que as dificuldades cambiais têm acarretado o encarecimento dos livros, principalmente daqueles destinados à ciencia e à tecnica. O parlamentar insiste em que é indispensavel ao governo estudar a possibilidade de considerar como industria basica a industria grafica no Brasil, a fim de que ela possa contar com a colaboração do Banco Nacional de

Desenvolvimento Economico. Em 1959 consumiu-se no Brasil menos de 1 exemplar de livros e folhetos por habitante. Em 1960 estima-se em 9 quilos de papel o consumo per capita, enquanto na Argentina consomem-se 25 quilos e nos Estados Unidos exatamente 180 quilos, o que é indice da aquisição de livros.

PONTO DE ENCONTRO

— A Livraria Ponto de Encontro promoverá hoje a partir das 18 horas tarde de autografo e lançamento da obra de Luis Carlos de Azeredo, «notario», que abrange os aspectos humanos e juridicos da vida no Foro de São Paulo. A obra será vendida no Centro de Encontro de Compras, Rua do Ouvidor, 33.

Correio Popular
11/11/1964ACADEMIA: ELEIÇÃO
DA DIRETORIA

A sessão de novembro da Academia Campinense de Letras contou com a presença dos academicos Benedito Sampaio, Francisco de Assis Iglésias, David Antunes, Hilton Federici, Francisco Ribeiro Sampaio, Carlos Penteador Stenvenson, Waldomiro de Vasconcelos Ferreira, Alexandre Chiarini, Mauro Ribeiro Sampaio, Francisco José Monteiro Sales, Marino Falcão Lopes, Theodoro de Sousa Campos Junior e Lycurgo de Castro Santos Filho, que presidiu a reunião. Pela indicação unanime dos presentes, foi reeleita a diretoria da Academia para o biennio 1966-66, que ficou assim constituída: presidente, Lycurgo Santos Filho; secretário geral, Francisco Sampaio; primeiro secretário, Alexandre Chiarini; segundo secretário, Carlos Stenvenson; primeiro tesoureiro, David Antunes; segundo tesoureiro, Hilton Federici; bibliotecário, Waldomiro Ferreira.

Theodoro de Sousa Campos Junior foi eleito a diretores para o ano que realizou e pelo

que ainda poderá realizar, agradecendo o presidente. Hilton Federici dissertou sobre o centenário da morte todo o país comemora. Falou sobre o Maranhão, terra natal do vate, lembrou os principais homens de letras maranhenses e analisou a vida, a paixão e a morte do autor dos mais expressivos versos do romantismo nacional. Aludiu à vida trágica e ao ciúme, que foi a temática na vida de Gonçalves Dias. Muito aplaudido pelos presentes, Hilton Federici foi seguido na tribuna por Francisco Sampaio e por Marino Falcão que, de memoria, recitaram poesias que denotam a frustração amorosa do poeta maranhense. Marino Falcão, em continuação, depois de ler uma bonita balada sobre os olhos verdes femininos, cumprimentou David Antunes, cujo romance "Briguela" merece elogiosos comentários de Leonardo Arroyo, de Cassiano Nunes, que o apresentou em um curso de literatura brasileira nos Estados Unidos, e de um cri-

tico americano renomado, que propôs a versão para o inglês do livro do academico de Campinas. David Antunes foi, saudado com palmas pelos seus pares.

Francisco Iglésias doou à biblioteca do sodalicio a coleção completa da revista "Anhembi", mais um album florístico rarissimo, de espécimes nativos com desenhos a cores, valiosa publicação sua, e ainda outros volumes, como uma conferencia sobre sericicultura, pronunciada na Faculdade de Direito de São Paulo. Lycurgo Santos Filho teceu comentários sobre o opusculo de Wilson Brandão Toffano, recentemente editado, sobre pensamentos e conceitos, felicitando o autor pela cultura demonstrada. Novos e interessantes volumes foram ofertados à biblioteca pelo Servico de Informaçoes norte-americano. Encerrando a reunião, que foi brilhante sob todos os aspectos, Carlos Stenvenson leu uma poesia intitulada "Supremo Poder".

CORREIO POPULAR

Campinas, 10 de Abril de 1965

ACADEMIA CAMPINENSE DE LETRAS

A sessão de abril da Academia Campinense de Letras contou com a presença dos acadêmicos Francisco de Assis Iglésias, Hilton Federici, Carlos Penteadó Stevenson, Alexandre Chiarini, Waldomiro de Vasconcelos Ferreira, Celso Maria de Melo Pupo, Francisco Ribeiro Sampaio, Milton Duarte Segurado e Lycurgo de Castro Santos Filho, que presidiu a reunião. Compareceram mais, como convidados especiais, o vice-consul, em exercício, de Portugal, sr. José Joaquim Albino Pereira, o jornalista Francisco Soares, e o prof. Carlos Aquino Pereira. Depois da leitura da ata, por Carlos Stevenson, a Semana de Paulo Gonçalves, poeta e teatrologo, instituída em Santos pela Academia Santista de Letras, foi elogiada por Celso Melo Pupo. Em apoio de suas considerações anteriores sobre um concurso de literatura entre alunos dos ginásios de Campinas, falou Hilton Federici. Também,

para reforçar argumentos aduzidos sobre a projeção acadêmica, orou Francisco de Assis Iglésias.

Alexandre Chiarini lembrou a figura de Joaquim de Castro Tibiriçá, um eminente homem público de Campinas recentemente falecido. Em sua homenagem foi lançado em ata um voto de grande pesar.

Francisco Ribeiro Sampaio recém-chegado de uma viagem de estudos a Portugal, leu um excelente trabalho sobre a cidade de Lisboa. No seu bem conhecido estilo, no seu belo linguajar, o acadêmico Sampaio discorreu sobre a festa natalina na capital fartamente iluminada e engalanada. Depois aludiu a monumentos, a palácios, a bibliotecas e, finalmente, descreveu toda a poesia do muito velho bairro da Alfama. Terminou sob os aplausos dos presentes, prometendo uma nova palestra sobre Coimbra.

ACADEMIA CAMPINENSE DE LETRAS

Em sua primeira sessão do corrente ano, reuniu-se a Academia Campinense de Letras, com o comparecimento dos acadêmicos monsenhor Luis Fernandes de Abreu, Carlos Penteadó Stevenson, Francisco José Monteiro Sales, Celso Maria de Melo Pupo, Francisco Ribeiro Sampaio, Hilton Federici, Francisco de Assis Iglésias, Armando dos Santos, Luis Felipe da Silva Wiedemann e Lycurgo de Castro Santos Filho, que presidiu a sessão. Depois da leitura da ata, por Carlos Stevenson, Hilton Federici apresentou proposta de revisão dos estatutos, ficando o assunto para ser discutido nas futuras reuniões. Outra proposta de Hilton Federici referiu-se à comemoração, no próximo ano, do décimo aniversário da Academia. Um concurso literário será instituído para os alunos dos colégios da cidade.

A memória de João Lech Júnior, ilustre oftalmologista e homem público, foi reverenciada por Lycurgo Santos Filho, Celso Melo Pupo e Francisco Sampaio, que teceram considerações sobre diversos aspectos da personalidade do distinto médico, tendo sido lançado em ata um voto de grande pesar. Outros votos de pesar foram aprovados, por proposta de Carlos Stevenson, em homenagem a Augusto Frederico Schmidt e Silveira Sampaio, recentemente falecidos.

O acadêmico Luis Felipe da Silva Wiedemann foi cumprimentado por ter sido promovido a general, e em seu "curriculum vitae" ficou assinalada a sua eleição para vários institutos, nacionais e estrangeiros. Com a palavra, Wiedemann agradeceu os cumprimentos e leu uma página da "Revista Brasileira de Golclore", onde são citados trechos do festejado livro de Francisco Iglésias, "Caatingas e chapadões".

Por proposta de Celso Melo Pupo, o historiador Carlos Penteadó Rezende, autor de várias obras bem conhecidas, foi eleito sócio correspondente do sodalício. Finalizando, monsenhor Luis de Abreu apresentou um protesto contra as conclusões de Raimundo de Magalhães no livro "Ruy, o homem e o mito". Dissé que Ruy não foi um mito, mas uma realidade. Secundou-o Francisco Sampaio, na defesa do estilista baiano.

Diário do Povo — Quarta-feira, 17 de março de 1965

Campinas, 12 de abril de 1965.

Prezado amigo Acadêmico Carlos Penteado Stevenson

Para a retificação da ata lida em nossa sessão de abril, transmito-lhe o nome do doador ao Brasil, da batuta de Carlos Gomes.

Foi Jean Cluzeau, Conselheiro Geral dos Baixos Pirineus e colecionador de antiguidades, que a encontrou em uma loja de antiquário em Bayona, e a comprou para oferecer ao Brasil, como fez.

Com o abraço do confrade e amigo

Celso Maria de Mello Pupo.

O Prof. Clinton D. Smith, Diretor da Escola Agrícola Luiz de Queiroz de Piracicaba, hoje Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, estabeleceu a praxe inteligente de convidar todos os anos, um cientista de notável saber para proferir uma conferência sobre assuntos ligados ao homem do campo. A turma de agrônomos de 1909 — a que pertenco — teve o privilégio, como parte integrante da colação de grau, de ouvir a palavra do criador do Instituto Butantan. Para honra de nosso Estado, Vital Brasil, não podendo conter seu entusiasmo, pelo novel Instituto Agrícola, solicitou ao Diretor que lhe apresentasse um dos agrônomos recém-formados, pois queria convidá-lo para o cargo de Administrador de seu Instituto. E esse agrônomo, não sei porque, foi o humilde orador que ora vos dirige a palavra. Tive a impressão que as portas do céu se me abriam, de par em par, vislumbrando o futuro que me aguardava. Sete dias depois, tinha como Mestre e Chefe, o homem cujo saber ultrapassara os lindes pátrios e se estendera pelo mundo civilizado.

Butantan — por que Butantan? — vocábulo tupi que segundo o notável engenheiro Teodoro Sampaio, quer dizer: “terra firme; terra dura”. Em verdade, nos labores agrícola, não achei que se justificasse tal nome.

Em 1899, contou-me Vital Brasil: irrompeu a peste bubônica em Santos. O comércio e o povo, em grande parte, lançaram veementes protestos, negando o aparecimento do terrível flagelo. A classe médica, por sua vez, quer de lá quer a da Capital, bipartiu-se: uns achavam que sim e outros que não. Mas, ninguém queria ver de perto

a cousa, mesmo os que não acreditavam muito. Entre parentesis: esses conceitos, evidentemente, não são meus. Ouvio-os dos próprios lábios do Dr. Vital Brasil.

O Serviço Sanitário viu-se em situação embaraçosa, e seu ilustre Diretor, o grande paulista Dr. Emílio Ribas, consultou o seu ajudante Vital Brasil sobre as dificuldades que, então, não tinha podido vencer. Vital Brasil, sempre pronto a capitanear os que iam, por amor à saúde pública, enfrentar, com risco da própria vida, epidemias, como a do Cólera morbus que havia aparecido no Vale do Paraíba e a febre amarela que saltava de cidades em cidades, por todo o Estado de São Paulo, ofereceu-se para seguir quanto antes, a Santos, a fim de esclarecer a natureza do mal. O Dr. Vital, serenamente, mas com ênfase, declarou: eu irei

a Santos! O que mais lhe custou foi despedir-se de sua mãe, esposa e filhos, que não queriam de modo algum, que puzesse, mais uma vez, sua preciosa vida em perigo. Não acedeu, nada poderia impedir que cumprisse, em toda a plenitude, o seu dever. Seguiu para Santos. A cidade estava em polvorosa. Os mais exaltados receberam-no hostilmente. No Hospital de Isolamento daquela cidade, ele improvisou um pequeno laboratório. Logo, nas primeiras autopsias que realizou, encontrou o bacilo da peste bubônica. Não titubeou em declarar a verdade. Os inconformados, tendo à frente um farmacêutico, dispuseram a assaltar, para destruir o Hospital de Isolamento. O Dr. Vital telefonou para São Paulo, pedindo um piquete de cinquenta cavalariáns da Força Pública. No dia seguinte, já a força garantia a integridade do Isolamento, onde funcionava o laboratório. Restabeleceu-se a calma. Por coincidência, malfélica coincidência, o pobre farmacêutico adquiriu a peste bubônica. Seus familiares solicitaram insistentemente, a presença do Dr. Vital, que, sem demora, acorreu em defesa do doente. Ele não quiz propor, de começo, o transporte do doente para o Isolamento porque, lamentavelmente, o farmacêutico declarara que o Dr. Vital aproveitava os pacientes para as suas perigosas experiências, das quais sobrevinha a morte. Só o fez com declaração expressa da família que, assinc. o solicitara.

O abalo social foi de tal maneira intenso, por se tratar de um porto altamente comercial, que o Governo Federal envia Oswaldo Cruz, para acompanhar os trabalhos a cargo de Vital Brasil. Dias após, o Dr. Vital começou a sentir os primeiros sintomas da moléstia. O Dr. Oswaldo Cruz, examinando o material que era consequente colhido, verificou, também que era peste bubônica, e, sem medir o perigo que corria, levava o microscópio à cama do Dr. Vital, que se achava ardendo de febre, e, ali, se sentava junto ao enfermo, confirmando o diagnóstico da doença.

Contava-me o Dr. Vital: “e eu cada vez pior, cada vez mais fraco. Já não podia escrever o cartão postal diariamente, como havia prometido aos meus, antes de ir para Santos. Sentia que o fim se aproximava. Chamei um servente e disse que abrisse as janelas. Nunca achei a natureza tão linda. As tonalidades várias do verde das matas das serras pareciam de um belo jamais visto. Fiquei deslumbrado. Felizmen-

te, transpus o climax da enfermidade. Os indícios da cura se acentuavam. Tudo preparei para que continuasse a profilaxia da peste com todo o rigor. Dias depois voltei para São Paulo, a fim de convalescer.

Vital Brasil foi o primeiro médico brasileiro que identificou a peste bubônica em nosso país. A peste bubônica foi a causa primórdial do nascimento do Instituto Serumterápico. Durante o combate a esse terrível flagelo, o Governo do Estado encontrou dificuldade na obtenção do soro anti-pestoso. Assim sendo adquiriu a Fazenda Butantan distante da cidade 9 quilômetros para nela instalar um órgão de serumterapia que tratasse, desde logo, do preparo daquele soro. Os primeiros trabalhos do estabelecimento tiveram começo naquele ano de 1899, mas a sua organização oficial só se realizou em 1901, por força do decreto número 878-A de 23 de fevereiro.

A Fazenda Butantan à margem esquerda do Rio Pinheiros, ocupava uma bela área de trezentos hectares de matas e campos, de onde, todas as manhãs soavam aos nossos ouvidos o canto das perdizes — nota bucólica de afinar as líras dos poetas românticos da paulicéia de então. Atualmente nessa gleba está se concretizando o sonho do notável estadista brasileiro, Dr. Armando de Salles Oliveira: a Universidade do Estado de São Paulo.

O Dr. Vital Brasil, convidado para assumir a organização e direção do novo Instituto, filho, por assim dizer, de seu amor à ciência dedicada ao bem da humanidade, relutou achando que o Instituto Serumterápico deveria ser dependência do Instituto Bacteriológico, que se achava

sob a direção do notável cientista Adolfo Lutz. Dava, assim, uma prova eloquente de seu desprendimento da vaidade que, às vezes, empolga a ascensão dos homens expoentes da sabedoria humana. O Governo do Estado insistiu e o próprio Diretor do Instituto Bacteriológico concordou com a independência técnica do novel Instituto. O Dr. Vital Brasil foi nomeado e assumiu a direção do órgão criado e na sua organização não cogitou de pomposas edificações custosas demoradas, seguindo, instintivamente, o conselho do estadista argentino Sarmiento: “hacer las cosas aun que mal hechas”.

Conheci o Instituto Serumterápico — ou melhor o Instituto Butantan — ainda com as adaptações primitivas. Uma simples cocheira adaptada, rústicamente, em sala en-

continua,

vidraçada cujo piso ladrilhado era coberto por um linoleum, foi dividida em duas partes, constituindo uma menor em entrada e outra em laboratório propriamente dito, com mesas para microscópios, estufas e demais aparelhos necessários aos trabalhos. No mesmo eixo do laboratório, separado por uma pequeno corredor, achava-se a cocheira, em bom estado, destinada aos animais de grande porte para a produção de soro e, fora, em ângulo reto com o corpo principal, achavam-se as instalações modestas do biotério, com as gaiolas para a criação de coelhos cobaias e ratos brancos. A par destas, estavam os compartimentos destinados às cobras. Foi assim que, ao assumir o cargo de Administrador, encontrei o Instituto Butantan, instalação tão modesta mas já de fama internacional.

O Instituto Butantan foi criado, principalmente, para a produção de soro anti-pes-toso, anti-diférico e anti-tetânico. Como e por que passou a produzir soro anti-ofídico que o colocou no fulcro da fama internacional? Nos seus primeiros estudos sobre ofidismo, ainda quando o Dr. Vital Brasil era ajudante do Instituto Bacteriológico, em 1896, chegaram-lhe ao conhecimento as investigações do Professor Calmette, que obtivera soro anti-ofídico contra as peçonhas das serpentes da Indochina, onde lá estava em missão oficial do Governo Francês. Calmette denominou tal soro de anti-venenoso. Orientado por esses estudos elementares, o Dr. Vital, que já vinha preocupando na solução do problema ofídico em nosso país, iniciou, com segurança, o preparo de um soro destinado a combater as peçonhas de nossas serpentes. Ele no Instituto Bacteriológico não tinha condições materiais para avançar, com passos largos, na via que o conduziria ao êxito total. Mais tarde, já como Diretor do Instituto Butantan, dedicou-se, de corpo e alma, na solução do problema anti-ofídico, estudando-o por todos os lados. Experimentando o soro anti-venenoso de Calmette no tratamento de animais de laboratório, verificou que o mesmo não era eficaz. Este fato lhe despertou a possibilidade de produzir um soro específico de cada veneno, isto é, das cobras que contribuem, em mais de 90%, dos acidentes ofídicos — cascaveis e jararacas, ou melhor Crótalus e Bothrops. Os dois misturados deram o anti-ofídico ou polivalente que se emprega quando não se sabe qual a espécie da cobra causadora do acidente.

Havia o Dr. Vital feito importante descoberta que é a especificidade dos venenos dos ofídios das Américas.

Não se descuidou o jovem Diretor do Butantan da campanha de divulgação dos meios profiláticos contra o ofidismo entre os homens do campo, transformando-os ao mesmo tempo, em seus colaboradores. Ensinou como apanhar as cobras venenosas e como remetê-las ao Instituto. Para isso, distribuiu, a quem o solicitasse, caixas e laços para a captura de serpentes. Cada cobra enviada ao Butantan daria direito a um tubo de soro. As estradas de ferro transportariam-nas gratuitamente. Além dessas providências, que produziram ótimos resultados, o Dr. Vital conseguiu do Governo do Estado lei que obrigasse todas as farmácias a possuírem, em estoque, os diversos soros anti-ofídicos. Os envólucros de tubos de soro levavam impressas as datas das remessas e as da-

tas em que deveriam ser restituidas, caso não fossem empregadas dentro de seu período de eficiência sendo que estas eram substituídas por novas remessas. Tudo isto perfeitamente organizado para salvar a vida preciosa dos que labutam nos campos, em regra tão mal recompensados pelos poderes públicos. Nessa mesma ordem de coisas, realiza uma série de conferências, estas destinadas aos centros culturais da Capital e das cidades da hinterlândia paulista.

Em 1901 — Na Escola de Farmácia de São Paulo, acompanhada de demonstrações experimentais sobre a eficácia dos soros anti-peçonhentos.

Em 1902 — Na Escola Politécnica, duas conferências: uma sobre o envenenamento ofídico e outra sobre o tratamento com os soros.

Em 1903 — Diante do Congresso Nacional de Medicina e Cirurgia no Rio de Janeiro acompanhada de demonstrações experimentais.

1903 — Uma no Mackenzie College de São Paulo.

Em 1906 — Uma em Campinas, no Centro de Ciências, Letras e Artes acompanhada de demonstrações experimentais.

1907 — Demonstrações experimentais diante do 6.º Congresso de Medicina e Cirurgia de São Paulo.

1908 — Conferência diante do Congresso Latino Americano no Rio de Janeiro.

1909 — Conferência na Escola Agrícola Luiz de Queiroz de Piracicaba.

Seguiram-se outras conferências até 1913, ano em que deixei o Butantan.

Em 1911 o Instituto Butantan compareceu à Exposição Internacional de Higiene em Dresden — Alemanha — onde obteve Diploma de Honra. Nesta exposição, o Professor Calmette ao inaugurar a Seção Anti-ofídica do Instituto Butantan, com palavras altamente elogiosas, classificou o Dr. Vital Brasil como Príncipe da Serumerapia anti-ofídica das Américas.

Nos intervalos da minha faina agrícola, ia eu descansar no laboratório. Na saleta de entrada, parte integrante do laboratório como já disse separado tão somente por um tapume envidraçado à esquerda de quem entrava, havia um recipiente contendo sublimado corrosivo (Cloro mercúrico) para desinfetar as mãos.

— Isto aqui disse-me o Sábio e Mestre: é como água benta das igrejas. Na entrada e na saída, principalmente na saída, você lavará as mãos na solução. Em pouco tempo, tornar-se-á um hábito automático. Como você bem sabe, o seguro morreu de velho.

Eu ainda não disse que

continua,

minha residência era no próprio Butantan, na mesma área do jardim da morada do Diretor, de sorte que, frequentemente, nos encontrávamos após o jantar. À tarde, naquelas priscas éras no dizer dos poetas, jantava-se às 17 horas e sobrava tempo para fazer um pequeno passeio. O Dr. Vital e sua excelentíssima esposa, dona Sinhazinha, de braços dados, percorriam a ampla avenida que se situava ao lado de soberbo bosque de eucaliptos, que embalsamava o ambiente de suave aroma cítrico produzido pela espécie citriodora. Eu, como quem não quer querepido, descia para o jardim, cumprimentava o simpático casal e, pouco depois, dona Sinhazinha recolhia-se ao lar e nós, Dr. Vital e eu, seguíamos para o laboratório. Começava a sessão noturna. O discípulo, avido de saber, acompanhando o mestre, e que mestre! Em verdade, o Dr. Vital gostava de ensinar. Fazíamos preparações para o microscópio, utilizando os diversos processos até então conhecidos, a fim de verificar quais os melhores para as várias investigações e, assim, por diante, iam penetrando nos mais complexos problemas da biologia e da fisiologia e da técnica da profilaxia contra o ofidismo.

O Dr. Vital era esplendido "causer": palavra fluente, clara e quando o assunto era irônico ou chistoso terminava com gostosa gargalhada.

Outra qualidade que revelava sua alma bondosa era a bonomia com que recebia manifestações de agrado, sincera, de gente simples. Vou dar um exemplo: ligando o Butantan à ponte do Rio Pinheiros, perto do bairro do mesmo nome, havia um caminho que, na estação chuvosa, era dificilmente transitável. Naquele tempo, não tínhamos automóvel e fazíamos, portanto, o trajeto em um carrinho puxado por dois animais. A beira do caminho havia uma venda de secos e molhados de uma família de portugueses. O proprietário da casa fez uma reforma e em um dos lados da parede de frente do armazem resolveu batisar o tortuoso caminho. Em letras grandes, lia-se: "Avenida Dr. Bitale Brasileiro". Em uma de nossas passagens pelo armazem, chamei a atenção do Dr. Vital pedindo-lhe que lesse o nome da Avenida. Leu e soltou a mais gostosa gargalhada que tive a oportunidade de ouvir dele. Mais tarde, a Prefeitura, urbanizando aquela zona, retificou o caminho, alargando-o e confirmando o nome dado pelo português, desta vez porém com a grafia certa.

FEBRE AMARELA
Reprodução das experiên-

cias havanasas "in anima nobile"

Certo dia, pela manhã, o Dr. Vital me disse: estão cortando mato, lá pelos lados da casa do André. Veja, quanto antes, quem é o infrator ou infratores. Precisamos agir com energia.

Entrei em ação. Não foi difícil descobrir o culpado. Era o André, servente do Instituto. Pude esclarecer que o André permitia à vizinhança pobre que se suprisse de lenha, sem autorização superior.

Na sessão noturna, antes de encerrarmos os trabalhos técnicos-científicos que eram para mim verdadeiras aulas, Dr. Vital me interrogou: — "Então, descobriu o lenhador?". Descobri, disse, tratase do André. De qualquer maneira, peça-me que o castigue. Notei, então, em sua fisionomia, qualquer coisa que o desgostou.

— Você sabe, Iglésias quem é o André, perguntou-me o Dr. Vital.

— Sei que é servente do Instituto, nada mais.

— Pois bem. (olhou para o relógio), vou contar-lhe o que representa, para mim e ao Estado, esse mulato velho: "Em 1893, fui nomeado inspetor sanitário. O Dr. Emílio Ribas andava preocupado em resolver, de um modo definitivo, o problema da transmissão da febre amarela: se a contaminação se dava diretamente de enfermo para enfermo, ou se por intermédio de um mosquito. Apesar das experiências praticadas por médicos norte-americanos em Havana, "in anima nobile", ainda havia, mesmo na classe médica, quem duvidasse. No entanto ficou provado que era responsável pela transmissão da febre amarela o mosquito "Stegomyia facciata". O Dr. Emílio Ribas resolveu repetir as experiências havanasas. Foi uma luta tremenda, então, para encontrar três "cobaias" humanas. Percorremos a Força Pública e o Serviço de Imigração, oferecendo, em nome do Governo, duzentos contos de réis para a família, em caso de morte e um bom emprego público de acordo com a capacidade intelectual de cada um, se resistisse à moléstia. Nada! Afinal, depois de enorme trabalho, conseguimos o nosso desiderato. Encontramos um santista, um servente do Instituto Bacteriológico, filho de italiano e o meu servente André, meu primeiro caçador de serpentes para meus estudos.

Entramos em ação:

Primeiro tempo: as três "cobaias" humanas dormiam em camas que haviam sido ocupadas por doentes de febre amarela e foram agasalhadas com os mesmos lençóis. Resultado negativo.

Segundo tempo: foram as "cobaias" humanas picadas por mosquitos infectados. Resultado positivo. A febre manifestou-se da seguinte maneira: o santista teve uma febre leve, como se fosse uma gripe banal; o André já nos deu trabalho, com febre alta acompanhada de sintomas alarmantes; o jovem filho de italiano foi presa fácil tendo a febre o atacado violentamente e quase perdemos a esperança de salvá-lo. Os três, felizmente, sobreviveram a essa dura e perigosa experiência.

Além da prova da transmissão da febre amarela concluímos que ela conferia imunidade. Senão vejamos: o santista nascido e criado no foco endêmico do porto de Santos, naturalmente já havia passado por vários ataques, adquirindo assim, imunidades; o André, aqui do planalto, acompanhando-me através de zonas perigosas, talvez tenha sido atacado por uma forma benigna, saiu-se bem, sem contudo pagar forte tributo ao mal. Eu, por exemplo, apanhei febre amarela em Descalvado. O filho de italiano que nasceu em zona onde não grassava a febre amarela deu-nos muito trabalho, quase morreu.

Assim, o Estado de São Paulo repetiu as experiências havanasas: o mosquito era, de fato, o transmissor da febre amarela, apesar de um médico do Rio de Janeiro, bom orador e brilhante jornalista, escrever: "O mosquito trás nas asas o ridículo para a classe médica".

Isto posto, como vamos resolver o caso do André, Iglésias?

— Meu caro Mestre, respondi, emocionado. Se o André estivesse aqui ao meu lado, neste momento, apertaria as mãos, não só pelo serviço que ele prestou à ciência, como pela feliz oportunidade que me deu de ouvir um capítulo interessante das conquistas científicas dos sábios brasileiros.

— Em todo o caso Iglésias, disse-me o Dr. Vital, passe-lhe um pito.

— Irei até o local do corte das árvores e recomendarei ao André que seja o fiscal daquela irregularidade, que prenda, em caso de repetição, em nome do Dr. Vital Brasil, o atrevido que ousar cortar um galho de qualquer árvore.

E, assim, amainamos a tempestade de um copo de água.

Finalizando esta palestra declaro, a bem da verdade, que o Dr. Vital Brasil exerceu forte influência em meu espírito. Embora muito moço jamais tomei parte em festejos carnavalescos da Capital, preferindo as noitadas de tertúlias técnico-científicas com o grande Mestre.

Um poeta Campineiro

Júlio da Silveira Sudário

Lendo há tempos na imprensa de Campinas um estudo sobre os seus poetas foi com certo amargor que não encontrei nome de Francisco Morais Junior.

Vivemos juntos de 1923 a 1925, na velha Pindamonhangaba que ainda conservava, como Campinas, o sabor dos velhos palácios ofendidos pela pátina, das arcadas, dos sobradões, das construções de taipa, dos bosques e também as reminiscências sonoras dos titulares imperiais. Cá e lá barões havia.

Nossa amizade se firmou e grande convivência nos uniu depois de uma festa escolar de farmacêuticos e dentistas em que faltou o orador oficial que deveria falar representando os odontólogos.

Substituí-o Francisco Movo-voz tremula um discurso roais Junior que produziu com manto.

Soube depois que ele era poeta e vindo de Campinas. E quando ele falava desta terra também senti seu entusiasmo discutindo os meus ancestrais campineiros a começar do Licenciado Joaquim de Oliveira Leite, ou Cavaleiro Leite, sepultado na Igreja Matriz a 15 de março de 1825. Foi possivelmente um dos primeiros médicos ou curandeiros de Campinas e casou na grei de Barreto Leme que foi um dos formadores desta cidade.

Francisco Morais Junior era moreno, magro, de estatura média. Era discreto, sensível e tinha a grandeza de saber ouvir.

Era um romântico ou se quiserem, mesmo um ultraromântico. Como eu ele sentia que o coração devia estar acima do cérebro e o sentimento acima da razão. Como ele eu tinha grande ojeriza pela "Semana de Arte Moderna", por Marinetti, Blaise Cendrars, Graça Aranha, Ronald de Carvalho, Oswald e Mario de Andrade, Brecheret e outros. Entre os outros colocávamos Vila-Lobos, Menotti e Cassiano antes que Plínio Salgado escrevesse o seu único livro legível e que foi o "Estrangeiro".

Como eu Francisco Morais Junior, relativamente à arte moderna, aceitava a sabedoria do rifão:

"Toda gente come palha;
A questão é saber dar-lha".

—0—

Durante trinta anos não mais vi ou ouvi falar do poeta Francisco Morais Junior, tempo em que andei pelo sertão exercendo os misteres de boticário e professor enquanto ao meu redor se acendia cigarro em olho de onça.

Soube também que ele tinha ausentado do mundo deixando aqui em Campinas dois irmãos de valor singular. O ardoroso tribuno Laerte de Morais e a suave escritora Maria José Morais Pupo Nogueira.

Pertenceu, portanto a uma fina estirpe de intelectuais.

Da convivência com Francisco Morais Junior eu trouxe como um legado saudoso, cinco sonetos que ofereço aos campineiros. Penso que são inéditos. Não sei se foram publicados na imprensa desta terra ou reunidos em volume. Nestas linhas não tive a intenção de aprofundar em sua biografia e produção. Isso será feito por valores maiores. Apenas quis matar sau-

dades de um velho amigo e companheiro, fazendo brilhar ao sol de Campinas os cinco sonetos que sua alma plasmou.

São cinco sonetos de amor que eu copiei mal saídos de

suas mãos e úmidos da lavra.

Que os julguem os críticos que não aprendi a ser. Que os que não aprendi a ser. Que os os amem os que amam o amor.

EU NÃO POSSO PERDE-LA

Sinto o cansaço de uma longa viagem
Descer sobre o meu corpo sonolento.
Perdi-me sempre em busca da miragem
Que embalava este sonho e o meu tormento.

Tão próxima de mim a sua imagem
E eu sentindo na carne o sofrimento
Da solidão. Tempo perdido na paisagem...
Por que não veio a mim nesse momento?

Afinal nós estamos lado a lado.
Não me abandone nunca. Estou cansado.
Você é o ponto final da minha estrada...

Quero entregar meu corpo ao seu carinho.
Repousar em você como em arminho
Minha amiga, meu sonho, minha amada!

ACALENTO

Quero encostar a frente no seu seio
E dormir. E esquecer a eternidade
Daquêle imenso e atribulado anseio
Que longe de você sempre me invade.

Não me deixe acordar. Sempre receio
Que você seja um sonho. E a realidade
Do seu amor eu creio, sempre creio,
Que só existe no Sonho, de verdade.

Seja o caminho eterno, seja o encanto
Do amparo, da ternura, da acolhida.
Você que é tão mulher e me quer tanto!

Que eu durma ouvindo a música encantada
Do amor que eu esperei toda uma vida
Minha Estrela do Céu, minha alvorada!

VAMOS SEGUIR

Venha comigo olhar pela janela aberta.
Ouça a noite. Ela canta uma canção dorida.
Chegue-se bem a mim. A rua está deserta.
Quem não terá um deserto assim na própria vida?

Aperte mais a mão que a sua mão aberta.
Olhe o brilho do céu. Olhe a lua perdida
Na paisagem azul. A sua rota incerta
Copia a indecisão da nossa alma ferida.

Olhe bem para mim. Quanta dúvida existe
No seu rosto. Por quê será que estou tão triste?
Por quê tanto temor se somos tão sozinhos?

Vamos seguir. Temos tão pouco na existência...
Esse pouco será para nós dois a essência
Da flor que nos restou numa estrada de espinhos.

VIA CRUCIS

Eu sabia. Meu Bem, que o sofrimento
Seria, enfim, o nosso companheiro.
A semente não gera, sem primeiro
Sofrer a terra no revolvimento.

Companheira adorada, não lamento
A via crucis. Sofrirei inteiro
Este ocaso de luzes derradeiro
Porque apenas é nosso este tormento.

Se este amor despontou em nossa estrada
Como depois da noite a luz da aurora
Não importa o amargor da caminhada.

Minha amada: que importa esta tortura
Se a mesma dor que eu choro você chora
E é unicamente nossa a desventura?

RECOMPENSA

Aceito que amanhã você me diga
Que eu deixei de ser tudo na sua vida
E que este sonho, minha doce amiga,
Morreu, como uma pétala colhida.

Ouvirei a sentença e a sós, calado,
Não curvarei a frente dolorida
Porque o meu coração martirizado
Porá pingos de luz pela ferida.

E abençoarei seu vulto pequenino,
Pelo bem que me fez o seu carinho.
Pela paz que lançou em meu destino.

E enfim vendo-a deixar-me sem piedade.
Hei de senti-la sempre em meu caminho,
Viva e imortalizada na saudade.

ACADEMIA CAMPINENSE DE LETRAS

A sessão de maio da Academia Campinense de Letras foi presidida por Lycurgo de Castro Santos Filho e contou com a presença dos acadêmicos Waldomiro de Vasconcelos Ferreira, Luís Felipe da Silva Wiedmann, Milton Duarte Segurado, Francisco de Assis Iglésias, Herculano Gouveia Neto, Mauro Ribeiro Sampaio, Carlos Penteado Stevenson, Alexandre Chiarini e Milton Federici. Depois da leitura da ata, por Carlos Stevenson, foi proposta por Mauro Sampaio a organização e publicação, uma vez por ano, de uma seleta de trabalhos acadêmicos. Tal proposta obteve aprovação e deverá ser divulgada entre os associados que não frequentam o sodalício. Sobre a questão da frequência às sessões, falaram vários acadêmicos, lamentando todos a ausência de alguns confrades que não querem prestigiar com a própria presença as sessões da Academia. O problema voltará a ser debatido, com a apresentação de solução compatível com a gravidade do assunto.

Milton Segurado lembrou a

data do nascimento de Dante Alighieri, há setecentos anos passados. Leu, então, um canto da "Divina Comédia", em tradução de Machado de Assis. Francisco de Assis Iglésias recordou a vida e a obra de Vital Brasil, o grande criador do Instituto Butantã, cujo centenário do nascimento ocorre no presente ano. Waldomiro Ferreira leu o "Poema da Saudade", de sua lavra, onde canta a gota d'água presa no cristal. Finalizando a sessão, os acadêmicos homenagearam a memória do professor Anibal Freitas e do engenheiro Prestes Maia, aquele, emérito educador, e este, o autor do projeto que vem sendo seguido na modernização de Campinas.

Correio Popular
8/5/1965

ACADEMIA CAMPINENSE DE LETRAS

Sob a presidência de Lycurgo de Castro Santos Filho, reuniu-se a Academia Campinense de Letras, em sua sede própria, tendo comparecido os acadêmicos David Antunes, Celso Maria de Castro Neto, Francisco Ribeiro Sampaio, Luís Felipe da Silva Wiedmann, Waldomiro de Vasconcelos Ferreira, Mauro Ribeiro Sampaio, Carlos Penteado Stevenson, Alexandre Chiarini, Milton Duarte Segurado e Francisco de Assis Iglésias. A leitura da ata da sessão anterior foi feita por Carlos Stevenson e logo depois Milton Segurado discorreu sobre o 1.º Centenário da elevação de Jundiá à categoria de cidade. Três valiosos volumes antigos ofereceu Milton Segurado à biblioteca do sodalício. Francisco Iglésias e Francisco Sampaio contaram o que viram na 1.ª FACIL organizada em Limeira.

Hilton Federici e Mauro Sampaio ficaram incumbidos da organização de uma Seleta que será publicada em comemoração ao 10.º aniversário da Academia. E um ofício será dirigido a todos os acadêmicos solicitando que compareçam à próxima reunião mensal de julho, para melhor organização da Seleta. Hilton Federici providenciará, igualmente, a realização de um concurso escolar literário.

Luís da Silva Wiedmann falou sobre o falecimento de José de Anchieta. Neste ano o governo federal está prestes a comemorar em São Paulo, a comemoração e as homenagens à memória do taumaturgo do Brasil. Sobre o venerável jesuíta falaram diversos acadêmicos, encerrando-se a seguir, a sessão.

Correio Popular
16/6/1965

Campineiro eleito para o Instituto Histórico Brasileiro

Correio Popular
25/7/1965

O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, com sede no Rio de Janeiro, além de ser o mais antigo órgão cultural especializado do país, e que teve desde sua fundação o carinho do Imperador Dom Pedro II e de grandes figuras de historiadores como Francisco Adolfo de Varnhagem, visconde de Porto Seguro, e outros, é um tesouro de riqueza documentária da história do Brasil e manancial precioso dos mais valiosos trabalhos na sua monumental revista, hoje de inestimável valor.

De Campinas, teve o Dr. Ricardo Gumbleton Daunt, seu sócio, o cuidado de enviar certidões extraídas do primeiro Livro do Tombo e relativas à fundação desta cidade, documentos arquivados naquela instituição e tão bem conservadas que, solicitadas por qualquer interessado, são apresentadas, nos seus perfeitos acondicionamentos, dentro de pouquíssimos minutos.

O grande instituto se compõe de quadros de sócios, destacadas personalidades intelectuais, como o dos efetivos residentes no Rio de Janeiro, o dos correspondentes estrangeiros e dos correspondentes nacionais. Nesta última categoria, abriu-se uma vaga com a morte de Carlos Magalhães de Azeredo, o grande literato e diplomata brasileiro, brilhante

membro da Academia Brasileira de Letras, embaixador brasileiro junto ao Vaticano por grande lapso de tempo.

Para a vaga de Magalhães de Azeredo que era paulista, foi recentemente eleito um outro paulista, radicado em Campinas, autor de vários trabalhos entre os quais a preciosa e reputada "História da Medicina no Brasil" e a apreciadíssima e muito elogiada por maiores intelectuais pátrios, "Uma Comunidade Rural do Brasil Antigo", obra histórica social do mais alto valor, o Doutor Lycurgo de Castro Santos Filho, médico conceituado em nosso meio e brilhante presidente da Academia Campinense de Letras.

Correio Popular
8/7/1965

ACADEMIA CAMPINENSE DE LETRAS

A sessão do mês de julho da Academia Campinense de Letras foi presidida por Lycurgo de Castro Santos Filho e secretariada por Carlos Penteado Stevenson, havendo comparecido mais os seguintes acadêmicos: Norberto de Souza Pinto, Paulo da Silva Pinheiro, Milton Duarte Segurado, Francisco de Assis Iglésias, Mauro Ribeiro Sampaio, Hilton Federici, Alexandre Chiarini, Valdomiro de Vasconcelos Ferreira e Francisco Ribeiro Sampaio. Depois da leitura da ata elaborada por Carlos Stevenson, o presidente comunicou a oferta do magnífico opusculo "Introdução ao estudo das emoções", pelo autor, o acadêmico Norberto de Sousa Pinto. Outra doação valiosa para a biblioteca foi a recebida do confrade Leite Cordeiro, membro da Academia Paulista de Letras que mandou cento e vinte volumes. Sobre a passagem do trigési-

mo aniversário da instalação do Serviço de Sericultura em Campinas, falou o seu criador, o acadêmico Francisco Iglésias.

Mauro Sampaio discorreu sobre a Antologia que será publicada em comemoração ao décimo aniversário da Academia, em 1966. Secundou-o Hilton Federici, que organizará um concurso literário entre os escolares da cidade sob o patrocínio da Academia. Francisco Sampaio leu duas poesias, uma do acadêmico B. Sampaio, intitulada "Fonte de Amor" tão apreciada quanto a outra, de Odilo Costa Filho, "Soneto das nove bocas".

Alexandre Chiarini leu, em versos alexandrinos, um acróstico de seu nome, de autoria de Milton Segurado. Em retribuição, elaborou outro acróstico, em versos bem rimados, sobre Segurado. São duas excelentes peças literárias que encerraram a sessão.

ACADEMIA: ELOGIO DE PATRONO

A sessão de agosto da Academia Campinense de Letras foi inteiramente dedicada ao elogio do patrono de sua cadeira 21, o professor Artur Segurado. Compareceram os acadêmicos Francisco de Assis Iglésias, Valdomiro de Vasconcelos Ferreira, David Antunes, Francisco Ribeiro Sampaio, Milton Duarte Segurado, Paulo Pinheiro, Carlos Penteado Stevenson, Mauro Ribeiro Sampaio, Herculano Gouveia Neto, Alexandre Chiarini, Hilton Federici, Celso Maria de Melo Pupo e Lycurgo de Castro Santos Filho, que presidiu a sessão, a qual contou ainda com a presença de familiares descendentes de Rafael Duarte e de Artur Segurado e de amigos, Celia Duarte Ribeiro da Silva, Manuela Ribeiro de Almeida Prado, Maria Lucia

Duarte Ribeiro, Gracilla Duarte Segurado, Nena Duarte Ribeiro, Elza Silva Segurado, Maria Silvia Segurado, Norma Segurado, Cid Neger Segurado, Moacir Neger Segurado e Rubens Duarte Segurado.

Aberta a sessão, o acadêmico Milton Duarte Segurado, ocupante da cadeira 21, e que é neto do patrono e de outro acadêmico, Rafael Duarte, leu o seu trabalho, que se intitula "Artur Segurado, um educador". Foi esse um equilibrado e bem composto estudo sobre a personalidade do professor, educador e poeta que foi Artur Segurado, cuja vida decorreu toda dedicada ao magistério. Mestre-escola que versejava com facilidade, admirado, respeitado e querido dos alunos, hoje em dia um dos Grupos Escolares

da cidade ostenta o seu nome honrado. Com muita felicidade, o acadêmico Milton Segurado elaborou um estudo biográfico no qual a produção poética do seu patrono foi a pouco e pouco mostrada, a propósito das principais passagens da vida de Artur Segurado. Uma longa salva de palmas coroou o final da leitura do elogio acadêmico.

Correio Popular
7/8/1965

POSSE NO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO

No Rio de Janeiro, realizou-se a posse do Dr. Lycurgo de Castro Santos Filho como membro recém eleito do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Para esta posse, realizou o Instituto uma sessão solene, presidida pelo Embaixador José Carlos de Macedo Soares e secretariada pelo Dr. Xavier Pedroso, à qual compareceram, além dos familiares do recepiendário entre os quais o velho Dr. Lycurgo de Castro Santos que como convidado tomou parte na mesa diretora, compareceram numerosos sócios do Instituto, amigos e admiradores, podendo-se registrar também a presença de Américo Lacombe, diretor da Casa de Ruy Barbosa; Moisés de Aragão, diretor do Arquivo Nacional; Marques dos Santos, diretor do Museu Imperial de Petrópolis; Dr. Paulo Braga de Menezes que é também sócio da Academia Campinense de Letras; os historiadores da Medicina Isolino de Vasconcelos e Carlos da Silva Araújo; o antigo deputado paulista Machado Coelho; Fernando Milanez, diretor do Jardim Botânico; o Diretor da Sociedade Brasileira de Geografia; o historiador Wanderlei Pinho, e outros

historiadores e homens de letras.

Depois de feita pelo secretário a leitura da ata de posse que foi assinada pelo presidente e pelo novo sócio e de ter este lido o juramento regimental e recebido o seu diploma, foi ele saudado pelo Dr. Luiz de Castro Sousa, historiador da medicina e sócio da Academia Pernambucana de Letras, que traçou a biografia do Dr. Lycurgo e discorreu sobre a valiosa obra literária deste intelectual campinense, que foi eleito para a vaga deixada pelo Embaixador Carlos Magalhães de Azeredo, o último falecido dos fundadores da Academia Brasileira de Letras.

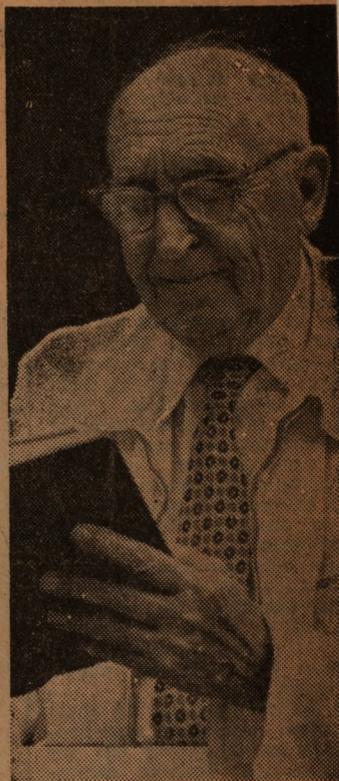
O novo sócio, Dr. Lycurgo de Castro Santos Filho, respondeu agradecendo a investidura; leu um brilhante trabalho intitulado "Resumo Histórico da Medicina Paulista" no qual traçou a evolução da arte de Hipócrates em São Paulo, detendo-se no exame de duas singulares figuras do passado de Campinas e que foram nomes nacionais, Alvares Machado e Silva Manso, e finalizou a sua oração traçando o atual e magnífico panorama da medicina paulista, em todos os seus aspectos.

Faleceu ontem em Campinas o educador Benedito Sampaio

Faleceu ontem em nossa cidade um dos mais brilhantes educadores de nossos tempos, o professor, poeta e prosador Benedito Sampaio. O eminente mestre era professor da Universidade Católica de Campinas, membro efetivo da Academia Campineira de Letras e foi duas vezes premiado pela Academia Brasileira por suas obras "O Cosmorama da Cidade" (Crônicas) e "Elementos da Gramática Portuguesa".

VIDA E OBRA

O professor B. Sampaio era filho de Francisco José Sampaio e Joaquina Ramos Sampaio e nasceu em Igaratá, Estado de São Paulo em 11 de abril de 1883. Fez seus primeiros estudos em Jacareí no Colégio Nogueira da Garna. Após mudou-se para S. Paulo onde no Seminário Episcopal concluiu um curso equivalente ao ginásio, sendo na época contemporâneo de D. Barreto. Em 1903 transferiu-se para Sta. Rita do Passa Quatro iniciando sua carreira de professor no Colégio Silva Lima lecionando Latim, Francês e Português. Nesta mesma cidade casou-se com a sra. Noêmia Ribeiro. Em 1910 foi para Bebedouro onde montou o Colégio Sampaio (cursos primário e secundário) transferindo-se depois para Ribeirão Preto onde lecionou no Colégio Furquim e posteriormente através de concurso no Ginásio Estadual da cidade. Nessa época escreveu seu primeiro livro "O Hélicon" (versos) publicado em Campinas pela Casa Mascote. Foi nomeado catedrático de Língua Portuguesa para o Colégio Culto à Ciência em Campinas para onde se transferiu em 1925. Aqui escreveu a maioria de suas obras: "Taça Vazia" (versos), "Questões da Língua", "Falar Certo", "Polêmica Alegre de Gramática", "O Cosmorama da Cidade", "Elementos de Gramática Portuguesa", "Fédro" (fábulas), "Leituras Facéis" (seleta para as quatro séries ginasiais — em coia-



O professor Benedito Sampaio.

horação com seu filho prof. Francisco Ribeiro Sampaio, "Seleta de Língua Portuguesa", "Tangolomango (Poesias)" e "Conto a três vozes" em colaboração com os filhos Mauro Ribeiro Sampaio e Quinita de Melo Serrano. Em Piracununga onde aposentou-se em 1950 produziu "De minha chácara" (crônicas e fantasias publicadas em 1958 e escritas especialmente para o Diário do Povo).

Mesmo depois de aposentado o professor B. Sampaio continuou dando aulas particulares para candidatos à Faculdade de Direito de Campinas e fazendo parte em diversas bancas de concurso nomeadas pelo Estado.

PROFESSOR BENEDITO SAMPAIO — Em sua residência, a rua Sampaio Ferraz n.º 549, faleceu ontem, o Professor Benedito Sampaio, com 82 anos de idade e natural de Igaratá. O extinto foi professor de Português no Ginásio Estadual de Ribeirão Preto e no Colégio Estadual "Culto à Ciência" de Campinas e Catedrático da Faculdade Católica de Campinas. Era casado com d. Noemia Ribeiro Sampaio, de cujo enlace deixa os filhos: d. Maria Sampaio Reginato, casada com o Prof. João Fiorelo Reginato; Francisco Ribeiro Sampaio, casado com d. Yayá Moraes Sampaio; Aurea Sampaio Tocalino, casada com sr. Sebastião Buck Tocalino, já falecido; Noemia Sampaio Nogueira Terra, casada com sr. Joaquim Nogueira Terra Filho; Mercedes Sampaio Amendola, casada com o sr. João Amendola; Edmundo Ribeiro Sampaio, casado com d. Lourença Sampaio; Mauro Ribeiro Sampaio, casado com d. Célia Palma Sampaio; Hedonei Sampaio Bonafé, casada com o sr. Mario Bonafé; Wanda Ribeiro Sampaio, solteira; Quinita Sampaio de Melo Serrano, casada com o sr. dr. Antonio de Melo Serrano; Benedito Sampaio Filho casado com d. Maria Rosa Pecioli Sampaio. Deixa sessenta netos e trinta e cinco bisnetos. O sepultamento deu-se ontem, às 17 horas, em jazigo da família no cemitério Cura D'Ars. A cerimônia religiosa foi celebrada na residência...

In Memoriam



PROFESSOR BENEDITO SAMPAIO

★ 11 - 4 - 1883
† 4 - 9 - 1965

Academia Campinense de Letras de utilidade pública estadual

Acaba de apresentar o deputado Ruy de Almeida Barbosa na Assembléia Legislativa do Estado projeto de lei declarando de utilidade pública a Academia Campinense de Letras, sodalicio que é o reflexo da cultura de nossa cidade.

Como justificativa à sua proposição, o parlamentar de Campinas anexou os seguintes bem argumentados fundamentos: "Fundada em 1956, vem aquela Academia desenvolvendo satisfatoriamente seu programa literário de reconhecimento de valores e de incentivo a novas manifestações de capacidade e talento.

Muitas tem sido as conferências feitas por puristas da língua, escola de erudição divulgada para a elevação cultural do povo. Entre os conferencistas, além de numerosos sócios efetivos da Academia residentes em Campinas, literatos da Capital realizaram brilhantes trabalhos, como Ibraim Nobre, José Pedro Leite Cordeiro, Aureliano Leite, em sessões públicas que tiveram auspiciosa repercussão e ampla publicidade.

Está a Academia em sua décima quinta publicação, trabalhos lidos em conferências e outros, todos de interesse lite-

rário e alguns versando matéria histórica.

Suas sessões regimentais realizam-se todos os meses, para seus componentes mas com assistência de outros interessados nelas são apresentados, lidos e discutidos trabalhos literários, observadas e criticadas obras de autores nacionais, cumprindo-se programa de rigoroso aperfeiçoamento nas letras.

Conta a Academia com quadro de sócios correspondentes, do país e do exterior, com os quais estende seus trabalhos e consolida seu renome.

Auxiliada pelas contribuições dos sócios efetivos da cidade, a Academia adquiriu sua sede própria, um conjunto de salas na Avenida Francisco Glicério.

Para o ano de 1966, décimo aniversário da Academia, estão em preparo várias realizações, inclusive concursos para os cursos médios da cidade.

Pelo que fez no passado, pelo que vem fazendo no presente, e por tudo aquilo que poderá fazer ainda no futuro, a Academia Campinense de Letras merece o reconhecimento dos Poderes públicos de São Paulo, como verdadeiramente uma entidade de utilidade pública.

UMA VISITA ILUSTRE

Celso Maria de Mello Pupo

A Academia Campinense de Letras ouviu encantada o Professor Ernesto de Sousa Campos. Tratava-se de sua posse como membro honorário da Academia, o que se fez em reunião jantar, num salão do Joquei Clube Campineiro, pela noite de 20 último.

O ambiente estava de elegante sobriedade; enriquecido de graça feminina, requintado de espiritualidade, deu aos nossos acadêmicos o colóquio jovial e afetivo com o acadêmico que se empossava e que, pela cultura, pela inteligência, pelas suas numerosas obras, pelo seu prestígio e pelo seu renome, elevou a nossa entidade de letras. Na sua simplicidade de sábio, na sua finura de modos, na sua simpatia empolgante, nas suas letras castiças e no seu dizer cheio de doçura entrecortado com observações espirituosas ou frases elegantes de galanteio às senhoras, soube o Professor Ernesto dominar de pronto todas as atenções, com o especial meneio de sua atração irresistível.

Quiz o Professor deliciar-nos com uma palestra; e escolheu para seu objeto, gestos cavalheirescos e afetivos de soberanos que souberam ser apaixonados esposos e galantes admiradores, distinguindo aquelas que se tornaram suas esposas.

"O Tosão de Oiro e a Ordem da Rosa" foi o título da palestra; mas o orador não se faturou com preocupações honoríficas ou regras de cavalaria; integrou-se no aspecto humano e sentimental, no significado do amor do esposo pela companheira, embalando sua exposição nas maravilhas da arte e no romantismo dos poetas, na musicalidade das rimas e doces dizeres de sua própria riqueza verbal. Digressou pelo que havia de afeto nestas criações gentis e principescas, buscando em versos de autores vários, as lançoilas brilhantes para sua oração magnífica.

O Tosão de Oiro foi criado por Felipe o Bom, duque de Borgonha, em regozijo pelo seu terceiro casamento, com a infanta Isabel de Portugal, filha de Dom João I o mestre de Avis. Relembrar este rei, é repassar os mais brilhantes dias da história de Portugal e da vida de um pai felicíssimo que pelo seu casamento com Dona Filipa de Lencastre, deixou geração masculina das mais valorosas e a filha Dona Isabel, única legítima depois do falecimento prematuro de sua irmã Dona Branca.

Dona Isabel era filha estremeçada pelo seu pai; de rara formosura e virtudes incomuns, filha de soberano famoso em toda Europa, foi pedida para esposa pelo duque de Borgonha, Felipe o Bom, que se havia casado duas vezes, sendo duas vezes viúvo e sem sucessão.

Para tratar deste casamento, mandou o duque a Lisboa um emissário, logo seguido por

uma embaixada luzidia e composta de nomes pomposos onde estava o de Balduino de Lannoi, cujo apelido mais tarde se transportou para o Brasil com descendentes em Campinas. A embaixada era portadora de procuração para tratar e realizar o casamento, documento que ainda deve estar no Arquivo da Torre do Tombo em Lisboa.

Assentadas as condições do enlace, com o dote estabelecido em cento e cinquenta e quatro mil coroas de oiro e arras à noiva de doze mil e trezentos e vinte coroas, sendo ela ainda "aviada de vestidos, joias, baixela de prata, concertos de casa, e acompanhada e servida como convinha à sua real pessoa", foi firmado o contrato. E casou-se a infanta com o procurador do noivo aos 24 de julho de 1429, na cidade de Lisboa, presentes o príncipe Dom Duarte herdeiro do trono, demais infantas e grande nobreza, assim como o bispo de Évora, "com toda a magnificiência devida à magestade del rei".

Poucos meses depois, partiu a infanta em uma armada de trinta e nove embarcações, rumo à Borgonha onde chegou encantando seu nobre esposo com a sua beleza, celebrando-se os esponsaes em 10 de janeiro de 1430, perante numerosa e alta nobreza, com festas magníficas pelo espaço de oito dias, de "excessiva despeza" e com deli-

cadíssimos manjares e bebidas sem número, jogos, danças, justas e mais entretenimentos, servidos todos os presentes com grandeza e profusão, como não se tinha visto ainda. Em homenagem à nova duquesa, no mesmo dia do seu casamento, em honra a Deus e a Santo André, criou o duque a Ordem de Cavalaria do Tosão de Oiro, galardando imediatamente vinte e quatro cavaleiros do mais alto merecimento.

A insígnia desta ordem é uma pele de carneiro completa, com sua lâ, que se chama tosão, sustida pelo meio; o seu chefe é o duque de Borgonha. Passando esta sucessão para a Áustria e Hespanha, as suas monarquias conservaram a ordem criada em homenagem à princesa de Portugal.

E Dom João I saudoso da filha ausente e que antes de se casar, em Lisboa se deliciava com cisnes que habitualmente por ela eram alimentados, ao construir o palácio de Sintra, o único paço real que escapou da destruição no terremoto de 1755, em lembrança da filha fez decorar um dos salões, no forro dividido em painéis emoldurados, com cisnes graciosos e plenos de saudades da infanta ausente. Este salão, como o salão dos brasões, são visitados pelos brasileiros que vão a Portugal matar as saudades que todos nós, de sangue luso, sentimos há quatrocentos anos.

A palestra do culto acadêmico se ocupou ainda da Ordem da Rosa, criada pelo nosso imperador Dom Pedro I por ocasião do seu segundo casamento, em homenagem à nossa imperatriz Dona Amélia, merecedora da nossa admiração e de nossa estima pela sua beleza, pela sua cultura e pela sua bondade. Um documento que bem caracteriza esta nossa jovem soberana, é a carta lida em parte pelo conferencista, que a imperatriz de apenas dezanove anos de idade, deixou para seu enteado, criança e imperador Dom Pedro II, com expressões como estas: "mas tu, anjo de inocência e de formosura, não me pertences senão pelo amor que dediquei ao teu augusto pai; um dever sagrado me obriga a acompanhá-lo no seu exílio, através os mares às terras estranhas; adeus pois, adeus para sempre!"

Não foi plena de rosas a vida da nossa segunda imperatriz: casada antes de completar dezesete anos de idade, aos dezanove já deixava o seu primeiro lar, em prantos pelo abandono dos enteados, seguindo para os trabalhos e lutas do marido empenhado em restaurar a filha Dona Maria II no trono de Portugal. Completada a vitória e firmada a glória do esposo, tendo apenas cinco anos de casada e vinte e dois de idade, ficou viúva, perdendo meses depois, o irmão príncipe consorte de Portugal; permanecendo em Lisboa a criar sua filha única, viu-a fenezer da mesma moléstia do pai e morrer na flor dos seus vinte e um anos na cidade de Funchal. Dona Amélia viveu só, no palácio das Janelas Verdes, para morrer aos sessenta anos de idade, com rosas no casamento "e espinhos a vida inteira".

Depois descreveu o orador a insígnia da Ordem da Rosa que é o entrelaçamento das iniciais de Pedro e Amélia, dentro de uma grinalda de rosas, e percorreu sobre a beleza, a graça, o encanto da rosa; seus poetas, seus cultivadores, seus admiradores e produtores de varedades, continuando a empolgar seus ouvintes com a juventude do seu verbo e com o brilho do seu intelecto moço.

Embalados na louçã de tantos privilégios que deu a natureza ao orador da noite, com o seu engenho de dizer a história e rendilhar rantasias, poderíamos acertar repetindo ao novo acadêmico, de oitenta e três anos de idade e moço o espírito, um elogio sonoro como homenagem e admiração, e com a figura que é a deste esteta filântropo:

"Envelheçamos rindo! envelheçamos como as árvores fortes envelhecem: Na glória da alegria e da bondade, agasalhando os pássaros nos ramos dando sombra e consolo aos que padecem!"

ACADEMIA CAMPINENSE DE LETRAS

Realizou a Academia Campinense de Letras, em sua segunda sessão de outubro, a recepção do novo acadêmico correspondente Professor Ernesto de Sousa Campos que na ocasião pronunciou belíssima conferências sobre ordens honoríficas, focalizando duas, a do Tosão de Ouro e a da Rosa do Império do Brasil, ambas creadas para homenagear soberanas em seus casamentos com príncipes reinantes.

A reunião jantar realizou-se em salão do Joquei Clube Campineiro, sendo apreciadíssima a conferência na qual o recipiendário, na elegância de sua palavra amena, discorreu com erudição e conhecimento profundo.

Aberta a sessão pelo presidente acadêmico Lycurgo de Castro Santos Filho, foi o visitante saudado pelo acadêmico Theodoro de Souza Campos Júnior que traçou breve biografia do visitante, destacando seus grandes méritos de literato, professor universitário, homem público dos mais conceituados e generoso filantropo.

O doutor Ernesto de Sousa Campos, nasceu em Campinas, filho do doutor Antônio de Sousa Campos e de Dona Rosa Velho Bitencourt; engenheiro pela Politécnica de São Paulo e médico pela sua Faculdade de Medicina na turma de 1918, foi em ambas as escolas, aluno dos mais distintos tendo recebido desta o prêmio de viagem à Europa.

Fêz ainda, várias outras viagens de estudos, viagens de missões oficiais representando o Brasil, tendo sido também nosso embaixador extraordinário. No governo do Marechal Dutra foi ministro da Educação e Saúde Pública e interinamente da Justiça. É professor catedrático na cadeira de microbiologia, imunologia e histologia da Faculdade de Medicina de São Paulo e diretor da Faculdade de Filosofia da mesma capital.

Dedicou-se o professor Sousa Campos a estudos e fundação de diversas faculdades, muito trabalhando pelo ensino universitário, em especial pela Universidade Católica de São Paulo, tendo publicado trabalho histórico sobre a Universidade de São Paulo e Cidade Universitária.

Fundador e primeiro presidente do Pen Clube de São Paulo, sociedade internacional de grande projeção e fins literários, presidente de várias outras entidades, membro da Academia Paulista de Letras e da Academia Paranaense de Letras, é grande benemérito e ex-presidente do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, cuja atual sede construiu em sua presidência; é irmão da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo e benemérito de outras, tendo sobre elas publicado trabalho histórico, assim como já publicou mais de quinhentas obras sobre assuntos diversos.

Tem sido o professor Sousa Campos distinguido com inúmeras condecorações nacionais e estrangeiras, dentre as quais a de grande oficial da Ordem Nacional do Mérito, grande Oficial da Ordem de Cristo de Portugal, cavaleiro da Legião de Honra, comendados da Ordem de São Gregório Magno concedida por S.S. João XXIII, comendador da Ordem do Santo Sepulcro, Cavaleiro da Ordem Soberana de Malta da qual recebeu ainda as distinções Cruz do Mérito de Primeira Classe e Cruz do Mérito Militense, e mais distinções de instituições culturais.

O acadêmico presidente encerrou a brilhante sessão com agradecimento ao conferencista, às senhoras e acadêmicos presentes.

Academia Campinense de Letras : novo acadêmico

Realizou a Academia Campinense de Letras, em sua última reunião, a recepção do novo acadêmico correspondente, prof. Ernesto de Sousa Campos, que na ocasião proferiu apreciada conferência sobre ordens honoríficas, focalizando duas: a do Tosão de Ouro e a da Rosa do Império do Brasil ambas criadas para homenagear soberanas em seus casamentos com príncipes reinantes.

A reunião jantar realizou-se em salão do Joquei Clube Campineiro sendo apreciadíssima a conferência na qual o recipiendário, na elegância de sua palavra amena, discorreu com erudição e conhecimento profundo.

Aberta a sessão pelo presidente acadêmico Lycurgo de Castro Santos Filho, foi o visitante saudado pelo acadêmico Theodoro de Souza Campos Júnior que traçou breve biografia do visitante, destacando seus grandes méritos de literato, professor universitário, homem público dos mais conceituados e generoso filantropo.

O sr. Ernesto de Sousa Campos, nasceu em Campinas, filho do sr. Antonio de Sousa Campos e de d. Rosa Velho Bitencourt, eng. pela Politécnica de São Paulo e médico pela sua Faculdade de Medicina na turma de 1918, foi em ambas as escolas, aluno dos mais distintos tendo recebido desta o prêmio de viagem à Europa.

Fêz ainda, várias outras viagens de estudos, viagens de missões oficiais representando o Brasil, tendo sido também nosso embaixador extraordinário. No governo do Marechal Dutra foi ministro da Educação e Saúde Pública e interinamente da Justiça. É professor catedrático na cadeira de microbiologia, imunologia e histologia da Faculdade de Medicina de São Paulo e diretor da Faculdade de Filosofia da mesma capital.

Tem sido o prof. Sousa Campos distinguido com inúmeras condecorações nacionais e estrangeiras dentre as quais a de grande oficial da Ordem Nacional do Mérito, grande Oficial da Ordem de Cristo de Portugal, cavaleiro da Legião de Honra, comendador da Ordem de São Gregório Magno concedida por S.S. João XXIII, comendador da Ordem do Santo Sepulcro, Cavaleiro da Ordem Soberana de Malta da qual recebeu ainda as distinções Cruz do Mérito de Primeira Classe e Cruz do Mérito Militense, e mais distinções de instituições cultu-

**Diário do Povo
não terminou a
notícia.**

ACADEMIA CAMPINENSE DE LETRAS

Realizou em 8 do corrente, a Academia Campinense de Letras, a sessão ordinária do mês, sob a presidência do acadêmico Lycurgo de Castro Santos Filho, secretariado pelo acadêmico Carlos Penteadó Stevenson e presentes Mauro Ribeiro Sampaio, Francisco Galvão de Castro, David Antunes, Celso Maria de Mello Pupo, Francisco de Assis Iglésias e Waldomiro de Vasconcelos Ferreira.

Aberta a sessão pelo presidente, foi lida, aprovada e assinada a ata da sessão anterior, seguindo-se a leitura do expediente que constou de numerosa correspondência. Comunicou o presidente a oferta de livros à Academia, feita pelo Serviço de Relações Culturais do Consulado dos Estados Unidos, trabalhos de grande interesse, que integram hoje a biblioteca da Academia e que já estão ao dispor dos senhores acadêmicos.

Declarando-se uma vaga no quadro de sócios correspondentes, pelo acadêmico David Antunes foi proposto para preenche-la, o escritor e pintor Ruy Martins Ferreira, autor da novela "Memórias de Itapuca", volume da extinta Feira Literária de São Paulo. Ruy Ferreira publicou ainda inumeros contos humorísticos no jornal "Letras da Província" mantido em Limeira por João Sousa Ferraz, de larga circulação, sobretudo no estrangeiro.

Na sua personalidade artística, Ruy Ferreira distingue-se como pintor de elevados dotes; tem curso de belas artes em Florença, Itália, figurando em várias exposições como o Salão Paulista de Belas Artes. Foi professor do Colégio Culto à Ciência de Campinas, e é professor do Colégio do Estado da Capital e catedrático de história da arte do Mackenzie College em São Paulo. Seu nome foi acolhido com muita simpatia entre os acadêmicos que o elegeram por unanimidade.

Passando-se à parte literária da sessão que ficou a cargo do acadêmico Mauro Ribeiro Sampaio, disse este poeta várias produções suas que prenderam as atenções, sendo o autor muito aplaudido.

Encerrou a sessão o presidente, convocando os acadêmicos para a sessão regimantal de dezembro.

Correio Popular
24/11/1965

REUNIU-SE A ACADEMIA CAMPINENSE DE LETRAS

A Academia Campinense de Letras realizou mais uma sessão, sob a presidência do sr. Lycurgo de Castro Santos Filho, secretariado pelo sr. Carlos Penteadó Stevenson, presentes ainda os srs. Mauro Ribeiro Sampaio, Francisco Galvão de Castro, David Antunes, Celso Maria de Mello Pupo, Francisco de Assis Iglésias e Waldomiro de Vasconcelos Ferreira.

Aberta a sessão pelo presidente, foi lida, aprovada e assinada a ata da sessão anterior, seguindo-se a leitura do expediente que constou de numerosa correspondência. Comunicou o presidente a oferta de livros à Academia, feita pelo Serviço de Relações Culturais do Consulado dos Estados Unidos, trabalhos de grande interesse, que integram hoje a biblioteca da Academia e que já estão ao dispor dos senhores acadêmicos.

Declarando-se uma vaga no quadro de sócios correspondentes, pelo acadêmico David Antunes foi proposto para preenche-la, o escritor e pintor Ruy Martins Ferreira, autor da novela "Memórias de Itapuca".

volume da eximia Feira Literária de São Paulo. Ruy Ferreira publicou ainda inumeros contos humorísticos no jornal "Letras da Província" mantido em Limeira por João de Souza Ferraz, de larga circulação, sobretudo no estrangeiro.

Na sua personalidade artística, Ruy Ferreira distingue-se como pintor de elevados dotes; tem curso de belas artes em Florença, Itália, tendo figurado em várias exposições como o Salão Paulista de Belas Artes. Foi professor do Colégio Culto à Ciência de Campinas, e é professor do Colégio do Estado da Capital e catedrático de história da arte do Mackenzie College em São Paulo. Seu nome foi acolhido com muita simpatia entre os acadêmicos que o elegeram por unanimidade.

Passando-se à parte literária da sessão que ficou a cargo do acadêmico Mauro Ribeiro Sampaio, disse este poeta várias produções suas que prenderam as atenções, sendo o autor muito aplaudido.

Encerrou a sessão o presidente, convocando os acadêmicos para a sessão regimantal de dezembro.

Diário do Povo
25/11/1965

ACADEMIA DE LETRAS

MARCON

Academia é uma sociedade de sábios, de artistas ou de literatos.

Foi assim que se instituiu a escola filosófica de Platão, cujas palestras e discussões se efetuavam nos jardins de Atenas, doados pelo herói grego Academus, para a fundação de um parque de educação física.

Essa Academia, e outras semelhantes, constituíram os esboços de uma organização de curso superior, regida por uma congregação de professores, a cuja frente se achava um reitor eleito pela mesma, e funcionando sob estatutos previamente estabelecidos.

As primeiras tentativas para a realização de academias de arte, ciências ou letras, surgiram na Idade Média. No entanto considera-se a Academia dos Jogos Florais, fundada em Tolosa, França,

na primeira metade do século XIII, como a "mãe" das organizações do genero.

Compunha-se de quarenta membros, como as atuais Academias.

No estilo dessa Academia, no século XVIII começaram a surgir na Europa e na América as primeiras grandes Academias.

A Academia Francesa surgiu em 1629 com fins nitidamente literários.

A Academia Brasileira de Letras teve por modelo a Francesa. Foi Lúcio de Mendonça quem, em 1896 teve a iniciativa de fundar uma entidade no genero. Reuniram-se os intelectuais na Redação Brasileira, de José Verissimo, inúmeras vezes, sob a presidência de Machado de Assis, e procederam às escolhas. Na sétima reunião preparatória os quarenta membros já

estavam todos escolhidos.

A sessão inaugural efetuou-se a 20 de junho daquele ano, funcionando em seus primeiros tempos, numa sala do Pedagogium.

Em 1904, conseguiu do Governo sua instalação na ala esquerda do Silogeu brasileiro. Suas principais atividades nesses primeiros anos foram: fixação da ortografia da palavra Brasil, a reforma ortográfica e trabalhos de lexicografia.

Em 1917, quando o conhecido livreiro Francisco Alves de Oliveira, faleceu, legou à Academia sua fortuna, (cerca de 5 mil contos de réis), com a obrigação de distribuir prêmios literários e pedagógicos.

Anualmente a 29 de julho, data da morte de seu benemérito, em sua homenagem a Academia distribuiu tais prêmios.

Só em 1923, quando o governo francês doou à Academia o palácio "Petit Trianon" ela passou a ter sede propria. Mesmo assim, o terreno não lhe pertencia, e em 1943 o governo brasileiro doou-lhe o terreno, passando então, a seu completo dominio o imóvel sede.

As "Publicações Acadêmicas", desde 1923 têm dado às letras, obras de inestimável Há mais de três décadas vêm os academicos trabalhando para a fixação da ortografia portuguesa nacional.

Entre seus trabalhos, destaca-se o Pequeno Vocabulário da Língua Portuguesa, publicado em 1943.

Nos moldes da Academia Brasileira foram surgindo outras nos Estados, cuja finalidade era agrupar os melhores homens de letras, premiando-lhes as obras, incentivando-os em seu labor literário.

Campinas, sede de uma rede cultural imensa, cujos filhos tanto têm abrilhantado a nação, não poderia deixar de ter também a sua Academia de Letras.

Seu idealizador foi o professor Francisco Sampaio. Ela foi solenemente inaugurada a 17 de maio de 1956, constando igualmente, de 40 membros, que se reúnem mensalmente em sua sede propria no 2.º andar do Edifício Rio Branco, na Avenida Francisco Glicério.

Devido à escassez do espaço, não é permitida a entrada de pessoas estranhas às reu-

niões, que constam de duas partes: uma administrativa, outra literária, propriamente dita.

Na primeira, depois da leitura de Ordem do dia, comenta-se o recebimento e a expedição da correspondencia, lê-se a ata da reunião anterior, que é discutida e aprovada, em seguida.

Encerrada essa primeira parte, a vida intelectual nacional e estrangeira é abordada. Autores e obras são analisados.

Os academicos têm suas composições. Destacam-se o Coronel Waldomiro Ferreira, membro ativo da Academia, contista brilhante; Milton Segurado, cujos poemas despertam aplausos; Lycurgo de Castro Santos Filho e alguns poucos, assíduos frequentadores e verdadeiros intelectuais,

É pena que a maioria não leve a sério a responsabilidade de tão elevado titulo, esquecendo-se que "noblesse oblige", e descuidam-se dos elevados motivos que nortearam sua inclusão no rol dos academicos, negligenciando seus deveres para com a entidade, e principalmente, desmerecendo a confiança que Campinas neles deposita.

Outra coisa a lamentar no funcionamento das atuais Academias, é o enraigado preconceito de sexo que nelas ainda persiste.

Atualmente não mais se justifica, uma vez que as mulheres têm acesso aos mais elevados cargos, frequentam Universidades, dedicam-se às Ciências, escrevem obras de valor, e se igualam aos homens em capacidade intelectual.

Reivindicamos a reforma dos estatutos que regem as Academias.

Que Campinas, cidade lider em todos os movimentos relevantes do país dê o exemplo.

Que parta daqui o primeiro passo.

No próximo ano, quando se comemorará festivamente o décimo aniversário de sua fundação, que seus estatutos quebrem os grilhões que cercam as mulheres e lhes faculte pleitear seu ingresso também nessa casa de cultura e inteligencia.

E Campinas, uma vez mais, ficará na História das grandes causas, como outrora, na Abolição e na República.

Diário do Povo
12/12/1965

ACADEMIA CAMPINENSE DE LETRAS

Ha cem anos, em 16 de dezembro, no centro da cidade do Rio de Janeiro, à rua Uruguaiana, nascia Olavo Bilac, estrela das mais brilhantes do parnasianismo brasileiro, poeta e patriota que alçou bem cedo aos pináculos da glória literária, e findou sua vida em lides patrióticas das mais intensas.

A Academia Campinense de Letras, no seu recesso de fim de ano, não deixa de as-

sinalar o centenário daquele que foi sagrado, no seu tempo, o príncipe dos poetas brasileiros; daquele que se alinha com os nomes aureolados da nossa vida literária de acadêmico fundador da Academia Brasileira de Letras.

Em arquivos da Academia Campinense, oferecido por um dos seus acadêmicos, um autógrafa de Bilac nos revela a seguinte e formosa produção do poeta centenário:

ABYSSUS

A Bernardo de Oliveira

Bela e traidora! Beijas e fascinas!...
Quem te ve não tem forças que te oponha:
Ama-te, e dorme no teu seio, e sonha,
E — ai! quando acorda, acorda feito em ruínas!

Seduzes e convidas e fascinas
Como o abismo que a horrível e medonha
Fauce apresenta florida e risonha,
Tapetada de rosas e boninas,

O viajor, vendo a relva, fatigado
Foge ao sol; e abandona a estrada poenta,
E incauto avança... súbito, esboroado,

Falta-lhe o solo aos pés: recua e corre
Vacila e grita e luta e se ensanguenta
E rola e tomba e se espedaça e morre...

Nascido em tempos marcados pelo fragor da guerra do Paraguai, neles passou sua infância, marcando sua juventude, como ele mesmo diz, quando "esse espetáculo de heroísmo, dominando a vida nacional, e por muitos anos alimentando a altivez do povo, encheu e maravilhou toda a minha adolescência".

Poeta e prosador primoroso, lírico de temperamento exuberante, na sua estréia foi o brilhante, o vencedor in-

conteste que levou ao delírio a mocidade sedenta da beleza ideal, assim como foi excelso e grandioso na sua vida acadêmica e na sua campanha patriótica pelo serviço militar e sentimentos nacionalistas, pela instrução e pelo amor da pátria. Brilhou como orador revelando-se em viagem a Argentina em 1893, participe da comitiva do presidente Campos Sales.

Assim nos recordamos do poeta que nasceu há cem anos para não chegar a viver mais de meio século.

Comemora-se hoje o centenário de Olavo Bilac

Em todo o Brasil, é hoje comemorado o centenário de nascimento de Olavo Bilac, o príncipe dos poetas brasileiros. De fato, a 16 de dezembro de 1865, nascia no Rio de Janeiro o vate que se chamou Olavo Braz Martins dos Guimarães Bilac.

Filho do dr. Braz Martins dos Guimarães Bilac e de da. Delfina Belmira dos Guimarães Bilac, nasceu Olavo Bilac numa casa da rua dos Andradadas, que ficava bem em frente ao antigo largo da Sé.

Depois de haver feito o curso de humanidades, frequentou o poeta as faculdades de Medicina do Rio de Janeiro e de Direito de São Paulo, abandonando, porém, antes do seu término, ambos os cursos, para se dedicar exclusivamente às letras, cujo pendore revelara desde os verdes anos assim vivendo até 1898, quando foi nomeado Inspetor Escolar da Prefeitura, tendo sido posteriormente, diretor do Pedagogium, na administração Pereira Passos.

Foi secretário do Congresso Pan-Americano e fundador da Agência Americana.

Iniciado muito jovem na cultura das letras, produziu obra de vulto, como poeta, prosador, orador e jornalista.

Seu primeiro volume de versos (Poesias) foi publicado em São Paulo, em 1888 (Panóplias Via Lactea, Sarcas de Fogo, Caçador de Esmeraldas Alma Inquieta e Viagens). Publicou mais: "Crônicas e Novelas" "Conferências Literárias" (duas edições) "Crítica e Fanta-

sia" (1908) "Em Minas" "Crônicas Fluminenses" "Notas Diárias" "Na Academia" "Ironia e Piedade" (1916) "A Defesa Nacional" (1917) Discursos de Propaganda e de Crítica e "Poesias Infantis e o seu último livro de versos "Tarde".

Em colaboração: "Contos Pátrios" "Livro de Leitura" "Teatro Infantil" "A Patria Brasileira" "Tratado de Versificação" "Livro de Composições" e "Através do Brasil".

Sócio fundador da Academia Brasileira de Letras ocupou a cadeira que tem como patrono Gonçalves Dias.

Tendo nascido entre os literatos do Rio de Janeiro a idéia de se eleger o Príncipe dos poetas brasileiros foi Olavo Bilac então o escolhido tendo sido em solenidade marcante coroado de louros.

Sua última conferência teve como tema "Reabilitação do Brasil" e foi proferida em São Paulo na Sociedade de Cultura Artística.

Há 16 anos colhia Bilac dados para a elaboração de um dicionário analógico da língua portuguesa obra que deixou incompleta.

Produziu trabalho de vulto na propaganda feita para o reerguimento do Brasil como nação forte e militarizada coroadando assim a iniciativa e esforços do marechal Hermes da Fonseca no sentido de se dar execução à lei do sortelito militar escolhendo ainda São Paulo para lançamento de suas conferências patrióticas feitas

nas principais capitais brasileiras.

Seu falecimento deu-se às 5,30 horas do dia 28 de dezembro de 1918 em sua residência da rua Barão de Itambi e suas últimas palavras foram: "Já raia a madrugada. Dê-me café. Vou escrever." tendo sido seus despojos inumados no cemitério de São João Batista.

NA ACADEMIA DE LETRAS

A Academia Campinense de Letras assinalando a passagem do centenário de Olavo Bilac, lembra a figura e a obra do poeta, expressando-se

através do seguinte comunicado:

"A Academia Campinense de Letras no seu receso de fim de ano, não deixa de assinalar o centenário daquele que foi sagrado, no seu tempo o príncipe dos poetas brasileiros; daquele que se alinhava com os nomes aureolados da nossa vida literária de acadêmico fundador da Academia Brasileira de Letras.

Em arquivos da Academia Campinense, oferecido por um dos seus academicos, um autógrafo de Bilac nos revela a seguinte e formosa produção do poeta centenário:

ABYSSUS

(A Bernardo de Oliveira)

Bela e traidora! Beijas e a fascinas!...
Quem te ve não tem forças que te oponha:
Ama-te, e dorme no teu seio, e sonha,
E — ai! quando acorda, acorda feito em ruínas!

Seduzes e convidas e fascinas
Como o abismo que a horrível e medonha
Fauce apresenta florida e risonha,
Tapetada de rosas e boninas.

O viajor, vendo a relva, fatigado
Foge ao sol; e abandona a estrada poenta,
E incauto avança... súbito, esboroado,

Falta-lhe o solo aos pés; recua e corre
Vacila e grita e luta e se ensanguenta
E rola e tomba e se espedaça e morre...

Nascido em tempos marcados pelo fragor da guerra do Paraguai neles passou sua infância, marcando sua juventude, como ele mesmo diz, quando "esse espetáculo de heroísmo, dominando a vida nacional e por muitos anos

alimentando a altivez do povo, encheu e maravilhou toda a minha adolescência".

Poeta e prosador primoroso, lírico de temperamento exuberante, na sua estreia foi o brilhante, o vencedor incontestado que levou ao delírio

a mocidade sedenta da beleza ideal, assim como foi excelso e grandioso na sua vida acadêmica e na sua campanha patriótica pelo serviço militar e sentimentos nacionalistas, pela instrução e pelo amor da pátria. Brilhou como orador revelando-se em viagem à Argentina em 1899, participe da comitiva do presidente Campos Sales.

Assim nos recordamos do poeta que nasceu há cem anos para não chegar a viver mais de meio século."

Academia Campinense de Letras

Porque vivemos intensamente um dos momentos históricos mais característicos do século, presos às reclamações da própria vida, e, a uma intensa luta pela sobrevivência, esquecemo-nos de que há outras formas de investimento, tão significativas quanto as demais, de que se compõe o esforço material do homem moderno. No atendimento quotidiano de nossas necessidades colocamos à margem de nossos cuidados a cultura em si mesma, a procura do belo criado como uma das formas de conquistar uma outra realidade, no cumprimento esplêndido da própria razão de ser do homem como criação divina. E, estas considerações vêm muito a propósito porque parece que não entendemos homens que se reúnem silenciosamente, uma vez por mês, para fazer literatura pura, — ler poesia, ouvir contos, discutir autores que se dedicaram à edificação das letras nacionais. Reunem-se os membros da Academia Campinense de Letras, em tórno de estantes que já se tornam pesadas de livros, a fim de promover o estímulo da própria sensibilidade, no exame dos textos de seus confrades e na edificação de um mundo de maravilhas que parece inadequado aos dias de nosso instante de marcado tecnicismo. E, quietamente revêm os grandes nomes das letras, promovendo, ao depois, a visão mais ampla, popular, entregue aos homens do quotidiano, em assembléias públicas, que outros tantos momentos de promoção social.

Ao fazer literatura, ouvindo poesias e outras manifestações da sensibilidade criadora de seus membros, a Academia Campinense de Letras preserva a mais cara tradição campineira, e, garante o melhor e mais amplo aproveitamento futuro dos valores que se reúnem naquela casa de letras e cultura. Será como o mosteiro medieval que guardou para a civilização de nossos dias, os grandes roteiros da inteligência do homem, e, nestas proporções nossas, bem provincianas, preservamos, através d'êste cenáculo, as tradições, os conhecimentos, os nomes dos nossos homens de letras, através da estima que deve ser multiplicada e garantida para que se não materialize de todo a nossa vida comunitária. A Academia Campinense de Letras, em termos bem atuais e modernos, é uma forma de investimento, que faz com que se forme uma reserva de benefícios presentes, no terreno da cultura, para a utilização futura de nossos próprios filhos. Guarda a Academia na tradição cultural de seus pares, o renome dos que fazem do espírito o primeiro nome, o roteiro único para o perfeito e equilibrado desenvolvimento da personalidade humana, e, dentro d'êste caráter todos os esforços da Academia Campinense de Letras, na aparente modéstia de seus fundamentos e de sua posição histórica, são válidos e devem ser conhecidos e estimulados pela sociedade a que serve.

Pagamos, com rara satisfação, para que sejam preservados os recursos materiais do mundo moderno, a fim de que nossos filhos tenham um futuro mais digno e mais humano e esquecemo-nos de que o homem somente ocupará conscientemente o seu lugar na sociedade, quando tiver, antes de tudo, consciência de si mesmo. E, esta consciência precisa conhecer os esforços de seus antecessores, dos homens que prepararam os caminhos do presente e, que souberam iluminar os dias da civilização em que vivemos. E, êstes homens foram os poetas, os literatos, os que nos legaram o magnífico alicerce d'êste edifício de cultura e conhecimentos que possibilitam a ascensão ao cosmos. Esta a função aparentemente incompreendida de uma Academia de Letras, da seriedade e do porte da de Campinas, que se firma no conceito da gente de nossa terra como o ponto-de-encontro do presente da sensibilidade do povo, para que se identifiquem os rumos de um nôvo mundo de valores culturais.

ACADEMIA DE LETRAS : DÉCIMO ANIVERSÁRIO



Academia Campinense de Letras registra o décimo aniversário de sua fundação.

A Academia Campinense de Letras está se preparando para comemorar, em maio do próximo ano, o 10.º aniversário de sua fundação. Informados de que o cenáculo já estava elaborando o programa respectivo, a que pretendia dar um cunho interessante e capaz de atrair para si mesmo e para os nossos setores literários e científicos, um máximo de atenção, resolvemos procurar o seu presidente sr. Licurgo de Castro Santos Filho, a fim de obtermos as necessárias informações, tendo sido recebidos em seu escritório precisamente quando se achava ele em companhia dos acadêmicos srs. Hiltos Federici e Celso Maria de Melo Pupo.

A respeito do assunto começou o sr. Licurgo por dizer-nos que o cenáculo campineiro, constituído também de 40 membros e que foi fundado em maio de 1956, com a finalidade primacial de promover ou incentivar estudos linguísticos, históricos e literários, resolveu que um dos atos comemorativos da sua fundação será um concurso entre alunos dos cursos médio (clássico, científico, normal e outros equivalentes) o qual versará sobre literaturas brasileira e paulista e aspectos da vida literária e cultural da cidade, tudo como incentivo à juventude estudiosa.

Os prêmios desse concurso serão três: o 1.º, de 75.000, o 2.º de 50.000, e o 3.º de 25.000 cruzeiros. Além desses prêmios serão também

conferidos diplomas aos vencedores. Esses prêmios serão doados pelo Conselho Estadual de Cultura, através da sua Comissão Estadual de Literatura.

As questões para o concurso serão baseadas nos seguintes autores e obra:

a) Ronald de Carvalho — História da Literatura Brasileira; b) Antonio Soares Amora — História da Literatura Brasileira; c) Afrânio Coutinho e outros — A Literatura no Brasil.

Para a parte paulista a Comissão do Concurso lançará mão dos volumes I, II e III da coleção "Textos e Documentos", da Comissão Estadual de Literatura devendo ser ainda utilizado o vol. 65 da Revista da Academia Paulista de Letras, de pags. 5 a 36.

Circulares a respeito do certame serão dentro em breve enviadas aos diretores dos diferentes estabelecimentos de ensino locais, estando a realização do concurso prevista para a segunda quinzena de abril, em data e local que serão oportunamente designados.

Outros atos comemorativos serão a seu tempo programados pela Academia ao transcurso da data, não estando fora de cogitações um concurso de Literatura Estadual.

Com esses esclarecimentos deu o ilustre presidente da Academia Campinense de Letras por encerradas suas declarações ao "Diário do Povo".

ACADEMIA CAMPINENSE DE LETRAS VAI PROMOVER CONCURSO LITERÁRIO

Como parte do programa de comemoração do seu 10.º aniversário, a Associação Campinense de Letras estará promovendo, na segunda quinzena de abril do próximo ano, um Concurso Literário entre jovens estudantes. O referido concurso está sendo organizado pelo dr. Lycurgo de Castro Santos Filho, Presidente da entidade; Professor Hilton Federice e Celso Maria de Mello Pupo e se destina aos jovens de cursos de nível médio como clássico, científico, normal e outros onde exista esse mesmo padrão de ensino. Versará sobre literatura brasileira, paulista e vida literária e cultural de Campinas.

PREMIOS

Aos três primeiros classificados haverá distribuição dos seguintes prêmios: Cr\$ 75.000; Cr\$ 50.000 e Cr\$... 25.000, respectivamente. A todos os três, no entanto, será conferido um diploma de participação na maratona. As importâncias foram doadas pelo Conselho Estadual de Cultura, através da Comissão Estadual de literatura, presidida pelo acadêmico Oliveira Ribeiro Neto, de S. Paulo.

MATERIA DO CONCURSO

As perguntas para o concurso serão baseadas na seguinte bibliografia: a. Ronald de Carvalho (História da Literatura Brasileira); b. Afranio Coutinho e outros (A literatura no Brasil); d. Volumes 1, 2 e 3 da coleção "e documentos" da comissão Estadual de Literatura de S. Paulo. 3. Volume 65 da Academia Paulista de Letras, pág. 5 a 36 inclusive.

INSCRIÇÕES

Presentemente estão sendo providenciadas as expedições de circulares aos diretores dos colégios campineiros onde se inserem local de inscrição e outros dados. Tão logo os diretores tomem conhecimento dessa maratona, os interessados poderão registrar seus nomes para a respectiva participação.

22/12/1965

ACADEMIA CAMPINENSE DE LETRAS REALIZA CONCURSO DE LITERATURA

Como festejo do 10.º aniversário de fundação, a Academia Campinense de Letras está programando diversas promoções de características eminentemente culturais. Dentro dessa feição incluiu-se um concurso sobre Língua e Literatura Nacional e Paulista, a ser levado a efeito entre os alunos dos cursos de nível médio (clássico científico, normal e outros onde a matéria ensinado é nesse padrão). A eles poderão, ser admitidos alunos que em 1966 estejam matriculados em 3.ª série e mesmo os que, saídos do estabelecimento no ano anterior, já estejam em curso superior.

PROVAS

As provas serão realizadas na primeira quinzena de abril e constarão de uma prova escrita com 50 perguntas, sendo 30 sobre Literatura Brasileira, 15 sobre Literatura Paulista e 5 sobre a vida literária e cultural de Campinas. Aos três primeiros classificados serão oferecidos os seguintes prêmios doados pelo Conselho Estadual de Cultura, através da sua Comissão Estadual de Cultura:

1.º lugar, Cr\$ 70.000; 2.º lugar, Cr\$ 50.000; 3.º lugar, Cr\$ 25.000.

A esses prêmios poderão

ser anexados outros que serão oportunamente divulgados.

As perguntas serão baseadas na seguinte bibliografia:

- a) Ronald Carvalho, História da Literatura Brasileira, 1 volume.
- b) Antonio Soares Amora, História da Literatura Brasileira, 1 volume.
- c) Afrânio Coutinho (e outros), A Literatura no Brasil (Lições de Literatura Brasileira).

Para a feitura das perguntas sobre Literatura Paulista serão tomadas como base os volumes I-II e III da Coleção "Textos e Documentos" da Comissão Estadual de Literatura de São Paulo.

Para completar, ainda do volume 65 da Revista da Academia Paulista de Letras, págs. 5 até 36.

INSCRIÇÕES

As inscrições serão efetuadas de 1 a 10 de abril, no escritório do Presidente da Academia Campinense de Letras, à rua Bernardino de Campos 1078, 2.º andar — fone 9-5542, em ofício do Diretor do estabelecimento indicando até três (3) candidatos por unidade escolar.

29/12/1965

Correio Popular
11-III-1966

ACADEMIA CAMPINENSE DE LETRAS

Aos sete do corrente, a Academia Campinense de Letras realizou a sessão de início dos seus trabalhos do ano entrante. Abrindo a reunião, o presidente Licurgo de Castro Santos Filho, por motivo deste recomeçar de atividades, saudou os acadêmicos presentes, Alexandre Chiarini, André Leme de Sampaio, Armando dos Santos, Carlos P. Stevenson, Celso Maria de M. Pupo, Francisco de A. Iglésias, Francisco Ribeiro Sampaio, Herculano Gouveia Neto, Hilton Federice, Luiz Felipe da Silva Widemann, Mauro Ribeiro Sampaio, Norberto de Souza Pinto, Paulo da S. Pinheiro e Waldomiro de W. Ferreira.

O secretário Carlos Penteado Stevenson, procedeu a leitura da ata da sessão anterior, debatida e aprovada. No expediente, foi lida a correspondência recebida e expedida, e um pedido do acadêmico Luiz Felipe da Silva Widemann a respeito de turismo, presidente que é ele do Conselho Municipal de Turismo, falando, como sugestão, o acadêmico Francisco de Assis Iglésias que mostrou o interesse que visitantes de fora tem manifestado pelo nosso Serviço de Sericicultura.

Feita a comunicação das doações recebidas, do Coronel Luiz Tenório de Brito do seu trabalho recentemente publicado, "Campinas na Minha Vida" e de Celso Maria de Mello Pupo, do primeiro número de "Revista do Livro" hoje esgotado, o presidente saudou o novo acadêmico André Leme de Sampaio, médico, inspetor do ensino, autor de trabalhos publicados sobre psicologia, de cuja matéria tem nova obra a publicar e relembrando o seu antecessor na cadeira n. 5, Carlos Francisco de Paula, elemento que foi de grande eficiência na fundação e primeiros anos de vida da Academia.

Ouvido o agradecimento do novo acadêmico, o presidente anunciou para breve a palestra que fará o professor Ruy Martins Ferreira, sócio correspondente da Academia, pintor com curso de belas artes em Florença, escritor e historiador, contista e novelista. Falou ainda sobre o Dr. Celso da Silveira Rezende, médico e homem público que prestou grandes serviços a Campinas, foi muito dedicado e muito trabalhou por várias entidades assistenciais, como a Santa Casa de Misericórdia e a Maternidade, e terminou propondo que se consignasse um voto de pesar pelo seu falecimento. Sobre o mesmo cidadão, falou o acadêmico Celso Maria de Mello Pupo, destacando os altos dotes em que se revelou o extinto, como historiador consciencioso que deixou trabalhos de valor como biografias de campineiros ilustres para as quais realizou buscas trabalhosas e demoradas.

Os acadêmicos Hilton Federice e Mauro Ribeiro Sampaio prestaram esclarecimentos sobre o concurso para estudantes, enquanto Francisco Ribeiro Sampaio mostrou a oportunidade deste concurso, em vista de uma limitação que se constata nos conhecimentos da língua. O presidente participa ter recebido do acadêmico Hilton Federice, um projeto de reforma de estatutos que será submetida aos acadêmicos; este mesmo proponente lembrou os próximos centenários de patronos da Academia, Euclides da Cunha e Arnaldo Vieira de Carvalho.

Nada mais havendo, foi encerrada a sessão.

VIAGE

Academia de Letras: a última reunião

A Academia Campinense de Letras realizou a reunião inicial dos seus trabalhos do corrente ano. O presidente sr. Licurgo de Castro Santos Filho, abrindo os trabalhos, saudou os acadêmicos presentes. Ouviu-se ainda a saudação do presidente ao novo acadêmico, André Leme de Sampaio, médico, inspetor do ensino, autor de trabalhos publicados sobre psicologia, de cuja matéria tem nova obra a publicar. Relembrou ainda o antecessor do novo acadêmico, cadeira n. 5, que foi Carlos Francisco de Paula.

Os acadêmicos Hilton Federice e Mauro Ribeiro Sampaio, prestaram esclarecimentos sobre o concurso para estudantes, enquanto Francisco Ribeiro Sampaio mostrou a oportunidade desse concurso, em vista de uma limitação que se constata nos conhecimentos da língua. O presidente participa ter recebido do acadêmico Hilton Federice, um projeto de reforma de estatutos que será submetida aos acadêmicos; este mesmo proponente lembrou os próximos centenários de patronos da Academia, Euclides da Cunha e Arnaldo Vieira de Carvalho.

Academia Campinense de Letras

Amanhã, a Academia Campinense de Letras realiza a sua sessão regimental do mês de abril. Será orador o acadêmico correspondente prof. Ruy Martins Ferreira, autor de "Memórias de Itapuca", contista, novelista, professor de história da arte e pintor com um curso de belas artes na Itália. Ruy Ferreira, depois de residir em Campinas, onde lecionou no Culto à Ciência, está lecionando no Mackenzie College, da Capital. O conferencista será saudado por um dos acadêmicos.

Diário do Povo
3/4/1966

Correio Popular, 5/4/1966

ACADEMIA CAMPINENSE DE LETRAS

Aos 4 do corrente, realizou a Academia Campinense de Letras, a sua sessão regimental de abril. Presidida pelo Acadêmico Licurgo de Castro Santos Filho, contou com a presença de Carlos Penteado Stevenson, secretário, Paulo da Silva Pinheiro, Alexandre Chiarini, Milton Duarte Segurado, Francisco de Assis Iglésias, Celso Maria de Mello Pupo, David Antunes, Ruy Martins Ferreira, Mauro Ribeiro Sampaio, Francisco Galvão de Castro, Herculado Gouvea Neto, Teodoro de Sousa Campos Júnior, Marino Falcão Lopes, André Leme de Sampaio e dos convidados Herman da Cunha Canto e Hélio Duarte de Arruda.

Aberta a sessão, aprovada a ata, o sr. presidente cumprimentou os convidados e deu a palavra ao acadêmico Celso Maria de Mello Pupo encarregado de saudar o acadêmico Ruy Martins Ferreira que se estava empossando como membro correspondente. Este novo acadêmico, discorreu sobre Campinas do início

do século, descrevendo a cidade na placidez de sua época, e destacando o seu elevado nível cultural, suas reuniões de intelectuais, e nelas o brilho do talento de Alberto Faria, Basílio de Magalhães e outros, para terminar com grandes aplausos dos presentes.

A seguir, o acadêmico André Leme de Sampaio fez o elogio do falecido acadêmico Carlos Francisco de Paulo, emérito educador que com o seu coração bondoso, sua dedicação aos alunos, seu conhecimento da matéria, se classificou como um dos grandes mestres de Campinas. Pedindo a palavra o acadêmico Teodoro de Sousa Campos Júnior exaltou a figura do falecido historiador Benedito Otávio.

Agradecendo a presença dos convidados e a palestra interessantíssima sobre a história de Campinas feita pelo acadêmico Ruy Martinez Ferreira, o presidente encerrou os trabalhos da noite.

Diário do Povo
5/4/1966

Academia Campinense de Letras: reunião

Realizou a Academia Campinense de Letras sua reunião regimental de abril, presidida pelo acadêmico Licurgo de Castro Santos Filho, contando com a presença dos srs. Carlos Penteado Stevenson, Paulo Silva Pinheiro, Alexandre Chiarini, Milton Duarte Segurado, Francisco de Assis Iglésias, Celso Maria de Mello Pupo, David Antunes, Ruy Martins Ferreira, Mauro Ribeiro Sampaio, Francisco Galvão de Castro, Herculano Gouvea Neto, Teodoro de Sousa Campos Júnior, Marino Falcão Lopes, André Leme de Sampaio, e dos convidados Herman da Cunha Canto e Hélio Duarte de Arruda.

Aberta a sessão, aprovada a ata, o sr. presidente cumprimentou os convidados e deu a palavra ao acadêmico Celso Maria de Mello Pupo encarregado de saudar o acadêmico Ruy Martins Ferreira que se estava empossando como membro correspondente. Este novo acadêmico, discorreu sobre Campinas do início do século, descrevendo a cidade na placidez de sua época, e destacando o seu elevado nível cultural, suas reuniões de intelectuais, e nelas o brilho do talento de Alberto Faria, Basílio de Magalhães e outros, para terminar com grandes aplausos dos presentes.

A seguir, o acadêmico André Leme de Sampaio fez o elogio do falecido acadêmico Carlos Francisco de Paula, emérito educador que com o seu coração bondoso, sua dedicação aos alunos, seu conhecimento da matéria, se classificou como um dos grandes mestres de Campinas. Pedindo a palavra o acadêmico Teodoro de Sousa Campos Júnior exaltou a figura do falecido historiador Benedito Otávio.

Agradecendo a presença dos convidados e a palestra interessantíssima sobre a história de Campinas feita pelo acadêmico Ruy Martins Ferreira, o presidente encerrou os trabalhos da noite.

Senhor Presidente - Meus Senhores.

Recebe a nossa Academia, artista dos tempos de Campinas gloriosa nos louros de manancial de intelectualidade. Na cátedra, a mais elevada da época, a do Culto à Ciência, ou na tertulia de elegância e espírito dos Monóculos e Lunetas, grupo de juventude e talento, Ruy Martins Ferreira era o pendor e a realização para o belo, para a deleitação do entendimento cultivando mimos e primores.

Mais brilho foi êle buscar no bérço da renascença, terra da arte e ninho de primorosos artistas. Florença o acolheu assim como São Paulo o arrebatou de nós para o ensino de sua especialidade. Contista, novelista, professor de história da arte, escritor de memórias, traz o nôvo acadêmico um valioso acervo de trabalhos.

Rastejou seu olhar pela pequenez desta Academia, o nosso presidente, ao delegar poderes para a saudação de hoje. Mas não foi descuido; foi desejo de elevar a estima sem perturba-la com as preocupações do desbrilho. Saúdo Ruy Martins Ferreira, abrindo o escrínio de minha amisade, estendendo a carícia da minha admiração e desvendando o colorido da minha alegria.

O encantamento de todos os acadêmicos ao receber o novo confrade, em contar com sua presença culta, vivente, animada, criadora, cheia do influxo do realizador, do idealista, do encantado com a natureza, do enamorado pelos primores e pela eternidade do belo, daquêle que se absorve nas maravilhas da arte, madruga na contemplação e No êxtase - se concentra no meu coração de amigo que o recebe no amplexo da mais terna afeição.

Saudação ao recipiendário feita
pelo acadêmico Celso Maria de
Mello Pupo, em 4/4/1966.

A trajetória de Briguela

MÁRIO DA SILVA BRITO

Em 1945, trabalhando com o editor José de Barros Martins, sugeri-lhe a edição do livro *Briguela*, aparecendo a obra nesse mesmo ano. Lembro-me ainda que lutei também no sentido de que essa narrativa fosse recomendada aos leitores do Livro do Mês, mas inutilmente. Fui voto vencido: a organização preferiu um best-seller qualquer, norte-americano, se não me equivoco, de que me esqueci e ao qual o público deu a acolhida esperada para a sua leitura escapista e inconsequente. Eu acreditava em *Briguela* e fiz o que pude para o seu êxito que, afinal, foi comercialmente reduzido: David Antunes — que insistia no uso do meu e feio pseudônimo de Iago Joé — aparecia no mercado das letras em momento pouco propício para o gênero que cultivava e eu, como consultor literário de uma empresa Editora, cometia um erro naquele presente. Mas acabei acertando no futuro: *Briguela*, um dia, acabaria por impor-se.

Agora, vinte anos depois de sua primeira edição, volto a influenciar no aparecimento desse romance singular: os meus velhos e queridos amigos da Saraiva toparam a proposta que lhes encaminhei de darem a esse livro bem paulista — e bem brasileiro — a oportunidade de chegar aos seus milhares de assinantes. Desta vez, êle traz endossos mais ponderáveis do que a minha simples teimosa confiança no seu valor, do que a minha convicta e renitente opinião de leitor profissional de livros. Ai está *Briguela* referendado por Cassian Nunes, que ensina literatura brasileira nos Estados Unidos e, lá, fez reviver um texto significativ. de nossas letras: Ai está êle analisado por um agudo crítico norte-americano, que o põe em cartaz e o descobre para... muitos brasileiros.

Em 1945 vaticinei ao livro de David Antunes um êxito que não alcançou na medida em que, mais do que o autor, eu almejava. Mas não me abati com o insucesso. O valor de um livro não se mede com fundamento nas parcelas da contabilidade. Se assim fosse, Stendhal, com seus poucos leitores, não seria a baliza que é na literatura francesa.

Sobre *Briguela* recaiu a ação do tempo e, com o correr dos anos, cresceu de significado e, agora, ei-lo acima do bem e do mal do sucesso. Deixou de ser um livro ocasional, fortuito empreendimento editorial. Virou um clássico do gênero. Não é mais obra que se discute, mas que se analisa e a que se toca com todo o respeito.

Confirmo, neste momento, minhas palavras de há vinte anos: "Num estilo novo, valendo-se da gíria paulista e paulistana, mais uma vez Iago Joé cenariza São Paulo, a cidade e o interior bandeirante, contando uma história movimentada e marcada pelo humorismo. É bem um retrato da vida de São Paulo, com seus italianos, sua gente humilde, seu dinamismo e sua agitação. Os tipos estão admiravelmente traçados e a linguagem é de vivacidade extraordinária e de colorido incomum."

Não preciso mais vaticinar-lhe êxito e aceitação. Por inútil *Briguela*, hoje, é um livro glorioso.

Mestre campineiro aprovado em tese de doutoramento

Aprovado com "distinção e louvor", o professor campineiro José Roberto do Amaral Lapa, defendeu sábado, em Marília, tese de doutoramento em História. A banca examinadora foi composta pelos profs. Sérgio Buarque de Holanda, catedrático de História do Brasil, na Faculdade de Filosofia da USP; José Wanderley de Araujo Pinho, catedrático de História do Brasil da Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia; Francisco Iglézias, catedrático de História Econômica e Social da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade de Minas Gerais; prof. Odilon Nogueira de Matos, professor colaborador da cadeira de História do Brasil da Faculdade de Filosofia da USP; profa. Olga Panteleão, catedrática de História Moderna e Contemporânea da Faculdade de Filosofia de Marília.

O prof. José Roberto do Amaral Lapa foi examinado em sessão que teve início às 13,30 horas e terminou às 18,5. Defendeu a tese "A Bahia e a Carreira da Índia". Em sala reservada a banca examinadora deliberou aprová-lo com "distinção e louvor".

BIOGRAFIA

O prof. José Roberto do

Amaral Lapa nasceu em Campinas, onde fez os cursos primário, secundário e superior. Licenciou-se em Geografia e História pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Católica de Campinas, bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, pela Faculdade de Direito da Universidade Católica de Campinas. Foi professor de História do Brasil, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Católica de Campinas; professor de História, Geografia e Economia Política, nos seguintes estabelecimentos de ensino secundário: Ginásio Alem e Ginásio Kcelle, de Rio Claro; Colégio Ateneu Paulista, Ginásio Campineiro, Escola Normal Campineira, Colégio Sagrado Coração de Jesus, Escola Técnica de Comércio Bento Quirino, de Campinas. Foi contemplado com bolsas de estudos em Portugal, onde permaneceu de dezembro de 1963 a março de 1964.

Faz crítica literária há mais de 15 anos, e sua biografia consta do "Dicionário de Autores Paulistas", de Luís Correia de Melo; "Brasil e Brasileiros de hoje"; de Afrânio Coutinho; e da "Grande Enciclopedia Portuguesa e Brasileira".

APOSENTOU-SE O PROF. FRANCISCO GALVÃO DE CASTRO

Por decreto do Governador do Estado vem de ser aposentado em virtude de haver completado o tempo legal, o professor Francisco Galvão de Castro professor catedrático de Latim do Colégio Estadual "Culto à Ciência".

O prof. Galvão de Castro é natural de Guaratinguetá e iniciou sua carreira no magistério lecionando Latim, Português e Francês no Colégio São Joaquim em Lorena. Transferindo-se para Guaratinguetá lecionou Latim, Francês, História Natural e Filosofia no Colégio "Nogueira da Gama".

Com a abertura de concurso para a cátedra de Latim do Culto à Ciência, tendo obtido o primeiro lugar. Nomeado em 1939, ocupou até

agora, com raro brilhantismo o aludido cargo, emprestando àquela tradicional casa de ensino toda sua cultura invejável. Considerado, sem favor, um dos homens de grande cultura de nossa terra, serviu em diversas atividades, ora lecionando Filosofia, ora História Natural, tendo, recentemente, integrado a comissão examinadora do Congresso de provimento da cátedra de Filosofia do "Culto à Ciência".

Desde a abertura da Faculdade de Filosofia de Campinas o referido professor vem exercendo a cadeira de Latim, na Universidade Católica. Pela sua aposentadoria o prof. Francisco Galvão de Castro vem sendo muito cumprimentado.

12/5/1966

ACADEMIA CAMPINENSE DE LETRAS

Aos dois do corrente, realizou sua sessão regimental de maio, a Academia Campinense de Letras. Presidiu-a o acadêmico Lycurgo de Castro Santos Filho, secretário do pelo acadêmico Carlos Penteado Stevenson, presentes mais os acadêmicos André Leme de Sampaio, Paulo da Silva Pinheiro, Alexandre Chiarini, Celso Maria de Mello Pupo, Theodoro de Souza Campos Junior, Francisco Ribeiro Sampaio, Mauro Ribeiro Sampaio, Francisco Galvão de Castro, Milton Duarte Segurado, Francisco de Assis Iglésias, Hilton Freitas e Herculano Gouvea Neto.

Lida e assinada a ata da sessão anterior, foram consignados votos de regozijo e cumprimentos aos acadêmicos, Francisco Galvão de Castro, pela sua aposentadoria; José Roberto do Amaral Lapa pelo seu doutoramento em história, com distinção e louvor; a David Antunes pela nova edição, agora da Editora Saraiva, do seu livro

Briguela, posto em destaque por Cassian Nunes que ensina literatura brasileira nos Estados Unidos, e por Mário da Silva Brito em publicação de "Estante e Prelo" do Diário do Povo de 17 de abril último; a Milton Segurado pela sua escolha para professor do mês; a Marinho Falcão Lopes pela outorga do título de cidadão campineiro; e a Paulo Decourt pelas homenagens que lhe foram prestadas em Campinas.

Foram objeto de discussão e tomada de providências, visando-se as comemorações do décimo aniversário da Academia, a realização que se vai fazendo do concurso literário, do seu julgamento e entrega solene de prêmios, e as conferências que serão feitas pelos acadêmicos José Carlos de Ataliba Nogueira, Ibrahim Nobre e, possivelmente, Pedro de Oliveira Ribeiro Neto.

Na parte literária, Milton Duarte Segurado ofereceu um livro de versos de Fernando Stein, poeta de dezoto anos que cursa o primeiro ano de direito, lendo do mesmo livro, "Um Barco" muito apreciado e aplaudido pelos presentes. Mauro Ribeiro Sampaio recitou de sua própria autoria, "A Memória" e "Ave Maria" com sua habitual maestria e sentimento de tanto agrado dos que os ouvem. Herculano Gouvea Neto leu três trabalhos poéticos de sua filha Leila Gouvea, colhendo os merecidos aplausos e felicidades. Celso Maria de Mello Pupo ofereceu para serem lidos por um dos poetas presentes, três sonetos inéditos de Herman da Cunha Canto, que foram apreciadíssimos como valiosa obra parnasiana. Francisco de Assis Iglésias disse uma poesia de Raimundo Correa, encerrando os trabalhos o presidente Lycurgo de Castro Santos Filho, com a recitação de uma quadriinha de espírito e oportunidade.

5/5/1966

29/5/1966

CONCURSO LITERÁRIO DA ACADEMIA CAMPINENSE DE LETRAS

Realiza-se na segunda-feira dia 29, em uma das salas do Centro de Ciências, Letras e Artes, o concurso literário promovido pela Academia Campinense de Letras.

Este concurso destinado à juventude dos cursos normal e científico e que se realiza em comemoração ao décimo aniversário da Academia, está sob o patrocínio da Comissão Estadual de Literatura que oferece prêmios aos três primeiros vencedores.

Presidirá as provas uma comissão composta dos acadêmicos Lycurgo de Castro San-

tos Filho, Carlos Penteado Stevenson e Celso Maria de Mello Pupo.

Correio Popular

ACADEMIA DE LETRAS: CONCURSO LITERÁRIO

Promovido pela Academia Campinense de Letras, realiza-se amanhã, numa das salas do Centro de Ciências, Letras e Artes, o concurso literário para estudantes dos cursos normal e científico. Com este concurso, a Academia comemora o seu décimo aniversário de fundação, e com isso procura desenvolver nos moços o gosto pela cultura literária. Estão

instituídos três prêmios aos vencedores, oferecidos pela Comissão Especial de Literatura.

As provas serão presididas por uma comissão composta dos acadêmicos Lycurgo de Castro Santos Filho, Carlos Penteado Stevenson e Celso Maria de Mello Pupo.

É indispensável o comparecimento de todos os inscritos.

Diário do Povo

Campinas, 26 de outubro de 1966.

Meu caro Lycurgo.

Junto o cheque nº 438.687.

Já tive o prazer de ler hoje no "Correio", o comentário sobre a "Antologia". Você não vai mandar para os grandes jornais de São Paulo? E para a venda, não entregará exemplares às livrarias de Campinas?

Quer que eu ofereça um exemplar ao Guilherme de Almeida?

Na distribuição para os membros da Academia, se você quiser garantir a remessa para o Guilherme Fiqueredo, em Paris, eu tenho portador, agora, para o Rio, e que entregará o livro aos cuidados do Itamarati, para a remessa pela mala diplomática.

Você me arranja ainda, dois exemplares do "Tosão de Ouro"?

Abraços do amigo chato,

Celso

Celso Maria de Mello Pupo.

Academia Campinense de Letras

Sob a presidência de Lycurgo de Castro Santos Filho, secretariado por Carlos Penteadado Stevenson e com a presença dos demais acadêmicos, André de Sampaio, Paulo da Silva Pinheiro, David Antunes Sampaio, Waldomiro de Vasconcelos Ferreira, Theodoro de Souza Campos Júnior, Francisco Galvão de Castro, Celso Maria de Melo Pupo e Francisco de Assis Iglésias, realizou a Academia a sua sessão regimental de junho.

Aprovada e assinada a ata, o presidente comunica a realização, em salas do Centro de Ciências, do concurso literário de estudantes do curso secundário, e que foi presidido por uma comissão de acadêmicos. Constou o concurso de cinquenta perguntas formuladas pelo professor Alfredo dos Santos Ribeiro, que foram respondidas, mostrando a mocidade estudante surpreendentes conhecimentos de literatura, com verdadeira surpresa, para os dirigentes do concurso.

As provas foram confiadas ao mesmo professor para o primeiro julgamento com a

confirmação pelos acadêmicos Francisco Ribeiro Sampaio, Francisco Galvão de Castro e Mauro Ribeiro Sampaio.

A seguir falou o presidente sobre a conferência que na Academia fará Rodrigo Otávio Filho, comemorando o centenário do seu pai Rodrigo Otávio de Langard Menezes, campinense dos mais ilustres.

A parte literária constou da leitura do primeiro ato de "Vida e Morte Severina" de João Cabra de Mello Neto, que tanto sucesso alcançou na Europa, levada pelo Tuca, leitura feita por Francisco Ribeiro Sampaio com elogios e explicações sobre a excelente produção.

A seguir Francisco Galvão de Castro recitou seus versos, "Ave Maria", "Ascensão", "Hino" e "Alma de Diamante". André Leme de Sampaio leu versos de seu irmão, médico, de 74 anos, lavrador de café, que agora se revela poeta de valor. Waldomiro de Vasconcelos Ferreira encerrou a reunião lendo seu último soneto intitulado "Retrospecto".

Correio Popular
19/6/1966

Academia Campinense de Letras

Realizou a Academia Campinense de Letras a sua sessão de junho, tendo a presidência e secretaria-la, os acadêmicos Lycurgo de Castro Santos Filhos e Carlos Penteadado Stevenson e com a presença de Francisco de Assis Iglésias, Mauro Ribeiro Sampaio, Davida Antunes, Waldomiro de Vasconcelos Ferreira, Francisco Ribeiro Sampaio, Theodoro de Souza Campos Junior, Francisco Galvão de Castro, André Leme de Sampaio, Paulo da Silva Pinheiro, Marino Falcão Lopes e Celso Maria de Melo Pupo.

Lida e assinada a ata anterior o presidente comunicou a próxima conferência de Rodrigo Otávio Filho sobre o centenário do seu pai Rodrigo Otávio de Langard Menezes, que transcorre no ano corrente. Falou ainda sobre o concurso literário que foi realizado comemorando-se o décimo centenário da Academia.

O concurso revelou inesperados conhecimentos literários da cidade; constou de cinquenta perguntas formuladas pelo professor Alexandre dos Santos Ribeiro e foi presidido por uma comissão de acadêmicos.

Na parte literária, o acadêmico Francisco Ribeiro Sampaio leu e comentou o magnífico trabalho de João Cabral de Mello Neto, "Vida e Morte Severina" que os moços do Tuca levaram à Europa obtendo grande sucesso, por se travar mesmo de notável obra literária.

Recitou, o acadêmico Francisco Galvão de Castro, versos seus, "Ave Maria", "Ascensão", "Hino" e "Alma de Diamante." Surpreendeu a Academia e leitura que fez André Leme de Sampaio, de versos de seu irmão, que agora se revelou bom poeta, aos 74 anos depois de ser médico e lavrador de café. Ouviram ainda os acadêmicos, o último soneto "Retrospecto" recitado pelo seu autor Waldomiro de Vasconcelos Ferreira, sendo os trabalhos encerrados pelo presidente.

Diário do Povo
21/6/1966

Academia Campinense de Letras

Sob a presidência do acadêmico Lycurgo de Castro Penteado Stevenson, realizou a Academia Campinense de Letras a sua reunião regimental de julho. Estiveram presentes os acadêmicos Paulo da Silva Pinheiro, Armando dos Santos, Francisco Galvão de Castro, Milton Duarte Segurado, Waldomiro de Vasconcelos Ferreira, Marino Falcão Lopes, Hilton Federice, José Roberto do Amaral Lapa e Francisco José Monteiro Sales.

Ao início, comunicou o presidente o resultado do concurso literário realizado pela Academia em comemoração ao seu décimo aniversário, especial para estudantes secundários e organizado e julgado por professores da cidade. Obtiveram os três primeiros lugares, alunos do Colégio Estadual Culto à Ciência, classificando-se em

primeiro lugar a senhorita Iara Regina Gouvea; em segundo, Sérgio Luis Caetano Rondino; e em terceiro, senhorinha Vânia Milanez. Foi consignada uma menção especial à professora Maria Salete Seber, responsável pelos alunos premiados.

Passando-se à atividade literária o acadêmico Milton Duarte Segurado leu composições do livro "Naufrágio das Horas", de autoria de Celso Avancini, quinto anista de direito, lendo também uma composição impressionista sobre Roberto Burgos Pimentel estimado médico, moço recentemente falecido. Waldomiro de Vasconcelos Ferreira leu um poema de sua autoria dedicado a Miss Universo 1.930, e outro intitulado "Uns Olhos Muito Tristes".

Ao encerramento, comunicou o presidente que na próxima reunião, o acadêmico Francisco José Monteiro Sales, exhibirá slides e filmes sobre a sua viagem a Macapá. Foram ainda consignados em ata, votos de pesar pelo falecimento de Da. Esmeralda Pinheiro, Da. Angelina Malmone Pierro, Dr Roberto Burgos Pimentel e Dr. Moacir Costa Couto.

Correio Popular
9/7/1966

Academia Campinense de Letras

Realizou a Academia Campinense de Letras a sua sessão ordinária do mês de julho. Presidiu-a Lycurgo de Castro Santos Filho secretariado por Carlos Penteado Stevenson, e com a presença dos demais acadêmicos Waldomiro de Vasconcelos Ferreira, Paulo da Silva Pinheiro, Francisco José Monteiro Sales, José Roberto do Amaral Lapa, Milton Duarte Segurado, Francisco Galvão de Castro e Marino Falcão Lopes.

Pela comunicação do presidente, tomaram os presentes conhecimento do resultado do concurso literário realizado pela Academia, classificando-se nos três primeiros lugares, alunos do Colégio Estadual Culto à Ciência, a saber: primeiro lugar, srta. Iara Regina Gouvea; segundo lugar, Sérgio Luis Caetano Rondino; e terceiro lugar, srta. Vânia Milanez, fazendo os julgadores uma distinção especial à profesora dos vitoriosos, srta. Maria Salete Seber.

Passando-se depois à parte literária da sessão, Milton Duarte Segurado leu trechos do livro "Naufrágio das Horas", de autoria de Celso Avancini, acadêmico de direito; o mesmo literato leu ainda uma composição impressionista sobre o falecido médico Dr Roberto de Burgos Pimentel, moço muito estimado em nossa cidade. Waldomiro de Vasconcelos Ferreira leu um antigo trabalho seu um poema dedicado a Miss Universo 1930, e o poemeto intitulado "Uns Olhos Muito Tristes".

Ao término dos trabalhos, foram consignados em ata votos de pesar pelo falecimento de da. Angelina Maimone Pierro, D. Esmeralda Pinheiro, Dr. Roberto de Burgos Pimentel e dr. Moacir Costa Couto.

Diário do Povo
10/7/1966

ACADEMIA CAMPINENSE DE LETRAS

Em dias passados, realizou a Academia Campinense de Letras a sua sessão regimental de agosto, sob a presidência do acadêmico Licurgo de Castro Santos Filho, secretariado por Carlos Penteadado Stevenson e com a presença dos demais acadêmicos Mauro Ribeiro Sampaio, André Leme de Sampaio, Waldomiro de Vasconcelos Ferreira, David Antunes, Hilton Federice, Francisco José Monteiro Sales, Teodoro de Sousa Campos

Junior, Milton Duarte Segurado e Celso Maria de Mello Pupo. O Capitão Tenente Francisco José Penido Sales, brilhante oficial da Marinha de Guerra, compareceu como convidado.

Lida, aprovada e assinada a ata da sessão anterior, após o expediente, foi dada a palavra ao acadêmico Francisco José Monteiro Sales que discorreu sobre sua viagem à foz do Amazonas, expondo com minúcias todas as suas observações, descrevendo a natureza, os acidentes geográficos, o intrincado sistema fluvial em torno da ilha de

Marajó, particularizando a formação e desenvolvimento das pororocas tão famosas.

Com a exibição de "slides" o conferencista ministrou um perfeito conhecimento das pororocas, mostrando que não são elas, como geralmente se acredita, o encontro de duas águas revoltas; mas o mar revolto que se sobrepõe às mansas águas dos rios, com vagalhões de muitos metros de altura e de força destruidora que derruba trechos marginais da gigante floresta amazônica, como se um imenso alfange ali fizesse uma rodada.

Com a exposição fotográfica projetada e descrição verbal erudita e elegante, o orador agradou plenamente, terminando e recebendo muitos aplausos. Por proposta do acadêmico Teodoro de Sousa Campos Junior, foi aprovado um voto de saudade a Carlos de Campos cujo centenário transcorre, e um voto de regosijo e congratulações com o acadêmico Celso Maria de Mello Pupo pela sua eleição para o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Então, foi encerrada a sessão.

Correio Popular
20/8/1966

Reuniu-se a Academia Campinense de Letras

Realizou a Academia Campinense de Letras a sua reunião mensal, presidida pelo acadêmico Licurgo de Castro Santos Filho e como secretário o acadêmico Carlos Penteadado Stevenson.

Foi convidado especial o capitão tenente Francisco José Monteiro Sales, oficial da Marinha de Guerra, tendo comparecido mais os acadêmicos David Antunes, Milton Duarte Segurado, Celso Maria de Mello Pupo, Francisco José Monteiro Sales, Teodoro de Souza Campos Junior, Waldomiro de Vasconcelos Ferreira, André Leme de Sampaio, Hilton Federice e Mauro Ribeiro Sampaio.

A sessão constou de uma palestra do acadêmico Francisco José Monteiro Sales, referente à sua viagem pelo norte do país, quando visitou a foz do Amazonas, observando e fotografando em detalhes a região, desvendando com audácia e riscos as particularidades da assombrosa pororoca, famigerada e vivida em torno de lendas e fantasias.

A pororoca se constitui de gigantescos vagalhões das águas do mar sobre a placidez do rio que nele desemboca. A fúria destes vagalhões é tão poderosa, que destrói florestas marginais deixando o

solo completamente despido de vegetação, além de produzir um ruído que apavora mesmo aos que estão distantes do local. Com eslaides que foram projetados, tornou-se a exposição ainda mais interessante, pelo que o orador mereceu entusiásticos aplausos.

Terminou a reunião com os votos aprovados, do acadêmico Teodoro de Souza Campos Junior, de congratulações com a família de Carlos de Campos pelo transcurso de seu centenário, e de felicitações ao acadêmico Celso Maria de Mello Pupo pela sua eleição para o Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo.

Diário do Povo
21/8/1966.

NOVO ACADEMICO NA CAMPINENSE DE LETRAS

Realizou a Academia Campinense de Letras a sua sessão regimental de setembro, sob a presidência do acadêmico Licurgo de Castro Santos Filho, secretariada por Carlos Penteado Stevenson e com a presença de David Antunes, Herculano Gouvea Neto, Hilton Federice, Valdomiro de Vasconcelos Ferreira, Mauro Ribeiro Sampaio, Francisco Galvão de Castro Milton Duarte Segurado, Francisco Ribeiro Sampaio, Paulo da Silva Pinheiro e Francisco de Assis Iglésias.

Lida e aprovada a ata da sessão anterior, foi lido o expediente. Em seguida o acadêmico Mauro Ribeiro Sampaio apresentou uma proposta escrita da maioria dos acadêmicos, com o nome do poeta e jornalista Maurício de Moraes, para preenchimento da cadeira n.º 3, vaga com a morte do acadêmico Benedito Sampaio, sendo a proposta aprovada e eleito o proposto, cujo patrono é Carlos de Laet.

Na parte literária, o acadêmico Milton Duarte Segurado leu trechos de «O Piano de Carlos Gomes», prosa de Castro Paes; Francisco de Assis Iglésias discorreu sobre a maconha, lendo um artigo seu que hoje está incorporado à bibliografia do tóxico. Foi anunciado que na próxima reunião o acadêmico Francisco Galvão de Castro falará sobre «O Aspecto Negativo da Literatura Moderna Brasileira». Pelo presidente foi encerrada a sessão.

Diário do Povo

14/9/1966

ACADEMIA CAMPINENSE DE LETRAS

Com a presença dos acadêmicos Licurgo de Castro Santos Filho, Carlos Penteado Stevenson, Francisco de Assis Iglésias, Paulo da Silva Pinheiro, David Antunes, Celso Maria de Mello Pupo, Hilton Federice, Marino Falcão Lopes, Alexandre Chiari, Francisco Galvão de Castro, Teodoro de Souza Campos Junior, Maurício de Moraes e Mauro Ribeiro Sampaio e os convidados da Mercedes Ribeiro de Castro e prof. Antonio Soares Abreu, realizou-se a sessão regimental da Academia Campinense de Letras.

Na abertura da sessão, o presidente saudou o novo acadêmico Maurício de Moraes, designando data para seu elogio ao antecessor na cadeira. Foi comunicado, ainda, pela presidência que na sessão de novembro será realizada a eleição da diretoria para o biênio 1967-8. Na parte literária foi dada a palavra ao acadêmico Francisco Galvão de Castro, que discorreu sobre "Aspectos Negativos da Literatura Moderna" até a hora regimental de encerramento, ficando para a próxima sessão o término de seu trabalho.

Diário do Povo

14/10/1966

Notícia mutilada pelo "Diário".

Antologia da Academia Campinense

Temos assinalado, com muita satisfação, os esforços e serviços desenvolvidos pela Academia Campinense de Letras, dentro de seu roteiro e mapa efetivo, para a conservação das mais esplêndidas tradições culturais da cidade.

Assinalamos a sua permanência na paisagem humana de Campinas como um dos fatores necessários de humanização da economia, de colocação do homem diante do homem, sem os valores simplesmente materiais de sua existência em face do século.

A atividades dos cenáculos culturais sempre se fez necessário para a fixação de valores outros que não os do cotidiano, porque têm sido os repositórios mais seguros das riquezas do espírito, que se esbanjariam não fôra a sua feição de escriptorio e tesouro.

Em seu décimo aniversário de fundação a Academia Campinense de Letras publica uma Antologia, — livro em que reúne os trabalhos mais expressivos de alguns de seus membros, dos que naquele momento histórico de sua vida, dispuseram de lazeres a fim de compor ou reunir os registros de sua sensibilidade para a sua perpetuação em nome do presente.

Os dez anos da Academia Campinense de Letras constituem, na verdade, júbilo multiplicado dos campineiros que estimam, impositivamente, a terra em que vivem.

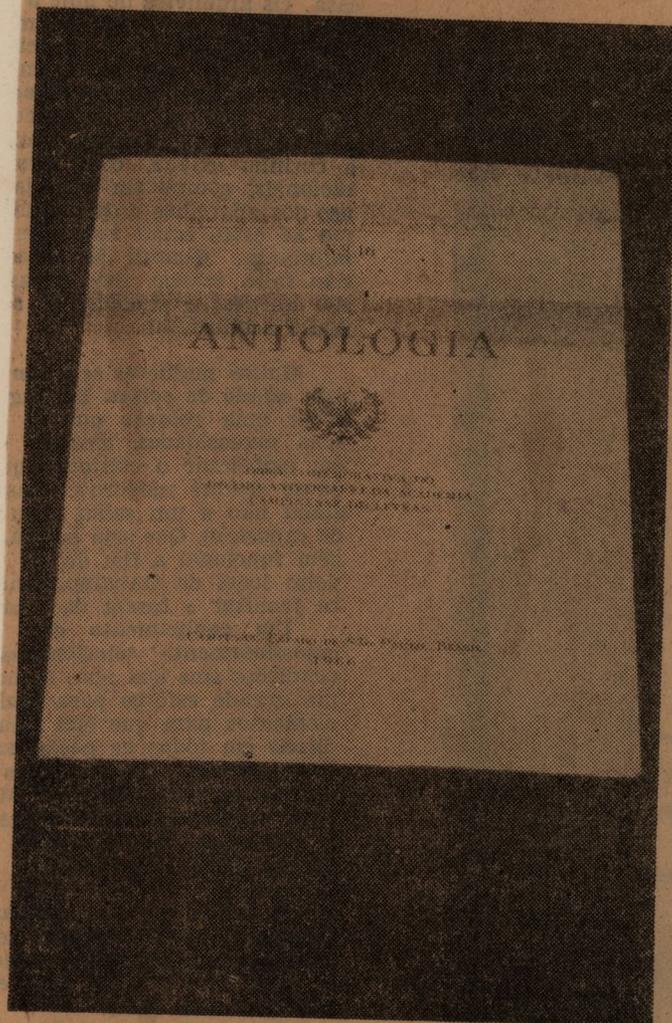
A Academia Campinense de Letras, no silêncio de suas tertúlias, uma vez por mês, em sede própria, com todos os valores de esplêndida reunião de homens de espírito, tem sido o elemento conservador de tradições culturais.

Mas, e, eis um aspecto dos mais significativos — não só aquêle de conservador de tradições, mas de autêntico exegeta da realidade literária e cultural do país, dos novos elementos de que se tem valido a sua inteligência para a composição de uma verdade social marcante.

As reuniões da Academia Campinense de Letras são o fruto do interesse enriquecido pela cultura dos homens que zelam pela sua vivência intelectual, de cidade-marco, em todos os campos do saber.

A publicação de uma antologia de trabalhos dos membros da Academia Campinense de Letras deve ser do conhecimento de todos os que acompanham, com alegria, o calendário afetivo da cidade.

ACADEMIA DE LETRAS
LANÇOU ANTOLOGIA



A Academia Campinense de Letras lançou o seu 16º volume de publicações (Antologia). Trata-se de obra comemorativa do 10.º aniversário da Academia, contendo trabalhos literários de seus membros. Recebemos um exemplar do presidente, sr. Lycurgo de Castro Santos

Filho, que tece comentários, no prefácio da obra, sobre os dez anos de vida da Academia Campinense de Letras. O livro, de primorosa impressão feita nas oficinas da Empresa Gráfica Revista dos Tribunais, tem ao todo 373 páginas, reunindo trabalhos, em prosa e versos, de todos os seus membros titulares.

Diário do Povo
12/11/1966

"DIÁRIO DO POVO" - Campinas, 20 de novembro de 1966.

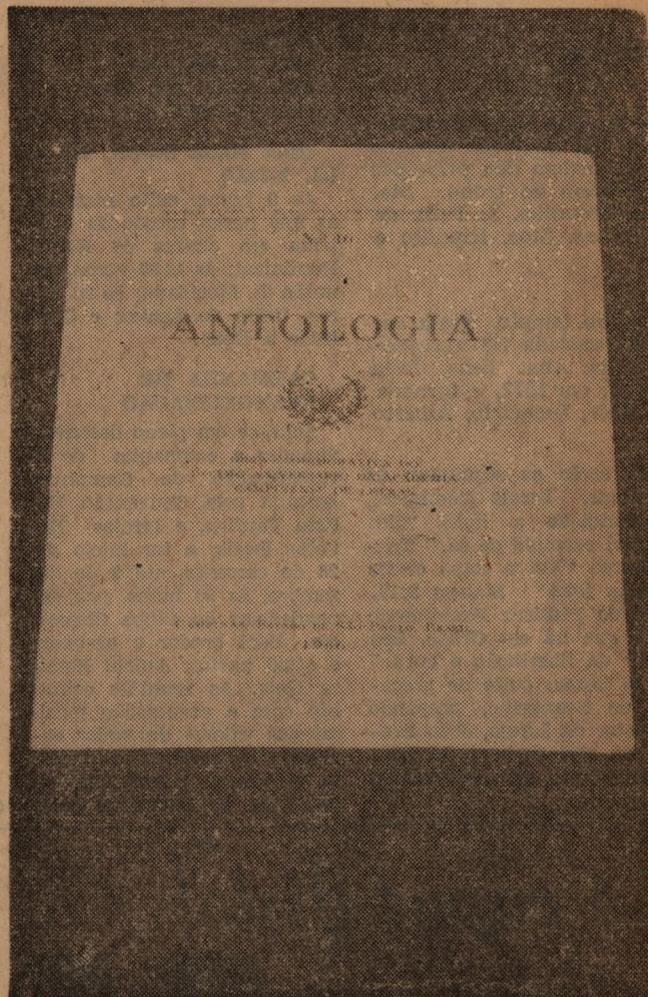
Letras Acadêmicas

Acaba de ser publicado o volume n. 16 da Academia Campinense de Letras. Entre outros trabalhos acadêmicos, ali figura brilhante conferência de Paulo Mangabeira-Albernaz, nome que não só dignifica as letras campineiras como, por igual, exalta a literatura nacional.

Autor de vários livros de linguagem médica, pelos quais se verifica que possui forças para incursionar em qualquer ramo da filologia, Paulo Mangabeira-Albernaz tem um traço, para muitos desconhecido, na sua individualidade intelectual. Nem só as letras médicas, vamos dizer profissionais, seduzem sua inteligência. A literatura de ficção e a poesia também encontram nele um lúcido exegeta. Sabe-se do seu interesse pela novelística policial, gênero pouco explorado no Brasil, ao contrário do que sempre ocorreu na Inglaterra, na França e, nas últimas décadas, nos Estados Unidos. Mangabeira conhece todos os passos de evolução desse ficcionismo de caráter popular, e é pena que ainda não nos tenha oferecido o resultado de suas pesquisas e observações, que dariam para compor um precioso livro de crítica.

Na província poética, não é leitor menos atilado. O autor de um livro como «De que morreu Napoleão», que pode figurar entre as grandes obras biográficas da literatura universal sobre o grande corso, também sabe raspiar com sensibilidade e erudição os fastos do florilégio nacional. A conferência agora inserida na Antologia acadêmica serve para positivar essa outra faceta literária de Mangabeira-Albernaz, que ao fazer a sua Peregrinação pela Terra dos Cabotinos realiza um corte vertical na poética do nosso tempo.

Trata-se, diz o A., de uma charge contra «certos presumidos ou supostos poetas». A verdade, porém, é que se a conferência possui lances caricaturescos, capazes de lhe dar tons e vinhetas de Rivarol, também é certo que nela coabitam os pensamentos mais graves de uma crítica inteligente e culta. Na sua análise o autor separa com mestria o jolo do trigo, compreende o modernismo de um Manuel Bandeira, de uma Cecília Meireles. A sua irreverência investe contra os poetas de linguagem metafísica, escarpela a imagística febril de uns tantos desajustados da arte nova, não compactua com a falsa técnica de uma poesia desvairada na temática, na linguagem, nas idéias. Mas esses, salvo as exceções, são os fal-



sos poetas, porque os legítimos, sejam do modernismo ou de escolas pretensamente arcaicas, são respeitados por Mangabeira-Albernaz e por nós outros.

LUSO VENTURA

18 de dezembro de 1966

ACADEMIA CAMPINENSE DE LETRAS

Sob as determinações regimentais, realizou a Academia Campinense de Letras a sua reunião de dezembro, presidindo-a o acadêmico Lycurgo de Castro Santos Filho e secretariando-a o acadêmico Carlos Penteadó Stevenson.

Compareceram como convidados a sra. Mercedes L. Ribeiro de Castro e o Prof. Antonio Suáres Abreu, e os acadêmicos Francisco Galvão de Castro, Francisco Ribeiro Sampaio, Luis Felipe da Silva Wiedmann, Teodoro de Sousa Campos Junior, Francisco de Assis Iglésias, Hilton Federice, Waldomiro de Vasconcelos Ferreira, Milton Duarte Segurado, Mauro Ribeiro Sampaio, Mauricio de Moraes, Francisco José Monteiro Sales e Celso Maria de Mello Pupo.

Anunciou o presidente que se ia realizar a eleição da diretoria para o bienio seguinte. Com a palavra o acadêmico Teodoro de Sousa Campos Junior, propôs que se reelegesse a atual diretoria por aclamação, no que foi apoiado pela unanimidade dos presentes. Tendo o acadêmico Hilton Federice recusado sua reeleição e estando ausente o acadêmico Alexandre Chiari, ficaram os cargos de segundo tesoureiro e primeiro secretário para serem preenchidos na próxima reunião de 1967.

Ainda por proposta do acadêmico Teodoro de Sousa Campos Junior, foi eleito sócio correspondente Dom Carlos Tasso de Saxe Coburgo e Bragança. O acadêmico Milton Duarte Segurado ofere-

Correio Popular

ACADEMIA CAMPINENSE DE LETRAS

Realizou a reunião regimental de dezembro, a Academia Campinense de Letras, com a presença dos acadêmicos Lycurgo de Castro Santos Filho, presidente, Carlos Penteadó Stevenson, secretário, Celso Maria de Mello Pupo, Francisco José Monteiro Sales, Francisco Galvão de Castro, Francisco Ribeiro Sampaio, Milton Duarte Segurado, Francisco de Assis Iglésias, Hilton Federice, Waldomiro de Vasconcelos Ferreira, Teodoro de Sousa Campos Junior, Mauro Ribeiro Sampaio, Mauricio de Moraes e Luis Felipe da Silva Wiedmann, e dos convidados professora Mercedes L. Ribeiro de Castro e professor Antonio Suáres Abreu.

Assinada a ata da sessão anterior, realizou-se a eleição para o biênio seguinte, tendo a diretoria sido reeleita por aclamação, excluídos os cargos de primeiro secretário e segundo tesoureiro que serão preenchidos na próxima reunião. Foi eleito sócio correspondente Dom Carlos Tasso de Saxe Coburgo e Bragança, e aprovado um voto de pesar pela morte de Sérgio Millet.

Com uma saudação do presidente à senhora Galvão de Castro, foi dada a palavra a este acadêmico que discorreu sobre "Aspectos Negativos da Literatura Moderna" pelo tempo regimental, sendo afinal encerrada a sessão, e cumprimentado o orador da noite.

Diário do Povo

Medicina já tem História



Lycurgo Santos Filho

A crônica do desenvolvimento da medicina no seio de um povo é sempre interessante. Até os leigos se sentem fascinados pela matéria, quando escrita em linguagem que possa ser facilmente assimilada pelos que não sejam discípulos de Hipócrates. É o que acontece com a Pequena História da Medicina Brasileira — livro em que o sr. Lycurgo Santos Filho, nome sobejamente conhecido nos meios médicos e literários do país, reuniu agora o resultado de suas pesquisas de longos anos.

O livro abrange praticamente todo o período da vida brasileira, da Descoberta aos dias atuais, já que o primeiro capítulo é dedicado à medicina indígena, quando o pagé "ministrava o remédio e executava as práticas de exorcismo". A partir daí, o autor, com absoluta segurança, vai ordenando cronologicamente os fatos históricos da evolução médica no Brasil, dando-lhes a contribuição pessoal dos informes e esclarecimentos eruditos, já que é, sem favor, autoridade creden-

ciada nesse ramo de conhecimento. Diga-se, aliás que o sr. Lycurgo Santos Filho, que anteriormente já publicara, em 2 volumes, excelente História da Medicina no Brasil, é, atualmente, professor dessa disciplina na nossa Faculdade de Medicina.

Pelo sumário do livro terá o leitor a visão ampla do que se contém neste magnífico volume da Coleção Burity, com capa de Alceu Saldanha Coutinho:

- 1 — Medicina Indígena;
- 2 — Medicina jesuítica;
- 3 — Físicos e Cirurgiões;
- 4 — Boticários, barbeiros e curadores;
- 5 — Patologia e terapêutica antigas;
- 6 — Cirurgia e Obstetrícia do passado;
- 7 — Assistência hospitalar e sanitária;
- 8 — Ensino médico-cirúrgico;
- 9 — Faculdades de Medicina da Bahia;
- 10 — Primeiras pesquisas;
- 11 — Experimentação Científica;
- 12 — Progressos da Medicina brasileira.

Com o livro agora publicado, enriquece-se a bibliografia da história médica do Brasil, onde o sr. Lycurgo Santos Filho ocupa lugar de merecido destaque.

ACADEMIA CAMPINENSE DE LETRAS

Realizou a Academia Campinense de Letras, a sua sessão de março, presidida por Lycurgo de Castro Santos Filho e secretariada por Carlos Penteado Stevenson, presentes os convidados Mário Luís Pereira da Silva, Benedito José Barreto Fonseca e Juan Morey de Roca, e os acadêmicos Hilton Federice, Francisco Gavão de Castro, Waldomiro de Vasconcelos Ferreira, Mauro Ribeiro Sampaio, André Leme de Sampaio, Milton

Duarte Segurado, Teodoro de Sousa Campos Junior, Maurício de Moraes e Celso Maria de Mello Pupo.

Foi orador da noite o acadêmico Maurício de Moraes que discorreu sobre a poesia moderna, recitando valores deste gênero literário. Usou da palavra para aplaudi-lo e destacar a harmonia de apreciações entre o trabalho da noite e o que ele havia feito em sessões anteriores, o acadêmico Francisco Galvão

de Castro que discorrera sobre aspectos negativos na poesia moderna.

Mauro Ribeiro Sampaio recitou versos seus e Teodoro de Sousa Campos falou sobre a personalidade de Dom Paulo de Tarso Campos, resolvendo a Academia consignar um voto de regozijo pelo jubileu de posse de Sua Excelência na Arquidiocese.

A Academia recebeu doações de livros dos acadêmicos Milton Duarte Segurado e Teodoro de Sousa Campos Junior, encerrando-se, em seguida, os trabalhos.

Correio Popular
12/4/1967

ACADEMIA CAMPINENSE DE LETRAS

A Academia Campinense de Letras efetuou mais uma sessão regimental referente ao mês de março, presentes os acadêmicos Lycurgo de Castro Santos Filho, presidente, Carlos Penteado Stevenson, secretário, Francisco Galvão de Castro, Celso Maria de Mello Pupo, Mauro Ribeiro Sampaio, Milton Duarte Segurado, Maurício de Moraes, Teodoro de Sousa Campos Junior, André Leme de Sampaio, Waldomiro de Vasconcelos Ferreira, Hilton Federice, e os convidados Benedito José Barreto Fonseca, Juan Morey de Roca e Mário Luís Pereira da Silva.

A palestra da noite esteve a cargo do acadêmico Maurício de Moraes que discorreu sobre a poesia moderna, pondo em relevo belezas de produções de poetas contemporâneos e lendo versos seus. Francisco Galvão de Castro comentou o trabalho do conferencista, evidenciando que, com aparente antagonismo, ambos concordavam no apoio à verdadeira poesia, clássica ou moderna.

Para encerramento, Mauro Ribeiro Sampaio recitou versos seus, e, com elogio pronunciado pelo acadêmico Teodoro de Sousa Campos Junior, consignou-se em ata um voto de regozijo pelo transcorrer do jubileu de posse do Senhor Arcebispo Dom Paulo de Tarso Campos. O plenário tomou conhecimento de doações de livros feitas pelos acadêmicos Sousa Campos e Milton Duarte Segurado.

Diário do Povo
2/4/1967

ACADEMIA CAMPINENSE DE LETRAS

Com a presença dos acadêmicos Alexandre Chiarini, Francisco Galvão de Castro, André Leme Sampaio, Francisco de Assis Iglésias, Francisco Ribeiro Sampaio, Milton Duarte Segurado, Maurício de Moraes, Luis Felipe da Silva Wiedmann, Mauro Ribeiro Sampaio, Waldomiro de Vasconcelos Ferreira, Teodoro de Souza Campos Júnior, Lycurgo de Castro Santos Filho, presidente e Carlos Penteadado Stevenson, secretário, realizou-se a sessão regimental de abril na Academia Campinense de Letras.

Lido o expediente e a correspondência, recebeu a Academia as ofertas do acadê-

mico Teodoro de Souza Campos Júnior de "Pinacoteca de Ascendentes" da Tácito van Langndonck, e a de Milton Duarte Segurado "Iconografia Petropolitana" do Museu Imperial de Petrópolis.

Foi orador da noite o acadêmico Francisco Galvão de Castro que antes da palestra propôs um voto de pesar pela morte de Fidelino de Figueiredo, discorrendo, após, sobre "Anarquia Mental do Mundo Moderno".

Para o mês de maio, foi marcada a sessão regimental no dia 8, quando falará Homero Silveira sobre "Poesia Moderna".

Correio Popular
21/4/1967

REUNIU-SE A ACADEMIA CAMPINENSE DE LETRAS

Presidida por Lycurgo de Castro Santos Filho, secretariada por Carlos Penteadado Stevenson, e presentes Waldomiro de Vasconcelos Ferreira, Milton Duarte Segurado, Francisco de Assis Iglésias, Francisco Ribeiro Sampaio, Teodoro de Souza Campos Júnior, André Leme Sampaio, Maurício de Moraes, Mauro Ribeiro Sampaio, Alexandre Chiarini, Francisco Galvão de Castro, e Luis Felipe da Silva Wiedmann, realizou-se a sessão da Academia Campinense de Letras.

Palou o acadêmico Francisco Galvão de Castro sobre a Anarquia Mental do Mundo Moderno, iniciando sua palestra com uma homenagem a Fidelino de Figueiredo, com um voto de pesar consignado em ata.

Foram ofertados à biblioteca as publicações Pinacoteca de Ascendentes e Iconografia Petropolitana pelos acadêmicos Teodoro de Souza Campos Júnior e Milton Duarte Segurado, respectivamente.

A próxima sessão de maio será realizada no dia 8, tendo por orador Homero Silveira que discorrerá sobre Poesia Moderna.

Diário do Povo
23/4/1967

6 de maio de 1967

REUNIÃO DA ACADEMIA CAMPINENSE DE LETRAS

Ficou transferida para o dia 12, sexta-feira, a reunião de maio da Academia, a fim de que seja possível ouvir-se o literato Homero Silveira.

Nascido em Leme, formou-se em medicina em 1931 pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Médico da Divisão de Tuberculose do Departamento de Saúde do

Estado, desde cedo dedicou-se à crônica e à crítica literária, colaborando na imprensa do país. Conferencista e ensaísta, dirige o curso de literatura do Instituto Dante Alighieri de São Paulo. Grande conhecedor da poesia modernista, por certo muito, agrada-se aos ouvintes na Academia, com o maior interesse para os meios literários da cidade.

Correio Popular

ACADEMIA CAMPINENSE DE LETRAS

Para a reunião do mês corrente, marcou a Academia Campinense de Letras, a noite de 12, sexta-feira, possibilitando ser ouvido o jornalista e crítico literário Homero Silveira.

Nasceu este homem de letras, na cidade de Leme e formou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, dedicando-se muito cedo à crônica e à crítica literária, em trabalhos na imprensa do país. Professor do curso de literatura do Instituto Dante Alighieri de São Paulo, especialista em poesia moderna, cronista, crítico literário, ensaísta, conferencista, será sua palestra de enorme interesse nos meios literários. S. S. é médico da Divisão de Tuberculose do Departamento do Estado.

Diário do Povo

ACADEMIA CAMPINENSE DE LETRAS

Realizou a Academia a sua sessão de maio, tendo como conferencista o professor de literatura Homero Silveira, que se dedica à poesia moderna. Crítico dos mais reputados, conduziu a sua palestra com grande erudição, espolgando os ouvintes e colhendo entusiásticos aplausos e cumprimentos.

A reunião que foi presidida pelo acadêmico Lycurgo de Castro Santos Filho e se-

cretariada por Carlos Penteadó Stevenson, teve a presença dos visitantes D. Mercedes L. Ribeiro de Castro e Mário Luís Pereira da Silva e dos acadêmicos Francisco Ribeiro Sampaio, Francisco José Monteiro Sales, Teodoro de Sousa Campos Junior, David Antunes, Francisco Galvão de Castro, Armando dos Santos, André Leme de Sampaio, Celso Maria de Mello Pupo e Marino Falcão Lopes.

Correio Popular

30/5/1967

Academia Campinense de Letras

Presidida pelo sr. Lycurgo de Castro Santos; secretariada pelo sr. Carlos Penteadó Stevenson; com a presença dos acadêmicos David Antunes, Francisco Galvão de Castro, Celso Maria de Mello Pupo, Francisco José Monteiro Sales, Armando dos Santos, Teodoro de Souza Campos Junior, André Leme de Sampaio, Marino Falcão Lopes, Francisco Ribeiro Sampaio, e dos visitantes dona Mercedes L. Ribeiro de Castro e Mário Luís Pereira da Silva, foi inaugurada recentemente, a Academia Campinense de Letras, relativa à reunião de maio. Apresentado pelo presidente, foi orador da noite, o sr. Homero Silveira, que falou sobre a «Poesia Moderna».

Diário do Povo
28/5/1967

Homero Silveira

Celso Maria de Mello Pupo

Pelo correr dos dois últimos séculos passados, em nosso velho e querido Portugal, era uso, para mostrar fidalguia, portar um nome quilométrico, composto de muitos apelidos de família, todos nobres, indicando uma honrosa e extensa árvore genealógica. Entre autores de livros publicados, cremos que dos mais longos divulgados foram os de João Carlos Feo Cardoso de Castelo Branco e Torres, autor de "Memórias Histórico-Genealógicas dos Duques Portugueses", obra completada e publicada por outro que superou o primeiro e que se chamava Dom Augusto Romano Sanches de Baena e Farinha d'Almeida Portugal Silva e Sousa, primeiro visconde de Sanches de Baena.

A estes, intelectuais historiadores que deixaram obras de valor nascidas de pesquisas trabalhosas e conduzidas com erudição, é impossível aplicar o dito popular que a muitos se aplicava com justiça, de que "maior é o nome que a pessoa".

Mas nos tempos de hoje, da velocidade, do resumo, da concisão, enfim, da pressa, podemos usar o dito inversamente e com sentido contrário: maior a pessoa que o nome, aplicando-o ao que vai abrindo estas colunas. Homero Silveira é um nome curto, mas de um grande intelecto, que também poderia usar outros apelidos como Bueno, Camargo e mais. Neste caso, o curto significa comprido em talento, erudição, simpatia, idealismo, dedicação e outros valiosos atributos.

Foi este o orador da última reunião da Academia Campinense de Letras. Paulista da gema, nasceu em Leme, no rastro dos bandeirantes de Goiás; professor que exerceu o magistério primário e secundário, formou-se no Rio de Janeiro em medicina, e reuniu as cogitações de Hipócrates às insônias de Vieira, Camões, Mário de Andrade, Cassiano e outros, sem deixar de ser um professor emérito, quer na crítica literária em que pontificava, quer como conferencista em que excele.

Colaborador na imprensa, ensaísta e conferencista, Homero Silveira dispõe de especial privilégio na sua capacidade de transmitir conhecimento, como professor ideal que abre os ouvidos de quem o ouve, ilumina o entendimento e transmite o conhecimento que logo empolga o ouvinte, dispondo-o para beber as palavras como sedento que não quer perder

uma só gota, encantando pela magia e pela segurança da erudição, pela elegância do expor e pela simpatia a irradiar da fala, do gesto, da expressão do mestre.

Foi este orador modernista que trouxe para a Academia Campinense, para românticos, a centelha da poesia moderna com o brilho do seu talento, transmutando o sentir de prevenção, a tendência para a hostilidade, em acolhimento risonho; para tanto, manifestou, desde logo, seu encanto pelo ambiente da nossa Academia que ele esperava pesado, solene, de escuros móveis com adornos clássicos, mas que ele encontrou ameno, ridente, de atavios plásticos, leves como uma escola de adolescentes.

Iniciou o orador a sua palestra, pela definição de poesia; no entender de Mário de Andrade e outros, é emoção pessoal mais o talento de dizer, despido do formalismo antigo da métrica e da rima; enquanto Cassiano Ricardo exclui dela a emoção do poeta, diferindo, assim, as duas correntes, uma querendo

a sensibilidade humana e outra materializando, ou antes, desejando materializar a arte poética, como se fosse possível haver arte sem alma, como se, realmente, o verdadeiro poeta não tivesse coração, o que inspirou a deliciosa quadrinha de Marina Tricânio:

"Na minha filosofia
eu penso como serão
os corações sem poesia,
poesia sem coração".

Ensinou o mestre que "a arte deixou de ser a imitação da natureza, dinamizando-se num sentido criador, sob fundamento filosófico de liberdade estética", o que não se faz sem talento, distinguindo-se, então, como em tôças as escolas, a obra do verdadeiro poeta, a verdadeira poesia moderna, da mediocridade que derrama versos sem valor e significação, no que concordam modernistas e passadistas, fazendo-nos pensar que ainda valem as observações de Horácio, como diz Cândido Lusitano:

"Se um pintor à cabeça humana unisse
pescoço de cavalo, e de diversas
penas vestisse o corpo organizado
de membros de animais de toda a espécie,
de sorte que a mulher de belo aspecto
em torpe, e negro peixe rematasse;
vós chamados a ver esta pintura;
o riso sofrerieis?"

Numa exposição luxuriante de citações de artistas modernos, num conhecimento bibliográfico abundante, discorreu o orador pelo campo da poesia moderna, distinguindo, definindo, historiando, afirmando a cristalização de um evoluir evidente, de uma transição da arte poética, para chegar ao final da sua palestra explanando sobre o concretismo que o orador admira e que o empolga. Este seu final, também claro e encantador, transmitiu para o auditório, toda a emoção que sentia com o poema encerrado em um "cartaz"; e alcançou comover ouvintes, ao descrever o significado sentimental do poema composto, apenas, com duas palavras, emocionante para quem o entende e o absorve.

Para ouvintes que percorreram na estrada da vida mais quilômetros, não deixou de nascer a recordação de épocas passadas, em que uma artista, poetisa do pincel, em que outro artista, cinzelador da frase, em que Anita Malfati e Osvaldo de Andrade, arrojados e entusiastas, aos impulsos da guerra de Marinetti contra o que chamava academismo, quando Osvaldo sentiu o que confessaria, "eu nunca fui capaz de contar sílabas, a métrica era coisa a que a minha inteligência não se adaptava" — agitaram os meios artísticos com a audácia dos pioneiros.

Numa festiva concórdia unem-se modernos e passadistas: só o talento faz poesia; "há poetas modernos que são mesmo poetas e grandes poetas", afirma o confrade Mangabeira. E já que falamos em poetas, permitam transcrever o "Escuta..." da mesma doce Marina que já citamos:

"Escuta, se te contarem
que o vento passa chorando...
escuta se te falarem
que há passarinhos cantando
nos galhos altos, dispersos,
não creias, não, ó meu bem...
São os meus cantos, meus versos,
dizendo as mágoas que têm..."

3 de junho de 1967

ACADEMIA CAMPINENSE DE LETRAS

Em sessão do mês de junho, dia 5, vai falar a professora Joaquina Elisa Sampaio de Mello Serrano, catedrática de literatura no Colégio Culto à Ciência. A oradora discorrerá sobre Fernando Pessoa, realizando-se a sessão na sede da Academia, na Av. Francisco Glicério n.º 964, às 20 horas.

Correio Popular

Academia Campinense de Letras

Será realizada segunda-feira, a reunião mensal da Academia Campinense de Letras. Falará na ocasião a profa. Joaquina Elisa Sampaio de Mello Serrano, catedrática de literatura do Colégio Culto à Ciência. Discorrerá sobre a personalidade de Fernando Pessoa.

Diário do Povo

7 de junho de 1967

ACADEMIA CAMPINENSE DE LETRAS

Realizou-se a reunião mensal da Academia, presidida e secretariada pelos acadêmicos Lycurgo de Castro Santos Filho e Carlos Penteado Stevenson, presentes os convidados senhorinha Célia Cândida Simões Dias e Antônio de Mello Serrano, e os acadêmicos Francisco Ribeiro Sampaio, Teodoro de Sousa Campos Júnior, Celso Maria de Mello Pupo, Francisco Galvão de Castro, André Leme Sampaio, Waldomiro Vasconcelos Ferreira, Maurício de

Morais, Milton Duarte Segurado e Mauro Ribeiro Sampaio.

Foi oradora da noite, especialmente convidada pela Academia, a poetisa d. Joaquina Elisa Sampaio de Mello Serrano, catedrática de literatura do Colégio Culto à Ciência, que discorreu sobre a poesia de Fernando Pessoa, expondo com a sensibilidade de artista e com a sua grande cultura literária, tendo sido calorosamente aplaudida pelos presentes.

Correio Popular

Reuniu-se a Academia Campinense de Letras

Reuniu-se a Academia Campinense de Letras. Constatou-se apreciada palestra sobre a poesia de Fernando Pessoa, que esteve a cargo da catedrática de literatura do Colégio Culto à Ciência, d. Joaquina Elisa de Mello Serrano, que desenvolveu sua conferência com grande conhecimento da obra, sob seus vários aspectos, recitando muitas produções de forma correta e cheia de sensibilidade.

Presidiu os trabalhos o acadêmico Lycurgo de Castro Santos Filho, secretariando-a o acadêmico Carlos Penteado Stevenson, estando presentes os convidados Antonio de Mello Serrano e Senhorinha Célia Cândida Simões Dias, e os acadêmicos Milton Duarte Segurado, Francisco Galvão de Castro, Waldomiro de Vasconcelos Ferreira, Francisco Ribeiro Sampaio, Mauro Ribeiro Sampaio, Maurício de Moraes, Celso Maria de Mello Pupo, André Leme de Sampaio e Theodoro de Sousa Campos Júnior.

Diário do Povo

Academia Campinense de Letras

Em sessão regimental da Academia, presidida por Lycurgo de Castro Santos Filho e secretariada por Carlos Penteado Stevenson, compareceram os acadêmicos Milton Duarte Segurado, André Leme Sampaio, Waldomiro de Vasconcelos Ferreira, Hilton Federice, Mauricio de Moraes, e como convidados os poetas Jaime Luis Leitão Rodrigues e Luis Fausto Ferrei-

ra, este residente em Indaia-tuba. Mauricio de Moraes saudou, apresentando, os visitantes, e leu versos do "Tão Só No Sotão" de Luis Fausto Ferreira que ofereceu este trabalho a Academia, seguindo com a palavra Jaime Luis Leitão Rodrigues, primeiro prêmio de poesia da cidade de Rio Claro, que declamou o seu poema "Esperança".

Relembrando a figura de

Dona Maria Villela Gomes Júlio, dama que sempre soube representar a dignidade e figura da mulher campineira, esposa do Dr. Alfredo Gomes Júlio, o presidente Lycurgo de Castro Santos propôs e foi consignado em ata um voto de saudade. De iniciativa também do presidente, consignou-se na mesma ata um voto de congratulações com o jornalista Luso Ventura pela distinção que recebeu da Câmara Municipal com o título de cidadão campineiro.

13/7/1967

VINÍCIO STEIN CAMPOS NA ACADEMIA CAMPINENSE

Na próxima segunda-feira, dia 7, estará em Campinas o historiador e museólogo professor Vinício Stein Campos que falará na Academia Campinense de Letras, sob o título de "Campinas na Magia do Meu Sonho e da Minha Saudade".

Nasceu o professor Vinício em Capivari aos 24 de outubro de 1903; estudou no Ginásio Santa Maria e no Culto à Ciência de nossa cidade; diplomou-se em 1932, passando a lecionar como professor primário e secundário, sendo fundador e diretor da Escola Normal Municipal de Capivari, onde obteve também o cargo de diretor do Instituto de Educação Padre Fabiano José Moreira de Camargo. Ocupa o cargo de diretor do Serviço de Museus Históricos do Governo do Estado, pertencendo ao Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo no qual é segundo secretário, à Associação dos Cavaleiros de São

Paulo e ao Ateneu Paulista de História.

Como romancista, estreou em 1946 com o livro "Um Pensamento na Eternidade", dedicando-se, após, a museologia com grande série de cursos sobre a matéria que ministrou, a partir de 1962, na Capital e em muitas cidades do interior do Estado, e com a publicação do primeiro volume da grande obra "Elementos de Museologia".

O professor Vinício, pelo seu alto nível intelectual, vasta cultura, obras publicadas e fecunda direção do Serviço de Museus do Estado, é nome dos mais acatados nas letras nacionais, e sobejamente conhecido e prestigiado em todo Estado e em Campinas onde tem sido ouvido nos meios cultos.

5/8/1967

ACADEMIA CAMPINENSE DE LETRAS

Sob a presidência e secretariada por Lycurgo de Castro Santos Filho e Carlos Penteado Stevenson realizou-se a sessão de agosto da Academia Campinense de Letras. O orador da noite foi o professor Vinício Stein Campos que discorreu sobre a vida de Campinas no início do século atual, através de sua vida colegial nos ginásios de Santa Maria e Culto à Ciência, relembrando personalidades e fatos interessantes da vida da cidade, muito agradando aos ouvintes com a sua exposição clara e erudita.

O orador convidou a Aca-

demia para o curso de museologia que, por iniciativa do Instituto Histórico de São Paulo e Instituto Guarujá-Bertioga, vai realizar-se na Capital, e para as comemorações do aniversário da chegada ao Brasil da Imperatriz Dona Leopoldina, benemérita soberana que muito fez pela nossa independência e pelos mais altos interesses da nossa pátria.

Em ata da sessão foram consignados votos de pesar pelo falecimento do jornalista e escritor Vitor Caruso, campineiro de subidos votos intelectuais, e de congratulações com o sócio correspondente residente em Roma D. Carlos Tasso de Saxe Coburgo e Bragança, pela sua eleição para grão chanceler da Ordem de Malta.

Estiveram presentes, além dos nomes citados, o convidado Alighieri Vita e os acadêmicos André Leme Sampaio, José Emanuel Teixeira de Camargo, Norberto de Sousa Pinto, Teodoro de Sousa Campos Júnior, Rui Martins Ferreira, Francisco Ribeiro Sampaio, Mauro Sampaio, Francisco Galvão de Castro, David Antunes, Herculano Gouvea Neto e Celso Maria de Mello Pupo.

Correio Popular

Diário do Povo Academia de Letras

Realizou a Academia Campinense de Letras, sua sessão regimental do mês, presidida pelo sr. Lycurgo de Castro Santos Filho e secretariada pelo sr. Carlos Penteado Stevenson, presentes os convidados srs. Vinício Stein Campos e Dante Alighieri Vita, e os acadêmicos André Leme Sampaio, José Emanuel Teixeira de Camargo, Norberto de Sousa Pinto, Theodoro de Sousa Campos Júnior, Rui Martins Ferreira, Francisco Ribeiro Sampaio, Mauro Sampaio, Francisco Galvão de Castro, Milton Duarte Segurado, David Antunes, Herculano Gouvea Neto e Celso Maria de Melo Pupo. Lida e aprovada a ata da sessão anterior, foram consignados em ata os votos de pesar pelo falecimento do jornalista e escritor campineiro Vitor Caruso, e o voto de congratulações com o sócio correspondente Dom Carlos Tasso de Saxe Coburgo e Bragança pela sua eleição para o cargo de Grã Chanceler da Ordem de Malta em Roma.

Dada a palavra ao orador da noite, professor Vinício Stein Campos, formulou ele dois convites à Academia: para o curso de museologia que se realizará em São Paulo, promovido pelos Institutos Históricos de S. Paulo e pelo de Guarujá-Bertioga, e para as comemorações do 150.º aniversário da chegada da Imperatriz Dona Leopoldina ao Brasil, soberana que tanto amou nosso país e tanto fez pela nossa independência. Realizando sua palestra, discorreu ele sobre a época dos seus estudos em Campinas, relembrando fatos e nomes ligados aos colégios Santa Maria e Culto à Ciência, e a aspectos, ocorrências e vida social de Campinas no primeiro quartel do século atual.

Muito apreciada a palestra do orador da noite que mereceu calorosos cumprimentos, foram encerrados os trabalhos pelo presidente Lycurgo.

Academia de Letras da UCC: próxima reunião será dia 14

A Academia de Letras da Universidade Católica de Campinas está convocando seus membros para a próxima reunião da entidade, a ser realizada dia 14 próximo, às 20 horas, estando a entrada franqueada a todos os alunos interessados.

Como se recorda a Academia foi criada no último dia 23 de agosto e para seu Presidente Honorário, foi convidado o Mons. dr. Emilio José Salim, reitor da UCC. Da sessão solene de instalação, participou o prof. Pedro de Oliveira Ribeiro Neto, presidente da Academia Paulista de Letras, sendo saudado pelo vice-presidente da Academia de Letras da Universidade, o prof. Milton Duarte Segurado, com a «Balada ao Poeta».

ORDEM DO DIA

Para a reunião do dia 14, deverá ser obedecida a seguinte

Academia de Letras

Realizou na Academia Campinense de Letras, sua sessão de Setembro, ocupando a presidência o acadêmico Lycurgo de Castro Santos Filho, e na secretaria o acadêmico Carlos Penteado Stevenson, presentes mais os acadêmicos Waldomiro de Vasconcelos Ferreira, Mauro Ribeiro Sampaio, Francisco de Assis Iglésias, Maurício de Moraes, André Leme Sampaio e Celso Maria de Mello Pupo, que ouviram e aprovaram a ata da sessão anterior. No expediente foram consignados votos de pesar pelo falecimento de Eduardo Edargê Badaró e Cosme Pelegrini, e voto de congratulações com o Diário do Povo pela realização do concurso de poesia e prosa "Revelação Feminina".

A seguir, o presidente discorreu sobre o centenário do acadêmico Rafael Duarte que transcorrerá a 21 do corrente, e que será comemorado pela Academia em sua próxima sessão. Pelo acadêmico Celso Maria de Mello Pupo foi feita a entrega de exemplares do trabalho poético do intelectual santista Edison Ruivo de Sousa sob o título de "Brás Cubas" e elogiado pelos presentes. Dada a palavra ao acadêmico Francisco de Assis Iglésias, comunicou êle a publicação da obra "Fagundes Varela" de autoria de Vicente de Paulo Vicente de Azevedo, discorrendo sobre a mesma e ressaltando seu valor histórico e literário.

Ao encerramento da sessão, o acadêmico Waldomiro de Vasconcelos Ferreira recitou de sua autoria, "Declínio" e Carlos Penteado Stevenson, também de autoria própria, "O Bem e o Mal".

te ordem do dia: aprovação do estatuto e do regulamento da Academia; lançamento das bases de dois concursos literários que são: o primeiro, sobre poesia, em conjunto com o Centro de Estudos «Tristão de Ataíde», do Curso de Letras Neolatinas, da Faculdade de Filosofia; e o segundo, atendendo solicitação da diretoria do Ensino Superior, e dirigido a estudante de nível superior, em comemoração da «Semana do Exército», sobre o tema «Exército Brasileiro, fator de integração nacional».

CURSO DE METODOLOGIA

Por outro lado, deverá prosseguir na próxima sexta-feira, o curso sobre Metodologia do Trabalho Intelectual, que vem sendo ministrado pelo Mons. Emilio José Salim, reitor da UCC. O curso encontra-se, atualmente, em sua segunda parte, tendo a primeira sido desenvolvida pelo prof. Imideo Giuseppe Nérci, ainda no primeiro semestre e ser prolongado até meados de agosto.

Diário do Povo - 12/9/1967

Os universitários mereceram bem maior consideração!

12/9/1967

ACADEMIA CAMPINENSE DE LETRAS

Sob a presidência e secretaria dos acadêmicos Lycurgo de Castro Santos Filho e Carlos Penteadó Stevenson, e presentes mais os confrades André Leme Sampaio, Mauro Ribeiro Sampaio, Waldomiro de Vasconcelos Ferreira, Maurício de Moraes, Francisco de Assis Iglésias e Celso Maria de Mello Pupo, realizou a Academia sua sessão regimental.

Consignou-se ainda votos pelo falecimento do jornalista Cosme Pelegrini e do engenheiro Eduardo Edargé Badaró.

Referiu-se o presidente Lycurgo sobre o centenário do acadêmico Rafael Duarte, assentando-se que a próxima reunião será dedicada a este intelectual; com a palavra o acadêmico Francisco de Assis Iglésias discorreu falando do recente livro de Vicente de Paulo Vicente de Azevedo, estudo minucioso e profundo a respeito do grande Fagundes Varela, obra que muito prestigia o seu autor. O acadêmico Celso Maria de Mello Pupo entregou a Academia exemplares do poemeto "Brás Cubas" oferecidos pelo seu autor o poeta Edison Ruivo de Sousa, intelectual santista de grandes méritos.

Disseram versos de sua própria autoria os acadêmicos Carlos Penteadó Stevenson, "O Bem e o Mal", e o acadêmico Waldomiro de Vasconcelos Ferreira, "Declínio", ambos muito felicitados, com o que encerraram-se os trabalhos.

IVAN LINS EM CAMPINAS

Campinas receberá no próximo dia 13, a visita de Ivan Lins, membro da Academia Brasileira de Letras e uma das maiores expressões da literatura brasileira, que pela primeira vez visita esta cidade, a convite da Academia Campinense de Letras, através do general Luiz Felipe da Silva Wiedemann, destacado membro desse Sodalício.

Portador de uma extensa e magnífica bagagem literária, contando de obras literárias, filosóficas e jurídicas, Ivan Luiz pronunciará em Campinas duas conferências, a primeira no dia 13, no auditório do Instituto Agronômico de Campinas, versando sobre o tema "A Mensagem de Erasmo no seu 5.º Centenário", com início às 20,30 horas e a segunda no dia 14, às 15 horas, no anfiteatro do Instituto de Educação Carlos Gomes, sobre o termo "Padre Vieira", mestre da oratória".

Durante a sua permanência em Campinas, o ilustre intelectual patricio será alvo de expressivas homenagens por parte dos diretores e integrantes da Academia Campinense de Letras e destacados elementos dos meios culturais, que o recepcionarão condignamente.

Filho de Minas Gerais, formado pela Faculdade de Medicina da Guanabara, jornalista e juriconsulto brilhante, Ivan Lins, ora passando um período de férias em São Pedro, atendeu prazerosamente o convite que lhe foi formulado pelo seu amigo pessoal, general Wiedemann, para vir a Campinas e pronunciar as duas conferências, que serão, certamente, duas notáveis peças oratórias, considerando a sua cultura, a sua bagagem literária e o seu prestígio como membro da Casa de Machado de Assis.

Ambas as conferências serão gratuitas, com a presença de todas as pessoas interessadas.

Diário do Povo

Acadêmico pronunciará conferências

Na próxima sexta-feira o acadêmico Ivan Monteiro Lins virá a Campinas para pronunciar duas conferências, uma no Instituto Agronômico e outra no Instituto de Educação Carlos Gomes. Quem o traz é a Academia Campinense de Letras. Ivan Monteiro Lins ocupa a cadeira número 1 da Academia Brasileira de Letras e seu terceiro ocupante. O patrono é Adeline Fontoura e os seus antecessores Luiz Murat e Afonso Tournay. Em companhia de sua esposa o acadêmico encontra-se em Aguas de São Pedro gozando férias.

Academia Campinense de Letras

Com a presidência e secretaria dos acadêmicos Lycurgo de Castro Santos Filho e Carlos Penteado Stevenson, realizou a Academia Campinense de Letras a sessão dedicada ao centenário do acadêmico Rafael de Andrade Duarte. Estavam presentes os convidados Senhoras e Senhorinhas Célia Duarte Ribeiro da Silva, Madalena Maria Santos Segurado, Nena Duarte Ribeiro, Dagmar de Camargo Cangussu, Leda Cantúcio Segurado, Raquel de Camargo Dawe, Adriana de Camargo Cangussu, Aníta Lobo de Mello Pupo e Manuela Ribeiro de Almeida Prado; Senhores Hélio Duarte de Arruda, Alfredo Sizenando Ribeiro, Romílio Duarte de Arruda, Rubens Duarte Segurado, e os acadêmicos Francisco Galvão de Castro, Maurício de Moraes, André Leme Sampaio, Francisco Ribeiro Sampaio, Francisco de Assis Iglésias, David Antunes, Armando dos Santos, Milton Duarte Segurado, Luis Felipe da Silva Wiedmann, Teodoro de Sousa Campo Jr., Waldomiro de Vasconcelos

Ferreira, Mauro Ribeiro Sampaio e Celso Maria de Mello Pupo.

Aberta a sessão, depois de aprovada a ata, falou o acadêmico Luis Felipe da Silva Wiedmann que comunicou a próxima conferência que, a convite desta Academia, fará o literato Ivan Monteiro de Barros Lins, no dia 13 do corrente, sobre a "Mensagem de Erasmo", no auditório do Instituto Agronômico; o acadêmico Mauro Ribeiro Sampaio trouxe ao conhecimento da Academia a publicação do livro de versos "Tempo de Paz" de autoria da senhora Leila Gouvea, filha do acadêmico Herculano Gouvea Neto, lendo o soneto "Desencanto"; o acadêmico Teodoro de Sousa Campos Júnior agradeceu as homenagens prestadas ao eng. Eduardo Edargê Badaró. Em seguida foi dada a palavra ao acadêmico Celso Maria de Mello Pupo que discorreu sobre a personalidade e obra do acadêmico Rafael Duarte, prestando a homenagem da Academia pelo centenário deste ilustre campineiro.

Correio Popular - 7/10/1967

Diário do Povo
8/10/1967

Academia Campinense de Letras

A Academia Campinense de Letras realizou sua sessão em homenagem de Rafael de Andrade Duarte, tendo na presidência dos trabalhos o sr. Lycurgo de Castro Santos Filho, e secretário o sr. Carlos Penteado Stevenson. Estiveram presentes os srs. Milton Duarte Segurado, Francisco de Assis Iglésias, David Antunes, Armando dos Santos, Celso Maria de Mello Pupo, Waldomiro de Vasconcelos Ferreira, Mauro Ribeiro Sampaio, Francisco Galvão de Castro, Maurício de Moraes, André Leme Sampaio, Francisco Ribeiro Sampaio, Teodoro de Souza Campos Júnior e Luiz Felipe da Silva Wiedmann, e os convidados Leda Cantúcio Segurado, Raquel de Camargo Dawe, Adriana de Camargo Cangussu, Célia Duarte Ribeiro da Silva, Madalena Maria Santos Segurado, Nena Duarte Ribeiro, Dagmar de Camargo Cangussu, Aníta Lobo de Mello Pupo, Manuela Ribeiro, Romílio Duarte de Arruda, Rubens Duarte Segurado, Hélio Duarte de Arruda e Alfredo Sizenando Ribeiro.

Depois da aprovação da ata, o acadêmico Luiz Felipe da Silva Wiedman participou a realização de uma conferência promovida pela Academia, do intelectual Ivan Lins, no dia 13 no auditório o Instituto Agronômico; o acadêmico Mauro Ribeiro Sampaio leu o soneto "Desencanto", de autoria de Leila Gouvea, filha do acadêmico Herculano Gouvea Neto, que acaba de publicar o seu livro "Tempo de Paz"; o acadêmico Teodoro de Sousa Campos Júnior agradeceu as homenagens prestadas pela Academia ao falecido Eduardo Edargê Badaró. Em seguida falou prestando as homenagens da Academia pelo transcurso do centenário do acadêmico Rafael de Andrade Duarte, o acadêmico Celso Maria de Mello Pupo que discorreu sobre a personalidade e a vida do homenageado, sendo depois encerrada a sessão.

Centenário de Rafael Duarte

Celso Maria de Mello Pupo

Feliz Academia que se conduz segura pela inteligência e pela sabedoria de quem marca nas águas interminas do saber literário; luzeiro e guia, nosso presidente excele com outros do nosso senáculo, onde se colocou, também, o barro modesto que se tem de esconder e revestir na formação acadêmica, para seu maior brilho; mas, se o brilho já consagrou dourando o falar dos acadêmicos Lycurgo e Milton, biógrafos e críticos de Rafael Duarte de quem souberam exaltar as produções na prosa, na poesia, na história, no teatro e no jornalismo, nada justifica o aparecer hoje no barro modesto que só se acolhe aos recônditos da amizade, e que se vale da docilidade do querer bem. Nem sempre, com justeza, escolhe o nosso presidente, como vemos agora, quando fugiu ao fulgor do intelecto, para que esta noite decorra nas planícies calmas e singelas do viver afetuosos, falando o coração amigo que teve a ventura de estimar e admirar Rafael Duarte, em toda vitalidade da sua figura exemplar.

Faz cem anos que ele nasceu; já não vive entre nós; não mais conquista nossa simpatia ou provoca reação de indiferença ou malquerença; páira acima de nós; e é sua lembrança que pode povoar-nos a memória, com os rigores da sua exatidão, desenhando o homem justo, o homem sábio, o homem culto, o artista, o administrador, o caridoso.

Antes de um sonho florido de grandeza; antes das vaidades de um príncipe da literatura; antes do orgulho do político eminente; tinha Rafael Duarte as riquezas de um coração generoso, a modéstia dos sábios, a singeleza dos puros, a solicitude atenciosa para ser o homem acessível aos mais humildes, benevolente e acolhedor, altivo mas paciente como mestre que se ampara aos bordões da indulgência; ornava-se com a ingenuidade dos que são honestos e a dedicação dos abnegados.

Retemperando forças de velhos; criando o entusiasmo dos moços, não foi o acaso que o fez cavaleiro andante do bem e do belo; impávido lidador do interesse coletivo; consciente construtor de felicidade alheia; obreiro das realizações culturais; administrando, construindo sem cansaços ou desfalecimentos; fazendo da caridade uma preciosa e oculta gema do relicário do seu coração; elevando Campinas em prefeitura proveitosa na qual só a ele se devem serviços que significam um brasão de nobreza armando-o fidalgo da benemerência, que se extravasou pela mordomia da Santa Casa de Campinas e pela diretoria do Asilo de Inválidos desta cidade.

E um traço marcante de Rafael Duarte era a modéstia. Homem de letras que privava e ombreava com Coelho Neto, Garcia Redondo, Alberto Faria, Basílio de Magalhães; escrevendo as "Opinias do Meu Tempo" que, no dizer de Lycurgo "é a prova maior de sua habilidade literária, de seus conhecimentos históricos, de sua cultura geral", Rafael Duarte guardou os elogios recebidos, só para si, no prazer dos grandes que se alegram e se satisfazem com o reconhecimento de um dos seus pares.

Foi Dom Joaquim Jo Vieira, quem manifestou-se, a ler a "Campinas de Outrora", com palavras sinceras, próprias ao seu feitio e caráter, dizendo-nos quem já era Rafael Duarte em 1906:

/ marea
/ do
/ crônicas
/ ao

"Muitas cordações saudosas me vieram ao espírito e ao coração, ao ler o nome de tantas pessoas que me eram caras, como os seus inolvidáveis pais, seus padrinhos, seu sogro, e outras de saudosa memória. Mas não foram só estas recordações que me prenderam ao seu livrinho, senão também, e, por ventura principalmente, a suavidade do estilo do autor dele. Sim senhor, meu Rafael, Vossa Mercê é literato". "O seu trabalho revela grande cópia de conhecimentos adquiridos em acurada leitura, acompanhada de criteriosa observação; o que não deixa de causar certa admiração, por ser Vossa Mercê ainda bem moço e ocupado nos misteres da lavoura".

E o moço elogiado, que tão justificadamente poderia fazer de tal missiva uma apresentação de auto propaganda, modestamente conservou o elogio para o nobre egoísmo, se isto é possível, de um prazer muito pessoal e recôndito.

Sobre "Dona Clarita" e suas obras de teatro, foi o neto acadêmico quem fez Campinas conhecer os grandes aplausos recebidos pelo avô, de nomes aureolados no mais alto conceito dos círculos literários e teatrais. Dispondo destes e outros muitos atestados do seu talento, guardou-os, quando não lhe faltava o direito de divulgá-los para a confusão de indoutos que não sabiam reconhecer o valor deste filho que tanto elevava Campinas.

Circunspecto, de porte nobre, erecto e altaneiro, impunha respeito; transfigurava-se, porém, no seu falar correto e ridente, maneiroso e delicado, dispensando, cavalheiroso, comunicativo e de extrema simpatia, a impressão do seu benevolente acolhimento que conquistava, de plano, os que se aproximavam. Estes traços confirmam o filho, o esposo e o pai terno e amoroso.

No tempo em que os pais ainda infundiam respeito aos filhos, herança daqueles mais velhos tempos do pai patriarcal e chefe da família, que se impunha pela honradez, circunspeção e nobreza tradicional, eram estes que escolhiam o destino dos filhos, assentando os contratos matrimoniais das filhas que já aos doze ou catorze anos deviam "tomar estado", e destinando os filhos às carreiras que mais lhes parecia convir, como agiu o pai do nosso biografado.

Seu pai chamava-se Joaquim Carlos Duarte; era homem abastado e generoso, benemérito na caridade e no civismo, financiador das Forças Imperiais que se dirigiam ao Paraguai e que passaram por Campinas onde se demoraram de 15 de abril a 20 de junho de 1865; era seu comandante o coronel Manuel Pedro Drago que, antecedendo a tropa, como conta o Visconde de Taunay em suas memórias, "tocou rapidamente para Campinas, onde foi hospedar-se em casa de um fazendeiro Duarte, chamado familiarmente Tico"; "o irmão major fiscal do corpo de permanentes da Corte, que servira com o nosso chefe de então e tomara a peito essa fineza ao seu comandante".

O militar, irmão de Tico Duarte, era o tenente coronel Antônio do Rego Duarte "bravo e esbelto oficial do Exército brasileiro, duplamente honrado com a insígnia da Ordem da Rosa e com a medalha de Monte Caseros".

Joaquim Carlos Duarte casou-se em Campinas aos 16 de abril de 1846 com Dona Ana Fran

/ recordações

"CORREIO POPULAR" - Campinas, 19 de outubro de 1967.

continua.

Correio Popular - 19 e 20 de outubro de 1967.

cisca de Andrade, neta paterna do capitão mor de nossa cidade, João Francisco de Andrade e de sua mulher Dona Ana Franco Cardoso; teria a fôrça atávica conduzido do capitão mor a Rafael Duarte, seu bisneto, qualidades para bem ocupar o mais alto cargo executivo da administração, provido o da vila por um e o da cidade por outro, com elevação e dignidade?

Nos costumes da época, Tico Duarte bem apreciando o fervor religioso do filho Rafael, vislumbrou que seria êle o instrumento de realização do seu ideal de ter um filho padre, e, assim, encaminhando o menino para o Seminário de São Paulo, no qual o nosso homenageado receberia os ensinamentos para a carreira sacerdotal, e que foi, para êle, de grande proveito, tornando-o um latinista exímio e dando-lhe fundamento sólido para a sua brilhante cultura literária, iniciada em Itu com os jesuitas.

Mas, como a vocação religiosa não se cria e o mocinho, convicto de que tanto se serve a Deus sob o burel de um monge como no aconchego de um lar honesto, bem auscultando suas inclinações e ideais, preferiu ser de Cristo um bom soldado leigo, a violentar-se numa sacrificada missão que não aspirava. Como bom filho, custava-lhe contrariar a vontade paterna; valeu-se, então, das delicadezas e habilidades femininas de sua madrinha de batismo, a Baronesa de Atibaia, para encontrar complacência, ou antes, para obter a justa decisão de seu pai, e deixou o Seminário.

Esposo dedicado e pai amoroso, bastava, como tivemos a ventura de fazer, penetrar o lar de Rafael Duarte, casa vasta na rua Regente Feijó, alta, de esquina para a Barreto Leme na qual abria numerosas janelas, e sentir ali o ambiente de bondade e harmonia. Sua espôsa, Dona Nenê, solícita, prestativa, atenciosa, deixava irradiar seu afeto pelo marido bom. Adivinhava-se um passado romance, nos tempos em que já o rigorismo que isolava as noivas só conhecidas no altar, se extinguiu, seguido dos hábitos de encontros sociais nos bailes, nas festas religiosas e nas festas caseiras, quando os salões eram conquistados pela valsa vienense romântica e dolente.

Pai amantíssimo, revela-se na hora amarga de perder o filho, traduzida pelo talento e pelas lágrimas em soneto que culmina com palavras de profundo afeto:

"Sinto ainda no peito o premir caricioso de tua cabecinha, ó filho meu querido".

E' preciso ter no céu um filhinho, para sentir a profundidade dêste sofrer, a universalidade desta dor e a grandeza dêste afeto de pai que recebe os filhos como bênçãos de Deus e como as maiores riquezas que possuímos na terra. Se de outras vezes deixou patente a sua bondade de pai, não podemos olvidar um seu queixume em verso, contra o tempo que nos priva da graça dos entesinhos que nos encantam como filhos nossos:

"Quem me dera ter-te agora
criancinha entre meus braços,
pr'a cobrir-te, como outrora,
com meus beijos, meus abraços"

/poesia

(Continua)

Da sua amizade às filhas e do seu trato amoroso, um traço significativo havia: se era pai respeitado com religiosidade e disciplina (e ainda nos lembramos do medo de sua primogênita da possível reação paterna quando tivesse conhecimento dos seus encantamentos pelo jovem que depois foi seu marido) a sua autoridade não diminuía na convivência franca e encantadora com as filhas que, naqueles tempos cerimoniais, já o tratavam afavelmente de "você", coisa raríssima entre as famílias brasileiras.

Homem do espirito, homem do intelecto, homem do saber, sua vida foi um florão da inteligência; brilhou na boa música incentivando-a, divulgando-a, amparando-a; só uma Guiomar Novais por êle hospedada em Campinas, marcou sua atividade longa e incansada na difusão da arte em sua terra. Brilhou na história, colhendo-a, resumindo-a, publicando-a, fazendo conhecido o passado de Campinas nas suas grandes, faustosas e aristocráticas realizações, assim como nos hábitos do povo, nos seus folguedos, no seu viver de rua, até nos batuques do escravo, das senzalas trazido para as praças, travestido o nível humilíssimo em que viviam, para soberanos e imperantes, recobertos os seus andrajos com falsas sedas, sedas e diademas. Brilhou participando da fundação do Centro de Ciências; brilhou na administração ocupando, distinta e elevadamente, cargos no legislativo e no executivo; brilhou na filantropia dirigindo casas de caridade.

Biógrafo dos mais severos como era do seu feitio, não regateava elogios ao biografado merecedor; em 1920 julgava o primeiro bispo de Campinas, Dom João Batista Correa Neri, em escoreta forma e pureza de linguagem dos seus escritos, como vamos repetir parcialmente para enlevo dos que o conhecem como brilhante escritor:

"O ideal político, entre nós, criou valentes pioneiros que, não obstante, viveram adstritos ao seu campo de ação; o ideal artístico desabrochou de forma memorável, mas, cantor, músico ou poeta, cada qual se manteve em sua esfera; o ideal religioso, porém, teve seu paladino — para me não referir a D. Vieira, essa meiga e sugestiva imagem de um São Vicente de Paulo — e êsse paladino foi o padre Neri, que surgiu de um lar pobre, modesto e deslembado da sorte, para se fazer por si, galgando as mais elevadas posições no seu meio social". "Orador notável, missionário do bem, patriota às deveras, soube impor-se e conquistar os corações pela bondade nativa e atraente de sua alma".

Nosso presidente, na sua obra e na sua habitual elegância de escritor, cuidou, ainda, de dizer que recordava o "afável, ilustre e inteligente confrade", tendo sido a "época em que a cidade fervia de intelectualidade, que Rafael Duarte publicou, no ano de 1905, o volume Campinas de Outrora, uma coletânea de crônicas aparecidas na imprensa sob o título de Cousas de meu Tempo, com o pseudônimo de Manuel Agrício".

Nesta obra, revela-se Rafael Duarte, não um simples historiador, mas um fino literato historiador a lembrar um Alexandre Herculano, fazendo viver a história, dando-lhe movimento sem fugir à

Correio Popular - 20 de outubro de 1967.

verdade, mas enfeitando seus próprios encantos, dourando com imaginação a vida social, movimentando figuras que povoaram o passado, em portentosa exposição da Campinas antiga que ele sabia buscar com dedicação amorosa à sua terra, no seu próprio dizer encantador:

"Não consegui a mão do tempo delir, da memória de alguns velhos conterrâneos, a lembrança das nossas coisas passadas, as quais, por tradição oral, já que nos falecem subsídios escritos, se vão transmitindo à posteridade, brandamente matizadas por essa luz crepuscular da mais intensa saudade. Todo o mundo suspira pelo bom tempo, o tempo da sua mocidade! E' que se foram, uma a uma, essas doces ilusões do passado, restando-lhe somente, agora, o amargo fel do desengano, que se traduz nas enfermidades, na perda de um anjo tutelar, nas decepções do moirer da vida".

Desde as primeiras páginas, quando o autor se transporta à época remota, de mais de quarenta anos anteriores ao seu relato, revela-se valioso pelos recursos descritivos, de minúcias e particularidades; em uma noite de ensaio da banda "Florfenica", vendo-a "pelos interstícios da velha porta de cabreeuva", desde a figura do regente, o Juca Músico nos seus comandos, nos reclamos, nas suas críticas e nos reparos; cita pelos nomes os componentes da banda, com instrumentação de cada um, como se tivesse participado desses ensaios de 1862.

Em crônica de continuação, passando a historiar um caso de família na qual tinham especial papel duas irmãs, uma "taciturna e encolhida" e outra o seu avesso, brinda-nos com sua capacidade descritiva:

"Eulinda, pelo contrário, era tudo o que podia haver de encanto para a vista e de cativo para o coração. Graça donairoza, num porte ativo e imponente, constantemente a sorrir, patenteando uns dentinhos que eram mesmo um mimo, em tão mimoso escrínio; em suma, quebravam-se-lhe os olhos numa meiguice sem par, e de toda ela desprendia uma graça tão cativante, tão cheia de magia".

Não lhe escapa um guapo rapaz das eras mortas, "metido na sua casaca, ou, em falta, na sua boa sobrecasaca", "o seu bonito colete de seda lavrada em xadrez, e mais as suas calças brancas". Basta ler um pequeno trecho do seu livro para medir o engenho do escritor exímio, o seu espírito e a sua erudição; fez de uma fala feminina, este esplendor:

"Se alguém há que mereça, do sexo frágil a que pertenco, um verdadeiro culto, não é, certo, o artista genial, que, de um bloco de mármore, arranca uma Vênus qualquer, cuja boca sorri, cujos olhos cintilam, cujo coração como que palpita, sob a fria rigidez da pedra; não é, tão pouco, aquele que, num retalho de grosseira tela, lança, a pinceladas, numa correta harmonia de tons, essa policromia admirável que lhe empresta a palheta, fazendo surgir, como que por encanto, um trecho de paisagem, em que se deleita o olhar encantado, a sonhar num delicioso arrôbo; nem é, também, este outro, que, ferindo as cordas da li-

ra, acompanha, cantando, uma canção dolente, que nos extasia e em que se embala o coração nostálgico, voltendo às doces cenas do passado, a rever coisas que não mais verá! O! manes de Bounaroti e de Cellini, de Tiziano e de Raffaello, de Verdi e de Carlos Gomes, curvai-vos reverentes diante desse asjo de primeira grandeza, desse gênio incomparável, ante o qual, genuflexo, se prosta o sexo frágil — o sublimíssimo artista da agulha e da tesoura!".

Não se estaca neste distribuir de lantejoulas das suas letras; conta-nos como eram os vestuários das senhoras, adereços e jóias, os vestidos nos seus exagerados decotes, braços nus e grande cauda, o penteado, cabelos e pentes, luvas, tecidos, metais, tartaruga, tudo descrito em suas miudezas, com a cintilação que lhes dá o escritor.

No baile de 15 de julho de 1862, vemo-lo lá dentro, participando da festa, como curioso a anotar todos os requintes daquele ambiente de luxo, todas as conversações dos homens importantes de Campinas, citando um por um, nas suas maiores atividades e dedicações, como se tivesse convivido com eles por meses e meses, sem trair a verdade histórica, deixando pasmo o pesquisador que sente a luz meridiana com que Rafael Duarte romanceou, com talento inexcelsível, o passado de Campinas.

Discorre sobre o carnaval, personalidades da época, colônia portuguesa tão numerosa quanto distinta, hoje de avoengos de muitas e importantes famílias da cidade; sobre o comércio, a indústria, ocorrências curiosas, a imprensa com seus periódicos e seus jornalistas, milícias e militares, os Voluntários da Pátria na guerra do Paraguai, movimento religioso com suas irmandades, instituições culturais e sociais, festas populares, folclóricas, espelhando a vida, os labores, a linguagem, o habitante, povo ou elite.

Para mostrar como dispunha de uma vária capacidade intelectual, vamos ler a descrição espi-rituosa que fez de uma pescaria, de sacrifícios, como nos conta:

"enfiar-se em uma fatiota de brim de linho, calçar uns sapatos de entrada baixa (sendo eles rotos será uma pechincha), munir-se de uma varinha com a respectiva linha e anzóis, um picuá para transporte da munição culinária, e, assim fardado e municiado, em dias de chuveiro miudo e persistente, marchar no calcante até as Campinas Velhas. Lá chegando, meter-se pelo brejo a dentro, com lama até os joelhos, acocorar-se a beira d'água, e, pro amore artis, fleugmáticamente espetar uma minhoca à farpa do anzol, deitá-lo n'água, e esperar. No breve espaço de três horas, virá mansamente, bipartindo a correnteza daquele riacho, a dar rabanadas, refletindo a prateada escama do seu corpo flexível, um triste e raquitico lambari, desgarrado do cardume, que mora além". "Três horas para um lambari, somam doze horas para uma cambada de quatro! Mas, também, que deliciosas sensações. Que prazer enebriante!"

/astro

(Continua)

Lançando, agora, o nosso olhar para os tempos em que, nós mesmos, não contávamos mais de uma dezena de verdadeiras primaveras, podemos relembrar a primeira década do século: nestes dias, quem palmilhava a rua Barreto Leme, partindo do Mercado para a matriz do Carmo, ao chegar à esquina da rua Regente Feijó, encontraria, à sua esquerda, uma grande casa fechada, com visíveis indícios de abandono, cerradas a sua porta e as numerosas janelas. Era casa assombrada, sem morador e sem uso, silenciosa pelo correr do dia, mas agitada à noite quando sombras desciam à sua frente e se deluíam ao aproximar de um passante; agitada com as vozes soturnas, ruídos de andar cadenciado de espectros que arrastavam suas correntes de suplicio e penitência; era a casa assombrada que afugentava os retardatários dos bares quando a cidade já se mergulhava no silêncio e no recolhimento de sua população pacata; era a casa assombrada, como jurava o povo.

Os velhos aristocratas, elegantes do século anterior, já não contavam igual história: a casa fechada, longe de ser assombrada, era um repositório de gloriosa crônica, tinha um passado honrosíssimo, regorgitara de gente da melhor sociedade; seus salões brilhantes marcaram a vida da cidade com saraus memoráveis, festas faustosas, de luxo, de elegância, de cultura, de arte, de primor e apuramento no maior bom gosto da época das grandes riquezas do café; era o legendário Clube Semanal do passado de Campinas.

Leopoldo Amaral, conta que o "edifício do Clube Semanal constava de um salão de danças e outros de menores proporções". "Seis lustres de iluminação a gaz derramavam deslumbrante claridade no salão". "As senhoras e as moças solteiras (não se usava ainda aqui o tratamento de senhorita) trajavam seda e veludo, reunindo os atrativos da elegância e da riqueza; vestidos ligeiramente decotados, de cinturas excessivamente finas, pelo espartilho, de longas caudas, tão longas que, para dançarem, as nossas conterrâneas as apanhavam, dobrando sobre o braço direito, com verdadeiro donaire; as jóias — ouro e brilhantes, faiscavam". "Largos leques, varetas de marfim, adornados de plumas de côres, ou de fina gaze de seda dourada", "eram brandamente agitados pelas mãos enluvadas".

Inaugurado este clube em 1.º de janeiro de 1873, quando Rafael Duarte contava apenas seis anos de idade, viveu, cresceu, brilhou, para depois

se estagnar reduzido a uma casa assombrada. E foi Rafael Duarte quem o historiou, quem reclamou seu reerguimento e, finalmente, quem o fez ressurgir jungido à Cultura Artística; e foi Rafael Duarte quem o conduziu a uma nova vida brilhante, nos seus festejos, nas suas reuniões dançantes, nos seus encontros literários, nas suas revelações da arte cênica com o entusiasmo, com a dedicação, com a persistência do "Seu Rafael"; centro de toda a movimentação seu animador, seu diretor e amparo.

Jornalista nato, nunca deixou o nosso homenageado de colaborar na imprensa com os seus trabalhos excelentes. Quem teve a ventura de ler uma série de artigos seus sobre o quarto centenário da Companhia de Jesus, que é, como ele diz, "uma legião de genuínos intelectuais e de virtuosos varões, a que forma o grandioso cenáculo fundado e dirigido por Inácio de Loyola", deliciou-se na exposição clara, nas minúcias curiosas, em seu exército vultoso de antigos alunos, na enumeração das casas espalhadas pelo nosso país.

Zeloso dos nossos valores, buscava e lembrava campineiros ilustres como Nicolina Vaz que ele biografou citando e catalogando suas maravilhosas obras de escultura. Encantado das belezas

artísticas e culturais, elevou Bidú Saião, animou nossos conservatórios, e, com históricos como o do colégio São João do Lageado, fez reviver nas páginas do jornal, figuras ilustres de nossa vida como um Vigarinho, um Bento Quirino.

Um dos seus grandes trabalhos foi dar a Campinas o teatro municipal, o mais belo teatro do interior do Estado; sua construção custou-lhe luta árdua e profundos aborrecimentos que ele venceu por amor à sua terra. Quem não se encantava com aquela jóia de bom gosto que era o nosso teatro, todo adornado de ouro e circundado das elegantes frisas e camarotes, de harmonioso conjunto e suave disposição?

Ele mesmo deixou uma página descritiva de maior fulgor na vida do teatro, quando ali, em 1934, realizou-se o grande banquete e brilhante baile em homenagem ao preclaro brasileiro que foi Armando de Salles Oliveira. Deixemo-lo expressar-se nos encantos de sua pena:

"Campinas, mais uma vez, deu de si a expressão incontrastável de sua galhardia, probidade e nobreza, na recepção brilhante que, com um baile, no sumptuoso salão-platêia do Teatro Municipal, ofereceu a S. Excia. o dr. Armando de Salles Oliveira, paulista e civil,

colocado à frente dos negócios públicos de Nossa Terra, pela unanimidade de seus elementos mais representativos de nossa gente bandeirante". "Em traços gerais, cabe-nos consignar que o salão do Municipal regorgitava, ostentando artística ornamentação. Do lustre central e globos laterais derramava-se profusamente intensa e rebrilhante luz, com projeções focalizadas sobre os pares, que se extasiavam nos volteios de uma valsa ou nas evoluções dos foxes e maxixes, pondo em destaque toda a elegância das vistosas toilettes que o donaire das senhoras e a garriçice das senhorinhas ainda mais realçavam".

Nunca se cansou de elevar Campinas, a terra dos seus encantos; aqui nasceu; aqui constituiu seu lar e sua família; aqui adormeceu para a eternidade, acolhido no seio amoroso da terra querida de sua Campinas. Em seu livro precioso do passado campineiro, descreveu-a quando florescia pelo meado do século passado, com o desabrochar das flôres do seu baurrismo, figurando um olhar perquiridor lançado do alto do atual Liceu:

"Lá à esquerda, bem no alto de Santa Cruz, em destaque de branca claridade, engalanada como para um noivado, defrontava-se a saudosa capelinha, tão cheia de encantos, de gratas recordações, com as suas alvíssimas paredes. Cá em baixo o sobrado do Mascarenhas, essa massa enorme, que tão rijamente, ainda hoje, resiste à inclemência dos tempos. Mais além, o sobrado do Franco, colocado à mesma linha que a nossa tradicional e sempre querida Matriz Velha, a Cadeia, o colossal sobrado de dona Teresa, o esguio sobradinho de dois andares, ali na rua Direita, o teatro São Carlos, os altos taipais da nossa Matriz Nova, na sua côr escura, um tanto avermelhada, pois as paredes não tinham ainda sido revestidas de reboco".

— x x x —

Se é com a saudade que hoje queremos homenagear Rafael Duarte, a temos agora, intensamente. Perdoem-nos o desalinho do nosso dizer que é mesmo como a saudade e a lembrança daquela figura honrada e culta, que muito nos impressionou nos alvares da nossa juventude; a saudade não tem bitola, não se ordena, voa ao sabor da recordação nos tumultos de uma memória ca- ra.

(Oração proferida em sessão de homenagem da Academia Campinense de Letras).

Correio Popular

8/11/1967

ACADEMIA CAMPINENSE DE LETRAS

Realizou sua sessão regimental, a Academia Campinense de Letras, presidindo-a o acadêmico Licurgo de Castro Santos Filho e secretariando-a o acadêmico Carlos Penteado Stevenson, presentes mais o convidado poeta Luis Fausto Ferreira e os acadêmicos Francisco Ribeiro Sampaio, David Antunes, André Leme Sampaio, Mauricio de Moraes, Teodoro de Sousa Campos Júnior, Milton Duarte Segurado, Waldomiro de Vasconcelos Ferreira e Ceisu Maria de Mello Pupo.

Depois de aprovada a ata, discorreu o presidente sobre disposições estatutárias e regulamentares, havendo ampla manifestação de opiniões dos presentes, devendo continuasse a debater o assunto em reuniões seguintes. Dada a palavra ao orador escalado, acadêmico Waldomiro de Vasconcelos Ferreira, explicou êle, com grande profundidade e erudição, o tema "Porque Creio em Deus", colhendo aplausos e cumprimentos dos ouvintes.

ACADEMIA CAMPINENSE DE LETRAS

Realizou a Academia sua reunião mensal, presidida por Lycurgo de Castro Santos Filho, secretariada por Carlos Penteado Stevenson, e com a presença de André Leme Sampaio, Francisco Ribeiro Sampaio, Theodoro de Souza Campos Junior, Waldomiro de Vasconcelos Ferreira, Francisco Galvão de Castro, Mauro Ribeiro Sampaio, Mauricio de Moraes, Celso Maria de Mello Pupo e Francisco José Monteiro Sales.

Lida e aprovada a ata da sessão anterior, foi procedida a eleição para membro correspondente do professor Vinício Stein Campos, de São Paulo. Comunicou o acadêmico Mauricio de Moraes a sua próxima viagem a Montevideu onde fará uma palestra no Centro de Cultura da Juventude Uruguaia; com os votos de boa viagem, a Academia o incumbiu de levar uma mensagem de saudações aos intelectuais do país vizinho. O acadêmico Francisco Ribeiro Sampaio lembra que outro acadêmico, Milton Duarte Segurado, viajou para Lisboa, com uma bolsa de estudos, resolvendo-se que a Academia o encarregue de promover intercâmbio com entidades portuguesas, o que se fará em correspondência postal. Francisco Galvão de Castro, referindo-se à conferência que fez na Academia, informa que desenvolverá mais sua tese em publicação da própria Academia, ferindo dois pontos: 1.º, o literato divulgador exerce muito maior influência nas idéias que o pensador; 2.º a literatura atual, tem-se aplicado com exagero, a temas depreciativos para nosso país, como o cangaceirismo, quando muitos são os fatos de engrandecimento da pátria e que oferecem campo para a literatura, como o bandeirismo e outros; louva Afonso d'Ecragnole Taunay, o histo-

riador do bandeirismo, a epopéia que fez a grandeza do Brasil, e lembra também Paulo Setubal cujo jubileu se comemora em Tatuí sua terra natal.

Observa o acadêmico Celso Maria de Mello Pupo que a Paulo Setubal faltam os méritos de historiador, pois em seus trabalhos, exagerou fatos históricos deturpando-os como não se permite a um historiador, não podendo haver paralelo dele com Taunay. Os acadêmicos Francisco Galvão de Castro e Mauricio de Moraes repetem grandes elogios a Paulo Setubal quando o acadêmico Francisco Ribeiro Sampaio chama a atenção dos presentes pela necessidade de distinguir o historiador do literato, havendo assim fundamento em todas as referências ao intelectual de Tatuí, que foi literato de grande valor mas não historiador. Os acadêmicos Teodoro de Sousa Campos Júnior e Lycurgo de Castro Santos Filho, participam desta mesma opinião, lembrando o primeiro que Taunay foi classificado como um dos dez maiores historiadores do mundo, e o segundo citando vários nomes de grandes literatos da literatura universal que produziram trabalhos de fantasia histórica e que não são citados como historiadores.

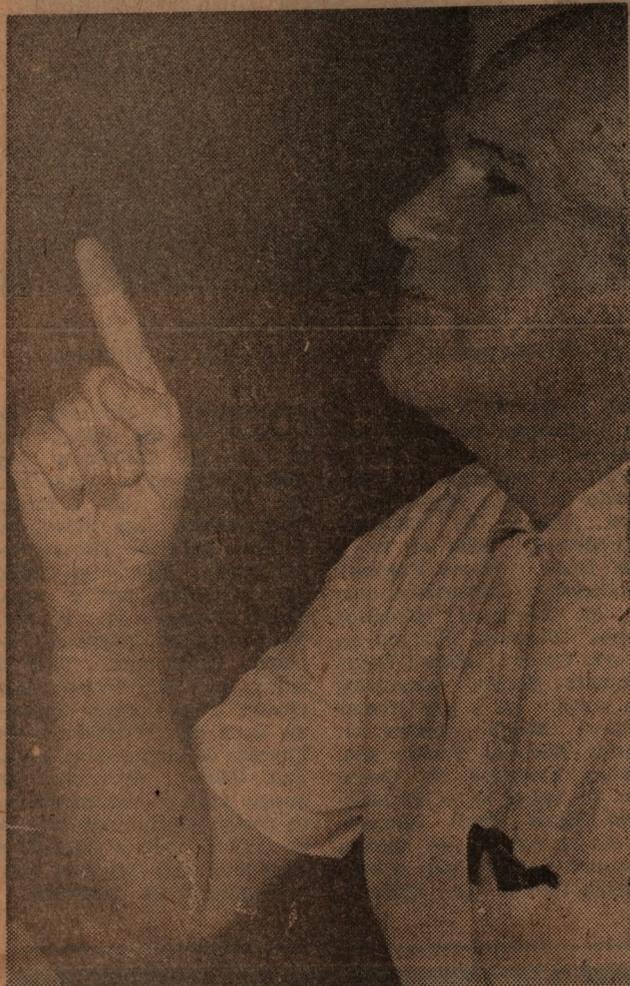
Dada a palavra ao orador da noite, acadêmico Carlos Penteado Stevenson, usou a lendo a parte histórica de uma palestra sobre a mulher brasileira, feita no Rotary Clube por sua esposa Dona Silvia Siqueira Stevenson; muito aplaudido, resolveu a casa consignar um voto de congratulações pelo aniversário da conferencista. Para encerrar, o presidente agradeceu a todos a colaboração dada aos trabalhos da Academia, que teve no ano que se finda, o período de maior brilhantismo nas suas atividades.

Bisneto de Brasileiro na Academia Francêsa

Sabedora de que o sr. Lycurgo de Castro Santos Filho estava de posse de um curioso "furo" literário enviado do Rio de Janeiro pelo ministro Ivan Lins, a reportagem procurou ouvi-lo sobre o assunto e dele obteve a confirmação.

Realmente, disse o entrevistado, o eminente acadêmico Ivan Lins, que Campinas já conhece pois aqui esteve há pouco tempo proferindo conferências, enviou-me uma notícia interessante sobre o bisneto de um brasileiro, um historiador francês que em dezembro passado foi eleito e tomou posse de uma poltrona na Academia Francesa, a mais antiga e o modelo das academias de todo o mundo. Trata-se, continuou o sr. Lycurgo Santos Filho, de Maurice Druon, romancista, teatrólogo, poeta e historiador, autor, entre muitos outros livros, da série histórica intitulada "Os Reis Malditos", vertida para o português pela Difusão Européia do Livro. Comparado a Alexandre Dumás no romanceamento da história, Maurice Druon viu agora a sua obra coroada com a eleição para a Academia Francesa.

Informa Ivan Lins que Maurice Druon é bisneto de Odorico Mendes, homem e letras brasileiro que mereceu a admiração do nosso imperador D. Pedro II. Pois, comentou o entrevistado, Manuel Odorico Mendes nasceu em São Luís do Maranhão em



1799 e morreu em Londres em 1865. Foi jornalista, humorista, poeta e tradutor, como se aprenderá em seguida

na bela página enviada por Ivan Lins e que é aqui publicada na íntegra sob o título de

O Bisneto de Odorico Mendes

IVAN LINS

Dom Pedro II grandemente estimava e admirava Odorico Mendes, que com êle apresentava a afinidade profunda e sólida cultura clássica.

Muito conhecidas são as traduções de Homero e Virgílio feitas por Odorico Mendes. Foram duas façanhas literárias de grande arrôjo, porque preocupado em passar os poemas clássicos para o vernáculo, com quase tantas palavras quantas se encontram nos originais, teve de lançar mão de neologismos, helenismos e latinismos, sempre que as expressões portuguesas tinham de ser mais longas do que as dos poetas a serem vertidos. As vezes, foi de grande felicidade, co-

mo, por exemplo, no passo da «Iliada» onde Juno é caracterizada por Homero como sendo «a deusa dos braços de neve». Odorico, numa adaptação linguística que Guimarães Rosa admiraria e aplaudiria, substituiu as varias palavras que a tradução literal exigiria por um só vocábulo — braquiveadas — mas, só o leitor familiarizado com o grego e o latim é capaz de entender a elegante expressão criada pelo poeta maranhense.

No seu Virgílio brasileiro, em que o mantuano é traduzido em quase tantas palavras quantas as do texto latino, nacionalizou Odorico inúmeros vocábulos já não existentes quando o latim se fez português. Daí haver dito Carlos de Laet ser mais fácil compreender-se o latim-latim de Virgílio do que o português-português de Odorico... Eis por que as suas traduções são hoje manuseadas apenas pelos raríssimos humanistas ainda existentes no país, sendo absolutamente inacessíveis ao comum dos leitores.

Mas se Odorico Mendes, como escritor, se transformou no Brasil de nossos dias, em peça de museu, como homem prossegue a sua trajetória literária através de um brilhante bisneto — Maurice Druon, que, em dezembro último, foi recebido, com grandes aplausos na Academia Francesa, onde sucedeu a Duhamel.

Como se fosse o avatar de seu ilustre bisavô, Maurice seu ilustre bisavô, Maurice Grecia antiga e a sua obra-prima, uma biografia de Alexandre Magno. Tão identificado se mostra com o seu biografado que parece ter vivido na corte de Felipe da Macedônia, ter visto a serpente sagrada no tálamo do rei, entre, êle e Olímpias, havendo estado na antecâmara real na gloriosa noite em que Olímpias deu à luz a Alexandre.

Para os especialistas em genética Maurice Druon deve

constituir objeto precioso de observação à vista de sua predileção pela velha Grécia, através da qual evidentemente, se manifesta a influência hereditária de seu preclaro bisavô brasileiro.

Quem saudou Druon sous la coupole foi Louis Pasteur Valéry-Radot, o qual conta, em seu discurso, haver recebido, na face sendo muito criança um beijo «eruel» de D. Pedro II, decorrene, sem dúvida, da grande barba e bigode do monarca.

Se estivesse presente sous la coupole e tivesse ouvido os discursos de Druon e Louis Pasteur Valéry-Radot, o Visconde de Vogué encontraria, nesses discursos, mais um argumento para sustentar que através dos vivos falam os mortos...

A obra de Maurice Druon é vasta e abrange todos os gêneros literários: romance, história e poesia, sendo êle o autor da famoso *Chant des partisans*, por êle escrito em Londres, em 1943, depois de ter conseguido siar da França em emocionante fuga através da Espanha e Portugal. O seu *Chant des partisans* tornou-se o hino dos mequis da resistencia francesa contra o dominio nazista.

A letra de Maurice Druon foi musicada por Anna Marly e em todos os pontos da França os heróis da resistencia, os combatentes voluntarios e até os prisioneiros nos campos de concentração passaram a entoar êsses versos dolorosos e tristes:

«Ami, entends-tu le vol noir des corbeaux sur nos plaines...»

«Ami, entends-tu les cris sourds du pays qu'on enchaîne...»

Era a alma poética de Odorico Mendes que se modernizara e se expandia através do estro de seu bisneto.

Academia Campinense de Letras: sessão regimental de março

Realizou a Academia Campinense de Letras a sua sessão regimental de março, tendo a presidência o acadêmico Francisco Ribeiro Sampaio, secretário geral, na ausência do presidente em viagem pela Europa, e secretariado pelo acadêmico Carlos Penteado Stevenson.

Estiveram presentes, além dos acadêmicos Francisco José Monteiro Sales, Francisco Galvão de Castro, Mauro Ribeiro Sampaio, Theodoro de Souza Campos Junior, Maurício de

Moraes, Francisco de Assis Iglésias, Luís Felipe da Silva Wiedmann e Hilton Federice.

Foi orador da noite o acadêmico Francisco Galvão de Castro que continuou discorrendo sobre a Anarquia Mental do Mundo Moderno, assunto do qual já se tinha ocupado em sessões anteriores; fez o relato de sua viagem a Montevidéu, onde se avistou com intelectuais do país, o acadêmico Maurício de Moraes, encerrando-se os trabalhos da noite.

"CORREIO POPULAR" - 21/3/1968

Academia Campinense de Letras

Sob a presidência do acadêmico Francisco Ribeiro Sampaio, secretário geral, a Academia Campinense de Letras realizou a sua sessão do mês de março. Na oportunidade o secretário discorreu sobre o anarquia mental do mundo moderno. Em seguida falou o acadêmico Maurício de Moraes para relatar sua recepção nas rondas intelectuais de Montevidéu. Estiveram presentes na sessão, os seguintes acadêmicos: Francisco de Assis Iglésias, Theodoro de Souza Campos Junior, Francisco José Monteiro Sales, Hilton Federice, Mauro Ribeiro Sampaio, Francisco Galvão de Castro, Luiz Felipe da Silva Wiedmann e Maurício de Moraes.

"DIÁRIO DO POVO" - 21/3/1968
(Que salada!)

12/3/1968

Correio Popular

Academia Campinense de Letras

Reiniciando suas atividades literárias, depois do período de férias, realiza a Academia Campinense a sua primeira reunião do ano, na próxima segunda-feira, dia 4, às 20 horas, em sua sede à Av. Francisco Glicério.

Diário do Povo

Academia Campinense de Letras

A Academia Campinense de Letras iniciará suas atividades na segunda-feira, dia 4. Será realizada uma reunião, em sua sede, Av. Francisco Glicério, com início às 20 horas.

Academia Campinense de Letras

Sob a presidência do acadêmico Lycurgo de Castro Santos Filho e a secretaria do acadêmico Carlos Penteado Stevenson, realizou a Academia sua sessão regimental, presentes os confrades Maurício de Moraes, Theodoro de Souza Campos Junior, David Antunes, Celso Maria de Mello Pupo, Waldomiro de Vasconcelos Ferreira, Mauro Ribeiro Sampaio, André Leme Sampaio, Hilton Federice e os visitantes senhorinhas Celeste Maria Borghi, Cláudia Maria Borghi, Isabel Cristina Sales Pontes e o estudante Antonio Sales Pontes.

Lida e aprovada a ata transcorrido o expediente do qual constou um oferecimento do poeta santista Edison Ruiva de Sousa, de seus versos "Os Lenços", tomou a palavra o acadêmico Mauro Ribeiro Sampaio para ler, de sua autoria,

soneto em homenagem ao falecido acadêmico Benedito Sampaio, que comemoraria, seu aniversário a 11 do mês; participou desta homenagem, de modo especial, o acadêmico Maurício de Moraes sucessor na cadeira n. 3.

Leu o presidente, versos de uma campineira, pedindo a opinião dos presentes, tendo-se manifestado os poetas Maurício de Moraes e Mauro Ribeiro Sampaio de aplausos a poetisa, depois do que o presidente declinou o seu nome, senhorinha Rosali de Freitas Pagano.

Para saudar os visitantes, usou da palavra o acadêmico Maurício de Moraes, que prestou também uma homenagem ao secretário Carlos Penteado Stevenson lendo um soneto que lhe oferecera.

Proposto pelo acadêmico Theodoro de Souza Campos

Junior um voto de feliz regresso ao presidente, agradeceu este relatando, a pedido dos presentes, os mais pitorescos episódios de sua viagem, encerrando em seguida os trabalhos.

MINA ISRAELENSE MATA TÉCNICOS JORDANIANOS

Dois técnicos jordanianos morreram ontem e outro ficou ferido em consequência da explosão de uma mina israelense colocada na Jordânia. O veículo em que viajavam os técnicos passou sobre a mina que em seguida explodiu. O incidente se verificou ao sul do Mar Morto.

ACADEMIA CAMPINENSE DE LETRAS

Presidida por Lycurgo de Castro Santos Filho e secretariada por Carlos Penteado Stevenson, realizou a Academia Campineira de Letras a sua sessão regimental de maio. Estiveram presentes os convidados Dante Alighieri Vita, Antonio Sales Fontes, Isabel Cristina Sales Fontes e Maria Belmira Nogueira, e os acadêmicos David Antunes, André Leme Sampaio, Mauricio de Moraes, Francisco Galvão de Castro, Theodoro de Souza Campos Júnior, Francisco Ribeiro Sampaio, Francisco de Assis Iglésias, Mauro Ribeiro Sampaio, Hilton Federice e Milton Duarte Segurado.

Usou da palavra para um brilhantíssimo elogio de Cleómenes Campos, o literato professor Dante Alighieri Vita que discorreu com elegância e erudição; seguiu-o para falar, também com muito apuro e geral agrado, o acadêmico David Antunes que acaba de publicar em nova edição os seus trabalhos "Bagunça" e "Gente Moça" tendo no prelo o livro "O Pastor e as Cabras", editado pela Saraiva.

Tomaram os acadêmicos conhecimento das doações, de Ruy Martins Ferreira de 107 volumes de valor, para a biblioteca da Academia, do acadêmico Milton Duarte Segurado, de obras trazidas de sua recente viagem a Portugal, e do professor Ernesto de Sousa Campos dos seus trabalhos "História da Medicina e dos Hospitais" e "Lendas e Mitos".

Trinidade!
Correio Popular
19/5/1968

Academia de Letras

Presentes os acadêmicos Francisco de Assis Iglésias, André Leme Sampaio, David Antunes, Milton Duarte Segurado, Francisco Galvão de Castro, Theodoro de Souza Campos Júnior, Francisco Ribeiro Sampaio, Hilton Federice, Mauro Ribeiro Sampaio e Mauricio de Moraes, a Academia Campinense de Letras realizou sua sessão de maio, sob a presidência do acadêmico Lycurgo de Castro Santos Filho, secretariada a reunião pelo acadêmico Carlos Penteado Stevenson. Viam-se presentes os convidados srs. Dante Alighieri Vita, Antonio Sales Fontes, Isabel Cristina Sales Fontes e Maria Belmira Nogueira.

Foram oradores da noite, Dante Alighieri Vita que discorreu sobre a personalidade de Cleómenes Campos; André Leme de Sampaio, sobre o médico Alvaro de Andrade Miller e Lycurgo de Castro Santos Filho que discorreu sobre a obra literária de David Antunes, com quem a Academia congratulou-se, com voto em ata, pela publicação de suas obras "Bagunça", "Gente Moça", e "O Pastor e as Cabras".

Registraram-se para a biblioteca da Academia, as doações de 107 volumes de obras valiosas, por Ruy Martins Ferreira, de obras portuguesas por Milton Duarte Segurado que retornou de Portugal recentemente e de "Lendas e Mitos" e "História da Medicina e dos Hospitais" por Ernesto de Sousa Campos. Foram consignados votos de pesar pelo falecimento de Paulo Alvares Lobo Filho, Afonso Pena Junior e Mario Siqueira Filho.

Diário do Povo
19/5/1968

Academia Campinense de Letras

Com a presença dos acadêmicos Lycurgo de Castro Santos Filho, presidente, Carlos Penteado Stevenson, secretário, Francisco Galvão de Castro, Theodoro de Souza Campos Junior, Mauro Ribeiro Sampaio, Francisco José Monteiro Sales, Luís Felipe da S. Wiedmann, Celso Maria de Mello Pupo, Hilton Federice, Waldomiro de V. Ferreira, Milton Duarte Segurado e dos convidados Dante Alighieri Vita e Disrael Ramos, realizou a Academia sua sessão regimental.

Abrindo os trabalhos, depois de lida a ata anterior, discorre o presidente sobre o ano cabralino, lembrando a possibilidade de ser ouvido na Academia de História da Medicina e do Instituto Histórico de São Paulo, que pronunciou brilhante conferência sobre "Os restos mortais de Pedro Álvares Cabral".

Theodoro de Souza Campos Junior, com elogios a este intelectual, comenta o talento com que Divaldo de Freitas fez o elogio de quatro premiados pelo Pen Club; evidenciou ainda, as atividades do presidente da Academia Campinense que vem conquistando um grande relevo nos meios intelectuais, sempre convidada e sempre presente pela pessoa do presidente, às tertúlias literárias da capital nas quais recebe especial tratamento, como na última sessão do Instituto Histórico em homenagem ao campineiro Alfredo Guedes, presentes os acadêmicos Lycurgo de Castro Santos Filho, Celso Maria de Mello Pupo e Theodoro de S. Campos Junior.

O acadêmico Hilton Federice fala a respeito da aquisição de nova sede para a Academia, pois a atual já se tornou exigua; relata as providências que tomou para confecção dos retratos dos patronos, para o que é nomeada pelo presidente uma comissão composta do orador e do acadêmico Celso Maria de Mello Pupo.

Dando-se a palavra ao professor Dante Alighieri Vita, discorreu ele em apreciação ao trabalho em verso "Tango-

lomango", e sobre a personalidade do seu autor, o falecido acadêmico Benedito Sampaio, destacando as belezas da produção poética e os dotes intelectuais e morais do autor, com grande agrado dos ouvintes. O acadêmico Waldomiro de Vasconcelos Ferreira leu, de sua autoria "Poema de um Velho Guarda-Chuva", muito apreciado e que, como disse o presidente, lembra "A Mão e a Luva" de Olegário Mariano. Usou da palavra o

acadêmico Carlos Penteado Stevenson para ler versos de sua neta Maria Regina Mangabeira Albernaz, seguindo-o o convidado Disrael Ramos, universitário, membro da Academia de L. da Universidade Católica, que declamou soneto de sua autoria e dedicado à Academia Campinense.

Com agradecimentos e convite para novos comparecimentos de professores e universitários, o presidente encerrou os trabalhos.

Academia de Letras

Realizou a Academia sua reunião do mês, presentes os acadêmicos Lycurgo de Castro Santos Filho, presidente, Carlos Penteado Stevenson, secretário, Waldomiro de Vasconcelos Ferreira, Milton Duarte Segurado, Celso Maria de Mello Pupo, Hilton Federice, Luís Felipe da Silva Wiedmann, Francisco José Monteiro Sales, Mauro Ribeiro Sampaio, Theodoro de Souza Campos Junior e Francisco Galvão de Castro, e mais os convidados Dante Alighieri Vita e Disrael Ramos.

Lembrou o presidente a transcorrença do ano cabralino, tendo escolhido para as solenidades da Academia o brilhante orador Divaldo Gaspar de Freitas, membro da Academia de História da Medicina que já pronunciou brilhante conferência na capital sobre "Os restos mortais de Cabral" apoiado pelo plenário, fez maiores referências ao acadêmico Divaldo de Freitas, Theodoro de Souza Campos Junior, recordando a atuação daquele intelectual no Pen Clube de São Paulo. Este mesmo acadêmico re-

fere-se à evidência que está gozando a Academia Campinense, sempre solicitada pelas entidades culturais da capital e sempre representada pelo presidente e por demais acadêmicos.

Tratou da aquisição da nova sede para a Academia, por já estar exigua a atual, assim como da colocação dos retratos dos patronos, o acadêmico Hilton Federice que, com o acadêmico Celso Maria de Mello Pupo, passou a constituir comissão especial para o segundo assunto.

Na parte literária falou o professor Dante Alighieri Vita, sobre a personalidade do falecido acadêmico Benedito Sampaio, e sobre a sua produção poética "Tangolomango". O acadêmico Waldomiro de Vasconcelos Ferreira leu "Poema de um velho guarda-chuva", sua produção poética, lendo o acadêmico Carlos Penteado Stevenson versos de sua neta Maria Regina Stevenson Mangabeira. Finalmente falou o convidado Disrael Ramos, membro da Academia da Universidade Católica, que recitou um soneto seu em homenagem à Academia, recebendo fartos aplausos. Convidando os acadêmicos universitários para novos comparecimentos, o presidente encerrou os trabalhos.

Correio Popular - 6/6/1968

Diário do Povo - 6/6/1968.

Academia Campinense de Letras

Continuam as excelentes reuniões da Academia Campinense de Letras, o nosso sodalício, aquele rico ponto-de-encontro de todos os que dedicadamente entregam parcela substancial de seu tempo ao cultivo das mais belas letras, de todos os pronunciamentos da sensibilidade dos homens.

Os encontros mensais dos acadêmicos têm ensejado exames percucientes de temas de literatura pura, de personalidades que exornam o nosso florilégio cabôclo, e, principalmente, do exame esplêndido das produções dos próprios acadêmicos, que assim preparam o futuro acervo da Academia Campinense de Letras.

Estes encontros têm sido apontados por todos nós como o tesouro que todos os acadêmicos mantêm, bem guardado, do amor à literatura, aos valores concretos da alma, através da produção cultural.

É preciso, então, que nossos melhores líderes sociais, todos os que acompanham o desenvolvimento da cidade, que se dediquem ao estudo dos resultados dos registros que ali se tecem, e, que quando a Academia realizar as suas sessões públicas, que todos os campineiros as prestigiem com a sua presença e estímulo.

Acreditamos que os serviços que vêm sendo prestados pela Academia Campinense de Letras não têm medida no momento em que vivemos, porque é preciso que a perspectiva histórica venha nos dizer o que realizam, e, principalmente quais as vinculações que se hão de identificar com a riqueza da terra, com a sua formação e informação cultural.

A Academia deve realizar sessões públicas, cursos e ciclo de conferências e nesse momento é preciso que todos os mais interessados cidadãos procurem fazer com que seus filhos e os alunos de nossos estabelecimentos entendam o porque de tal dedicação às coisas menos materiais da vida.

Esta a nossa Academia Campinense de Letras, o seu significado e os serviços que presta e prestará à cidade e sua gente.

Academia Campinense de Letras

Em sessão regimental da Academia, estiveram presentes os acadêmicos Lycurgo de Castro Santos Filho, presidente, Carlos Penteado Stevenson, secretário, Francisco Galvão de Castro, Waldomiro de Vasconcelos Ferreira, Francisco Ribeiro Sampaio, Milton Duarte Segurado, Theodoro de Souza Campos Junior, Mauricio de Moraes, Francisco de Assis Iglésias, David Antunes e Celso Maria Mello Pupo, e os convidados Maria Belmira Nogueira, Isabel Cristina Sales Fontes, Dante Alighieri Vita e Antonio Sales Fontes. Lida a ata, o presidente comunicou o falecimento do acadêmico Monsenhor Emilio José Salim, morte que causou profundo pesar em toda cidade, figura estimadíssima, educador emérito conhecido em todo país e de enorme prestígio nos meios universitários, literários, religiosos e administrativos de nossa pátria; por proposta do presidente, fizeram os acadêmicos um minuto de silêncio, de saudade e homenagem ao brilhante confrade. Com este falecimento, o presidente declarou vaga a cadeira numero um da Academia.

Propoz, ainda o presidente que a Academia se manifestasse ao seu sócio honorário acadêmico Aureliano Leite, a simpatia dos confrades pela sua candidatura à Academia Brasileira de Letras, o que foi aprovado; comunicou, ainda, o recebimento da obra "Invenção da Cidade" oferecido à Academia pelo seu autor Clemente Luz. Falou o acadêmico Mauricio de Moraes sobre sua palestra no Centro de Ciências, seguido de Dan-

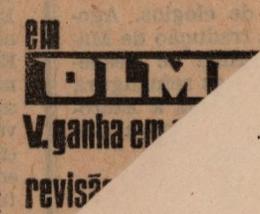
te Alighieri Vita que teceu elogios a esta palestra. O acadêmico Milton Duarte Segurado lembrou a passagem em 15 de agosto, do 80.º aniversário natalício de Agripino Grieco, o grande intelectual brasileiro que está ultimando suas memórias e uma história da literatura pátria, a quem a Academia, oportunamente, prestará suas homenagens, conforme proposta do acadêmico Francisco Ribeiro Sampaio. Usaram da palavra o acadêmico Theodoro de Souza Campos Junior, para propor que se organize uma galeria de retratos dos sócios falecidos como se está fazendo dos patronos, o que foi aprovado; o acadêmico Francisco de Assis Iglésias que trouxe recordações de Vital Brasil, e o acadêmico Mauricio de Moraes para elogiosas referências a obra "Banguça" do acadêmico David Antunes, na qual seu autor revela um talento moço e a sua acuidade de observação como escritor elegante que é. Lembrou o presidente que à sessão de agosto comparecerá o intelectual Divaldo Gaspar de Brito para falar do quinto centenário de Pedro Álvares Cabral; declarou aberta a inscrição para eleger-se um novo acadêmico a ser ocupante da cadeira numero dois e para a qual os candidatos deverão se inscrever até o dia cinco de agosto, apresentado na forma estatutária, provas de serem maiores de trinta anos, residentes em Campinas, e de terem publicado obra ou "obras literárias ou científicas de reconhecido mérito".

Dada a palavra ao orador da noite, Dante Alighieri Vita discorreu sobre Antero Bloem, o campineiro autor do celebrado soneto "Cristo de Marfim", no que foi muito aplaudido. Em seguida falou o visitante Antonio Sales Fontes, aluno do colégio estadual Vitor Meirelles, que externou seu juízo sobre a Academia, no seguinte lavor literário: "É bom conhecer, é melhor viver conhecendo.

Era uma noite fria, o relógio marcava oito horas, lá fora um ventinho, uma surpresa, a Academia Campinense de Letras...? Entramos, uma salinha clara, ambiente agradável. Logo outros chegaram, foram apresentados e tomaram seus lugares. A sessão começou. Um velhinho-jovem com palavras nobres, talvez princesas da lingua portuguesa, surpreendeu-nos com a leitura rápida e imperiosa do livro de atas. Neste leu os fatos da sessão próxima passada. Nós matamos nossa surpresa, duas sessões plenamente literárias, duas amáveis reuniões. Foram horas longas pelos conhecimentos, foram horas de poesias, de palavreados de amor, de ternura e luto. Um moço levantou-se e deu-nos uma profunda semente do seu luto. Era sobre seu pai, morrera alguns anos atrás. O papel percebia o sentimento deste jovem; era seu pai, o pai que ele via entre os amigos, o seu pai... Os velhos só são velhos quando querem, fazendo o seu mundo ficar velho. Ser jovem é saber viver, é saber ser alegre de coração, é saber amar e saber descobrir... São homens que englobam dentro de si a juventude, são homens que palpitam a mocidade. São poetas e oradores que percebem o nascer de mais um sol e colhem seus talentos no ventinho de mais uma noite. Ser feliz não é ser só poeta, ser feliz é acompanhar a beleza do mundo sendo poeta. Academia, nosso louvor. Academia, nosso regozijo. Leve sempre esta felicidade, pelos segundos do seu caminho".



0,50
73



"Diário do Povo"
4/7/1968
(resumo da notícia
enviada)

Academia Campinense de Letras realizou reunião

A Academia Campinense de Letras realizou sua sessão ordinária, oportunidade em que o presidente Lycurgo de Castro Santos Fidedicou a noitada ao acadêmico monsenhor Emilio José Salim, que deixou vaga a cadeira de número dois, sendo que para o seu preenchimento foram abertas inscrições até o dia 5 de agosto, em obediência à forma regimental. Para tal devem os candidatos apresentar obra publicada, literária ou científica de re-

conhecido mérito, atendendo ainda os requisitos de residirem em Campinas e contarem mais de trinta anos de idade. O orador da noite foi Dante Alighieri Vita, o qual discorreu sobre o campineiro Antero Bloem, autor do soneto "Cristo de Marfim".

Para a sessão de agosto os acadêmicos assistirão à conferência do intelectual Divaldo Gaspar de Freitas que discorrerá sobre o quinto centenário de Pedro Álvares Cabral.

Academia Campinense de Letras preenche vaga de Mons. Emílio José Salim

Em sessão secreta, elegeu a Academia Campinense de Letras o novo ocupante da sua cadeira número dois, vaga com a morte do saudoso monsenhor Emílio José Salim. Foi eleito o professor Dante Alighieri Vita, intelectual, componente de várias entidades culturais, como o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, o Clube da Poesia de Campinas, participando da atual diretoria do Centro de Ciências, Letras e Artes, no qual é presidente do Departamento de Literatura.

Em seguida, realizou-se a sessão pública, sendo orador da noite o sr. Nivaldo Gaspar de Freitas, médico e historiador, membro do Instituto Histórico e do Pen Clube de São Paulo, que discorreu sobre "Os Restos Mortais de Pedro Alvares Cabral", comemorando a Academia o ano cabralino.

Apreciadíssima foi a conferência do dr. Freitas, versado com maestria sobre toda a documentação existente a respeito do sepultamento de Cabral, assim como sobre as pe-

ricias para identificação dos seus restos mortais.

Presidiu os trabalhos o acadêmico Licurgo de Castro Santos Filho, secretariado por Carlos Penteado Stevenson; presentes mais os acadêmicos Francisco Ribeiro Sampaio, Paulo da Silva Pinheiro, Teodoro de Sousa Campos Junior, Francisco Galvão de Castro, Valdomiro de Vasconcelo Ferreira, Maurício de Moraes, Mauro Ribeiro Sampaio, André Leme Sampaio, Francisco de Assis Iglésias, Milton Duarte Segurado, Francisco José Monteiro Sales, Hilton Federice, Marino Falcão Lopes e Celso Maria de Mello Pupo. Compareceram também os convidados Isabel Cristina Sales Fontes, Heloisa Helena Sales Nogueira, Maria Belmira Nogueira, Heloisa Castro Santos, Marion Ruhe, Hélio Duarte de Arruda, Antonio Sales Fontes e Hédio Fortunato G. de Freitas.

"CORREIO POPULAR"

Eleição na Academia Campinense de Letras

Sob a presidência do acadêmico Licurgo de Castro Santos Filho e secretaria do acadêmico Carlos Penteado Stevenson, realizou a Academia sua sessão regimental, sendo secreta para a eleição do novo ocupante da cadeira dois deixada pela morte de Monsenhor Emílio José Salim. Foi eleito Dante Alighieri Vita, nome prestigiadíssimo nos meios intelectuais, membro de várias entidades de cultura, professor e diretor do departamento de literatura do Centro de Ciências.

Na parte pública da sessão, com a presença dos acadêmicos Valdomiro de Vasconcelos Ferreira, Francisco Galvão de Castro, Teodoro de Sousa Campos Junior, Paulo da Silva Pinheiro, Francisco Ribeiro Sampaio, Celso Maria de Mello Pupo, Marino Falcão

Lopes, Hilton Federice, Francisco José Monteiro Sales, Milton Duarte Segurado, André Leme Sampaio, Francisco de Assis Iglésias, Mauro Ribeiro Sampaio e Maurício de Moraes, e os convidados Heloisa Castro Santos, Marion Ruhe, Heloisa Helena Sales Nogueira, Isabel Cristina Sales Fontes, Maria Belmira Nogueira, Hédio Fortunato Gaspar de Freitas, Hélio Duarte de Arruda, e Antônio Sales Fontes, pronunciou brilhante conferência o Doutor Nivaldo Gaspar de Freitas.

Discorreu o conferencista sobre "Os Restos Mortais de Pedro Alvares Cabral", muito agradando por sua segurança de conhecimentos históricos e acuidade e profundidade nas pesquisas e conclusões expostas com elegância de falar, sendo aplaudidíssimo.

"DIÁRIO DO POVO"

O tempo e a Igreja

STÊNIO PUPO NOGUEIRA

Padres são presos em meio a operários e saem às ruas irmanados com jovens estudantes. Nas mensagens de bispos transparecem a voz e a revolta dos espoliados. Teólogos, outrora abstratos, omissos, inseridos em categorias metafísicas, descem às planícies humanas e exprimem a linguagem da terra. Entre grandes líderes do pensamento católico, erguem-se muralhas discrepantes. Pelas praças e esquinas das cidades, uns moços aflitos, intitulado-se guardiões da propriedade, da tradição e da família, desfaldam púrpuras bandeiras estampadas, e conclamam o povo para uma nova cruzada: — a de salvar a Igreja, ameaçada nas suas bases, infiltrada pelo comunismo, e na iminência de se difundir e se absorver entre as tônicas contundentes do marxismo-leninismo.

Esse é o esboço apagado de um quadro. Há, entretanto, nas suas implicações mais profundas, um compasso, um tumulto, uma estranha e incômoda paisagem da História.

Afinal, o que está acontecendo? Uma insurreição, uma retomada de consciência, um desvio, uma dissolução, um medo? Mal podemos ensaiar uma resposta, especialmente nós, os que nos sentimos confundidos e deambulamos por aí, à busca de roteiros talvez perdidos para sempre. Mas como aprofundar o nosso silêncio, conservar a fria imobilidade que nos domina, como afogar os ímpetos primordiais da nossa razão, se as próprias milícias avançadas da velha Igreja já se puseram a caminho, enquanto lá fora vozes semi-mortas insistem ainda em imitar o ritmo vital e enganar a tantos?

Estranho momento êsse! Quando a Igreja intenta reinvencular-se às suas origens e se identificar com o Homem Cristo, com o Deus que se fez proletário, nesse instante preciso, investem contra Ela e apontam-na aos tribunais do mundo como ré por crime de subversão. Quando Ela levanta finalmente a cruz e a faz balouçar sobre as multidões, transfeita em bandeira de justiça e de liberdade, nessa hora, os que se vergam escravizados à tradição, não mais reconhecem a cruz e a olham como a uma figura distorcida, assumindo os contornos de dois símbolos sobrepostos: a foice e o martelo.

É verdade que somos enganados frequentemente, e mal podemos distinguir, por entre os cenários mopeados do imenso palco, a tessitura real das coisas e das almas. Dentro de nós e fora de nós mesmos, mil farsas se hipostasiam e cintilam como se fossem luzeiros. Mas a conduta desses homens da Igreja, misturados com operários em greves ilegais e hobreando com a juventude rebelada, sobrepõe-se ao nosso mundo de suspeições. Ninguém, jamais, conseguirá fazer com que se desvaneça e se apague a chama dessa insólita atitude, e as suas denúncias, seus preságios, suas pontas de lança.

A Igreja Católica, vencedora das eras, a que assumiu primeiro o estandarte cristão e o arrancou das voragens do tempo e fê-lo pairar sobre tôdas as tempestades e trazê-lo até nós, começa encontrar-se a si mesma, transfundindo-se em sua própria essência. Apontada como cúmplice dos poderosos, essa Igreja que transacionou com os ricos e dividiu o poder com castas seculares de opressores, está extirpando as raízes dissecadas e redescobre a própria alma. Agora Ela se encaminha para se contemplar, não como avalista de estruturas mortas, não apenas como artífice e centro de liturgias, mas como serva do povo, companheira fiel de suas lutas e participe de suas legítimas revoltas.

Não há dúvida que a Igreja julga chegada a hora de agitar as mãos e livrar-se das tenazes que a prendiam. Não há dúvida que Ela se despoja da piedade inerme e humilhante para revestir-se da justiça altiva e criadora. Ela sente o abalo que vai mudando a amarga aceitação dos limites e busca eliminar a dissonância que divide os homens, tentando unir o que os séculos lutaram por desunir. Não pode ficar alheia de todo um universo, deixar de ser coearente com Cristo e aliar-se aos que lutam por uma nova humanidade.

Atental, pois, os que acusam a Igreja e aos seus pastores que seguem à frente, com rútilas flâmulas tatalando ao vento! Mais um pouco e já não vereis uma Igreja a gosto da burguesia, revestida de luminárias e adornos, magestosa na sua heráldica grandeza. Mais um pouco e vereis a Igreja usar as forças que lhe foram dadas para recuperar o longo tempo perdido, os trágicos abandonos, as tristes transigências com o arbítrio e os interesses dos potentados. Mais um pouco e vereis, talvez, a Igreja transmutar-se em novo, qual um Cristo vivo, e empunhar a chibata com que um dia expulsou do templo os traficantes e embusteiros.

NO MUNDO DOS LIVROS

Correspondência:
L. G. HORTA LISBÔA
Rua Barão de
Paranapanema, 110
Campinas — SP

Dante Alighieri Vita

Para a cadeira n.º 2 da Academia Campinense de Letras, vaga com o falecimento do monsenhor Emílio José Salim e que tem como patrono Dom Nery, foi eleito o conhecido escritor e poeta Dante Alighieri Vita.

Dante Alighieri Vita nasceu em Atibaia, neste Estado, a 7 de outubro de 1911. Fêz o curso primário e o secundário em diversos estabelecimentos de ensino. É licenciado nas Secções de Letras Clássicas e Línguas Estrangeiras da Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, é formado pela Faculdade de Direito da mesma Universidade, é diplomado pela União Cultural Brasil-Estados Unidos e pela Câmara Inglesa de Comércio de São Paulo.

Fêz Carreira no ensino secundário oficial e no momento exerce o cargo de Inspetor do Ensino Secundário e Normal em Campinas mas nunca deixou de escrever. É membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, da Academia de Letras da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo e da União Brasileira de Escritores, bem como consultor do Instituto Técnico Pedagógico do Rio de Janeiro. Pertence à Sociedade de Estudos Filológicos, ao Clube de Poesia e à Associação Paulista de Imprensa, tendo participado, em 1946, do 1.º Congresso Paulista de Escritores, em Limeira, e do Congresso de História do IV Centenário de São

Paulo, em 1954. Entre as suas muitas palestras e conferências, destacam-se 'Euclides da Cunha e a função do escritor', feita na Semana Euclidiana de 1950, em São José do Rio Pardo e "Aspectos Históricos e Culturais de Mogi-Mirim", em 1952, pronunciada no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Esteve dois anos na Europa. Alguns de seus trabalhos literários foram comentados pela "Revista de Estudos Ibero-Americanos", de Sevilha. O seu nome faz parte do Dicionário de Autores Paulistas, de Luiz Corrêa de Melo e do Dicionário "Brasil e Brasileiros de Hoje" de Afrânio Coutinho. Possui a medalha cultural "Imperatriz Leopoldina" e tem colaborado em dezenas de jornais e revistas de todo o Brasil.

Esta é a bibliografia de Dante Alighieri Vita: "Roteiro de Cem Obras Americanas", 1948; "Poetas Paulistas", 1950; "Cinzas das Horas", 1951; "Administração e Civismo", 1953 e "João Teodoro Xavier e seu tempo", 1954. Tem prontos para publicação: "Poetas do Brasil", "Roteiro das Cem Obras Inglesas" e "Seria tão fácil..." (poemas).

Estas três opiniões mostram o valor de Dante Alighieri Vita como poeta e escritor: "É um escritor claro e culto" (Menotti Del Picchia); "Crítico literário de elevado senso artístico de expressão" (Oliveira Ribeiro Neto) e "É daqueles que o verso tem corpo e alma" (Agrippino Grieco).

Em Campinas, Alighieri Vita pertence ao Rotary Clube de Campinas, ao Clube dos 21 Irmãos-Amigos e ao Clube dos Poetas, sendo ainda, diretor da Secção de Literatura do Centro de Ciências, Letras e Artes



ACADEMIA CAMPINENSE DE LETRAS

Foi a sessão deste mês da Academia dedicada à apresentação da poetisa paulista, mas de família que teve o tronco dos seus antepassados em Campinas, a senhora Margarida Helena Nogueira. Falaram os acadêmicos Francisco de Assis Iglésias, Maurício de Moraes para saudar a poetisa, homenageada ainda nas palavras de Mauro Ribeiro Sampaio, Dante Alighieri Vita com um juízo sobre as poesias de Margarida. Waldomiro de Vasconcelos Ferreira que a homenageou com versos seu inéditos, e o poeta Antônio dos Santos dizendo versos de sua autoria. A poetisa agradeceu declamando versos de sua autoria pelo que recebeu calorosos aplausos.

Estiveram presentes Lycurgo de Castro Santos Filho presidente; Carlos Penteado Stevenson, secretário; Francisco de Assis Iglésias, Paula da Silva Pinheiro, Hilton Federice, Waldomiro de Vasconcelos Ferreira, Teodoro de Souza Campos Júnior, Francisco Galvão de Castro, Celso Maria de Mello Pupo, Mauro Ribeiro Sampaio, Dante Alighieri Vita, Maurício de Moraes, Francisco José Monteiro Sales e Milton Segurado, acadêmicos; e os visitantes o poeta Antônio dos Santos, Maria Signorine Camargo, Armando de Oliveira Nogueira, a poetisa Margarida Helena Nogueira, a pianista Heliete Regina Penteado Cirino, Telma Lúcia Afonso Cardoso, Nidil Amélia Siqueira, Olindo Menezes, José Pascoal da Silveira e Benedito Gonçalves Cirino.

"CORREIO POPULAR"

Academia de Letras

A Academia Campinense de Letras realizou mais uma sessão, presentes os acadêmicos Lycurgo de Castro Santos Filho, presidente, Carlos Penteado Stevenson, secretário, Francisco de Assis Iglésias, Paulo da Silva Pinheiro, Hilton Federice, Teodoro de Souza Campos Júnior, Waldomiro de Vasconcelos Ferreira, Francisco Galvão de Castro, Celso Maria de Mello Pupo, Mauro Ribeiro Sampaio, Dante Alighieri Vita, Maurício de Moraes, Francisco José Monteiro Sales, e Milton Segurado. Estiveram presentes os convidados, Sonia Maria Signorine Camargo, o poeta Antônio dos Santos, Armando de Oliveira Nogueira, a poetisa Margarida Helena Nogueira, a pianista Heliete Regina Penteado Cirino, Telma Lucia Afonso Cardoso, Nidil Amélia Siqueira, Alindo Menezes, José Pascoal da Silveira, e Benedito Gonçalves Cirino.

Usaram da palavra os acadêmicos Francisco de Assis Iglésias e Maurício de Moraes, para apresentar e saudar a poetisa Margarida Helena Nogueira, que ainda foi homenageada por Mauro Ribeiro Sampaio e Dante Alighieri Vita que leu um juízo sobre a poesia de Margarida, e Waldomiro de Vasconcelos Ferreira que homenageando a mesma poetisa, leu seus versos "A Casa Grande" inspirada na residência do acadêmico Souza Campos. Agradecendo, a poetisa leu versos seus, inéditos, que foram grandemente aplaudidos.

ACADEMIA CAMPINENSE PROMOVE REUNIÃO

Realizou-se a sua sessão regimental a Academia Campinense de Letras, com a presença dos acadêmicos Lycurgo de Castro Santos Filho, presidente; Carlos Penteado Stevenson, secretário; Francisco Galvão de Castro, Theodoro de Sousa Campos Junior, David Antunes, Francisco de Assis Iglésias, André Leme Sampaio, Celso Maria de Mello Pupo, Dante Alighieri Vita, Francisco Ribeiro Sampaio e Hilton Federice; e os convidados, senhora Francisco Galvão de Castro e o escritor Julio Silveira Sudário.

Iniciando, o presidente saudou os visitantes, pondo em relevo os dotes do intelectual Silveira Sudário, historiador e romancista com obras publicadas e outra a publicar, atualmente da livraria que acaba de oferecer seu auditório em montagem, para que a Academia nele também realize reuniões, oferecimento que sensibiliza a Academia e que será aceito oportunamente. Falou em seguida o acadêmico Dante Alighieri Vita, sobre o octogenário de Agripino Grieco, ainda lembrando a palestra feita pelo acadêmico Milton Duarte Segurado, que discorreu rememorando a personalidade do mesmo literato. O acadêmico Theodoro de Sousa Campos Junior pediu que se registrasse o seu agradecimento ao confrade Valdomiro de Vasconcelos Ferreira, pela homenagem que lhe prestou em verso, propondo um voto de consideração e estima a Dom Paulo de Tarso Campos, arcebispo resignatário de Campinas, ao que acrescentou o acadêmico Francisco Ribeiro Sampaio proposta de a Academia fazer uma visita à Sua Excelência; aprovadas as duas propostas, nomeou o presidente a comissão para esta visita.

Foi dada a palavra ao orador da noite, acadêmico Francisco Galvão de Castro, que discorreu sobre "A Literatura Moderna e a Descaracterização da Nossa Tradição Cultural", recebendo calorosos aplausos.

Correio Popular - 11/10/1968

Academia Campinense de Letras

A Academia Campinense de Letras realizou mais uma de suas reuniões, oportunidade em que falou o sr. Francisco Galvão de Castro, tecendo considerações sobre a literatura moderna e a descaracterização da nossa tradição cultural. Naquela oportunidade o presidente Lycurgo de Castro Santos Filho lembrou aos presentes as qualidades intelectuais do escritor Julio Silveira Sudário, seguindo-se o acadêmico Dante Alighieri Vita, o qual discorreu sobre Agripino Grieco, sendo que, posteriormente, os srs. Sousa Campos e Francisco Ribeiro Sampaio homenagearam a figura de Dom Paulo de Tarso Campos.

Compareceram ainda à reunião da Academia Campinense de Letras os srs. David Antunes, Francisco de Assis Iglésias, André Leme Sampaio, Hilton Federici, Francisco Galvão de Castro, Theodoro de Sousa Campos Junior, Celso Maria de Mello Pupo e os convidados, sra. Galvão de Castro e Julio Silveira Sudário.

Diário do Povo - 11/10/1968

"Correio Popular" - 27/10/1968.



VIAGEM A PORTUGAL — O dr. Licurgo de Castro Santos F.o, médico dos mais ilustres e escritor de alto gabarito, estudioso da História da Medicina, presidente da Academia Campinense de Letras, foi distinguido pela Fundação "Calouste Gulbenkian", com uma bolsa de estudos, a fim de pesquisar nos arquivos de Portugal, pelo espaço de 5 meses, a influência da medicina portuguesa

na brasileira, nos séculos XVI, XVII e XVIII. Por este motivo, os drs. Gerin e Luiz Antonio Pompeo de Camargo, com os seus auxiliares, ofereceram sexta-feira última um jantar de despedida no Restaurante Barão. Na foto, um flagrante do ágape, vendo-se o dr. Licurgo ao centro, ladeado pelos colegas, médicos Gerin e Antonio Pompêo e auxiliares.

O lealismo, força de coesão da Comunidade Lusíada

GALVÃO DE CASTRO

Sem uma força de coesão interna, nenhum grupo social se mantém íntegro por longo tempo, quer seja ele grande ou pequeno, quer seja uma simples parceria, quer seja um vasto império multinacional. Isto, porque os grupos sociais que perduram indissolúveis são aqueles que chegam a assumir a forma de uma comunidade de cultura, de aspirações, de interesses, se não de todo idênticos, pelo menos coerentes. A comunidade assim organizada constitui um grupo social "por coesão", porque os indivíduos que os integram comungam das mesmas idéias e têm o mesmo ideal. Mas os grupos sociais "por adesão" são instáveis e efêmeros, pois se aglutinam apenas por um interesse ocasional. As sociedades para fins comerciais e os partidos políticos são exemplos típicos de tais consórcios de formação precária. Quando cessa o interesse que determinou a associação, os cidadãos interesseiros que a compunham começam a desinteressar-se pela sua permanência, e assim ela se dissolve. Enfim, os grupos sociais "por compressão", só se mantêm pela pressão de forças externas, e desaparecem logo que deixa de atuar tal pressão. Acontece com esses grupos o mesmo que se dá com os gases liquefeitos por compressão. Cesando esta, eles prontamente se evaporam. Foi o que sucedeu com o império napoleónico. É o que fatalmente sucederá com o império soviético... Pois é somente o medo que compele os trabalhadores russos, ganhando bem menos do que os operários assalariados do regime capitalista, a trabalhar, trabalhar cada vez mais, para enriquecer a superpotência imperialista, que esbanja rios de dinheiro para aumentar os seus armamentos, a fim de poder realizar o seu louco intento: o domínio do mundo. Tudo o que é desumano, mais cedo ou mais tarde, será repudiado pela natureza humana, que delira às vezes, mas não deixa de pregar a sensatez.

Os grupos "por coesão" são mantidos pelo ideal que empolga as consciências. São os mais consistentes e os mais duradouros. Haja vista a Companhia de Jesus e os conventos de monges cristãos ou budistas. Os grupos "por adesão" são inconsistentes e transitórios. Não envelhecem, por que desaparecem logo. Os grupos "por compressão" passam depressa, como passam os pesadelos das noites mal-dormidas. O instinto de conservação da vida comunitária é mais forte e persistente do que o fanatismo ideológico dos agitadores desvalrados e não deixa de reagir...

A Nação Portuguesa desde os seus primórdios, na Idade Média, até o dia de hoje, vem assumindo os lineamentos e as características de uma verdadeira comunidade, ou seja, um grupo social "por coesão", solidamente constituído pelos valores culturais do humanismo cristão, que lhe enformou as instituições tradicionais da sua vida comunitária e da sua vida pública, através de mais de oito séculos. O humanismo cristão constitui, por assim dizer, o amigo da cultura portuguesa.

Os primeiros reis de Portugal, em vez de empunhar o cetro da realeza, para exercer o poder real, empunharam a

espada, a fim de prosseguir a reconquista do solo pátrio, que ainda estava sob o domínio dos mouros. Tais reis eram mais lidadores na frente de batalha, do que administradores no poço real. Não havia propriamente exército. A mor parte dos combatentes era constituída pelos frades, então chamados freires, que pertenciam às ordens militares.

Os freires eram soldados voluntários que, entrando na vida monástica, traziam por baixo do hábito de monge a armadura de guerreiro. Os freires eram duplamente lidadores: cultivavam os campos de trigo e pelejavam nos campos de batalha. Investiam valorosamente contra os inimigos da Cruz, mas rezavam fervorosamente, para implorar o auxílio divino contra as investidas do Maligno. Para eles, a morte no campo de batalha não infundia pavor. Era antes uma honrosa aventura, uma glória excelsa, a glória que lhes conferia a palavra do martírio, por morrer combatendo pelo triunfo da Cruz de Cristo!

Não os movia o interesse secundário; havia somente em sua alma um ideal místico e patriótico: libertar a pátria do jugo islâmico e reorganizar a vida cristã.

A medida que o antigo território da Lusitânia ia sendo reconquistado, começou a repovoação dos campos, com a formação das paróquias rurais.

Foi a Igreja, quase exclusivamente a Igreja, que se encarregou de reorganizar a vida comunitária da Nação Portuguesa. Os camponeses cristãos que vinham ocupar e cultivar as terras conquistadas se agrupavam sob a direção dos vigários, e eram designados pela denominação latina de "filii ecclesiae" isto é filhos da Igreja. Mais tarde, por evolução fonética, passaram a chamar-se "filigreses", expressão essa que assumiu finalmente a forma de "fregueses". As paróquias rurais, comunidades dos fregueses locais, passaram a ser chamadas "freguesias", nome ainda em uso na atualidade.

Assim, pois, as freguesias de Portugal, formadas por um grupo residencial de fiéis, reunidos em torno de uma Igreja, da qual se julgavam filhos pelo batismo, são historicamente instituições religiosas em sua origem, que chegaram a superar em importância as próprias instituições municipais.

Nessas pequenas aldeias, não havia polícia, não havia magistrados, mas havia ordem. Pois de mantê-la se encarregavam os próprios "homens bons" pertencentes à comunidade. Como foi isso possível? — Isso foi possível, porque a ordem depende mais da boa vontade de quem obedece do que do exercício do poder de quem manda. O princípio de autoridade só é eficiente na manutenção da ordem, quando há lealdade, nas relações entre governantes e governados. Os governantes leais atentam mais para as responsabilidades do cargo que exercem do que para as regalias dele decorrentes... Jamais se julgam os felizes detentores de uma sinecura honrosa, ociosa e bastante rendosa...

Um exemplo edificante e característico do lealismo de um governante português nos é dado pelo procedimento retíssimo e heróico de D. João de Castro, que ao morrer, no alto cargo de vice-rei da Índia, dizia aos circunstantes entre os quais estava São Francisco Xavier: "Não terei, senhores, pejo de vos dizer que ao viso-rei da Índia, faltam nesta doença as comodidades que acha nos hospitais o mais pobre soldado. Vim a servir, não vim a comerciar no Oriente..." E depois de outras considerações dá o motivo porque ficara tão pobre, éle que fôra um fidalgo abastado. Eis suas palavras: "Nas armadas que fiz, primeiro comiam os soldados os salários do governador que os soldos do seu rei...". Por isso, morreu paupérrimo, mas cónscio de que servira lealmente à pátria e à religião.

O lealismo é forma divergente de legalismo, mas o seu conteúdo ideológico é muito diverso. O legalismo é a fidelidade às leis positivas vigentes e ao governo bem ou mal constituído. O lealismo é a fidelidade à retidão da consciência, ao cumprimento dos deveres, ao serviço de Deus e da Pátria. O primeiro nem sempre é desinteressado; o segundo não busca proveitos pessoais. Contenta-se apenas com o dever cumprido, por amor ao ideal acalentado.

Se o lealismo, que presidiu e consolidou a comunidade nacional portuguesa, estiver vivo e atuante em toda a comunidade lusitana, dificilmente o mundo que o Português criou se desintegrará. O lealismo dos governantes e dos governados, atuando poderosamente, como força de coesão interna, não permitirá que tal aconteça. O lealismo vencerá o oportunismo!

ACADEMIA CAMPINENSE DE LETRAS

Realizou sua sessão regimental a Academia Campinense de Letras com a presença dos acadêmicos Francisco Ribeiro Sampaio, secretário geral que presidiu na ausência do presidente, Carlos Penteado Stevenson, secretário, Francisco José Monteiro Sales, Francisco Galvão de Castro, Celso Maria de Mello Pupo, Dante Alighieri Vita, Teodoro de Sousa Campos Junior, Milton Duarte Segurado e Mauro Ribeiro Sampaio. Depois de aprovada a ata da sessão anterior, anunciou o presidente a eleição de diretoria para o biênio 1969-70, que se realizou em seguida, com a escolha de Lycurgo de Castro Santos Filho, presidente, Francisco Ribeiro Sampaio, secretário geral, Celso Maria de Mello Pupo, 1.º secretário, Carlos Penteado Stevenson, 2.º secretário, David Antunes, 1.º tesoureiro e Hilton Federice, 2.º tesoureiro.

O orador da noite foi o acadêmico Dante Alighieri Vita que discorreu sobre a personalidade de Manuel Bandeira; seguiu com a palavra o acadêmico Francisco Galvão de Castro referindo-se à sua conferência anterior e estabelecendo troca de opiniões com demais acadêmicos, visando especialmente a figura de Eça de Queiroz.

CORREIO POPULAR

Academia Campinense tem nova diretoria

Foi eleita a nova diretoria da Academia Campinense de Letras para o biênio 69/70, que está assim constituída: Lycurgo de Castro Filho, presidente; Francisco Ribeiro Sampaio, secretário geral; Celso Maria de Mello Pupo, 1.º secretário; Carlos Stevenson, 2.º secretário, David Antunes, 1.º tesoureiro, e Hilton Federice,

2.º tesoureiro. Nessa ocasião a reunião teve sua parte literária preenchida com conferência do acadêmico Dante Alighieri Vita, que discorreu sobre o poeta Manuel Bandeira, seguido pela palavra do acadêmico Francisco Galvão de Castro, que louvou a obra Leras para o biênio 69-70, que

DIÁRIO DO POVO

(não publicou a notícia enviada).

Bendito

B. Sampaio

Jesus, fonte de Amor e de Agonia!
Por êsse teu amor puro e infinito,
Que ao coração dos bons traz Alegria,
Jesus, fonte de Amor, sejas bendito!

Bendito, pela dolorosa Via
Que tu pisaste, o coração aflito!
Pelo sangue que o corpo te cobria,
Jesus, fonte de Amor, sejas bendito!

Bendito sejas, Cristo macerado
Pela minha maldade de violento,
Que tantas vêzes já me tens perdoado!

E até bendito, pelo teu portento
De colorir as nódoas do pecado
Nas tintas suaves do Arrependimento!

ORAÇÃO

Atendei, Senhor, as nossas preces, pelas quais humildemente Vos suplicamos que a alma do vosso servo **Benedito Sampaio**, que tirastes dêste mundo, repouse na região da paz e da luz, e goze da união de todos os vossos Santos.

Por Cristo Nosso Senhor.

Assim seja.

*Eu sei que meu Redentor vive...
e verei meu Deus.*